

COLÉGIO SÃO FRANCISCO XAVIER



90 histórias de uma única história

Dia 12 de março de 2018:
Colégio São Francisco Xavier,
90 anos. Fundado como Collegio
Catholico Japonez São Francisco
Xavier, pelo jesuíta Padre Guido
Del Toro, originalmente no bairro
da Liberdade, o Sanfra – como
é carinhosamente conhecido –
tem uma longa história que
está guardada não apenas nos
documentos, mas também nos
objetos e no próprio edifício onde
hoje está.

Na memória das pessoas que
passaram pelo Colégio, além
das que hoje estão aqui, está
uma infinidade de histórias
que registram acontecimentos,
situações, vivências, eventos,
ideias, pessoas e lugares mar-
cantes. São histórias que, seja
por sua importância ou por sua
leveza, revelam a diversidade,
riqueza e profundidade das
experiências ocorridas durante
o período em que estudaram ou
trabalharam no São Francisco
Xavier.

É dessa memória, pessoal e
coletiva, que nasceu este livro
e também a razão de seu título:
**Colégio São Francisco Xavier
– 90 histórias de uma única
história.**



Edições Loyola



*90 histórias de uma
única história*

COLÉGIO SÃO FRANCISCO XAVIER



*90 histórias de uma
única história*

Direção Geral

Irmão Marcos Epifanio Barbosa Lima, SJ

Equipe do Projeto Sanfra 9.0

Irmão Marcos Epifanio Barbosa Lima, SJ
Daniela Conti de Oliveira Peixeiro
Glauco Félix Teixeira Landim
Marli Alves Pereira Vasconcelos
Rinaldo Barbosa Melo
Siomara Molina Ferreira
Tiago César Agostinho

Depoimentos

Anna Maria Ribeiro - *Antiga funcionária*
Antônio Alberton - *Antigo Diretor*
Aurindo A. da Rocha - *Enc. de Manutenção*
Claudemir Ramos - *Assistente de Pastoral*
Cláudio Schiesari - *Egresso Xaveriano*
Christiano Toporcov - *Egresso Xaveriano*
Eduardo I. Rezende - *Egresso Xaveriano*
Maria de Fátima Pinto Gabriel - *Funcionária*
Gilberto Covre - *Antigo Diretor*
Heloisa G. C. Fernandes - *Egressa Xaveriana*
Irmão Pedro L. de Gouvêa - *Antigo funcionário*
Irmão Salvador Ienne - *Antigo funcionário*
Jarbas Jorge Júnior - *Egresso Xaveriano*
Jesiane Nunes - *Egressa Xaveriana*
João Batista T. de Souza - *Antigo funcionário*
Laerte Toporcov - *Egresso Xaveriano*
Leo V. Albuquerque - *Egresso Xaveriano*
Marcelo F. Filippini - *Egresso Xaveriano*
Marco Antônio J. Manssur - *Egresso Xaveriano*
Maria Cristina B. Gabas - *Antiga professora*
Maria de Souza Pereira - *Antiga funcionária*
Maurício L. Ferreira - *Egresso Xaveriano*
Padre André Massao Ozaki - *Antigo Reitor*
Padre Eduardo Enriques - *Antigo Diretor*
Padre Manuel Madruga - *Antigo Diretor*
Padre Nelson Lopes da Silva - *Antigo Diretor*
Padre Paulo P. de Freitas - *Antigo Diretor*
Pier Patrick La Rosa - *Egresso Xaveriano*
Priscila Ruiz - *Egressa Xaveriana*
Rafael Lebre Junior - *Egresso Xaveriano*
Renato Brigati - *Professor de História*
Rita de Cássia Abdala - *Egressa Xaveriana*
Rosana Galhardo - *Antiga professora*
Rosângela Zuliani Ruiz - *Antiga funcionária*
Sandra Araújo - *Professora de Educação Física*
Sara Maria Abdala - *Egressa Xaveriana*
Silvana José Lopes - *Antiga professora*
Siomara Molina Ferreira - *Antiga funcionária*
Valter Benegra - *Egresso Xaveriano*
Vânia da Silva Lima - *Antiga Professora*
Victor Tadashi - *Funcionário*
Vital Mancini - *Antigo Assessor Pedagógico*

Coordenação Editorial

A9 Editora Ltda

Entrevistas e redação

Marisa de Paula Souza
Paulo Cezar Alves Goulart

Diagramação

Adriana Maria de Azevedo

Revisão de texto

Milse Conte
Rosani Andreani

Assessoria Executiva

Eliane Machado
MONAC - Centro de Negócios
de Economia Criativa

Pré-impressão e impressão

Edições Loyola
ISBN: 978-85-15-04507-5



Colégio São Francisco Xavier
Rua Vicente da Costa, 39 - Ipiranga
04266-010 - São Paulo, SP
Tel: 11 3013-0320
www.sanfra.g12.br



Edições Loyola
Rua Mil Oitocentos e Vinte e Dois, 341
Ipiranga - 04216-000 - São Paulo, SP
Tel: 11 3385-8500
www.loyola.com.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Colégio São Francisco Xavier : 90 histórias de uma única história / [direção geral Irmão Marcos Epifanio Barbosa Lima]. -- São Paulo : Edições Loyola, 2018.
Vários colaboradores.
ISBN 978-85-15-04507-5
1. Colégio São Francisco Xavier (São Paulo, SP)
2. Colégio São Francisco Xavier (São Paulo, SP) - História 4. Educação - São Paulo (SP) - História
I. Lima, Marcos Epifanio Barbosa.
18-12754 CDD-370.981161

Índices para catálogo sistemático:

1. Colégio São Francisco Xavier : São Paulo :
Cidade : Educação : História 370.981161

APRESENTAÇÃO

Este livro faz memória a uma longa história, a experiências vividas por muitos homens e mulheres no dia a dia do Sanfra, educandos e educadores que partilharam alegrias e dificuldades do caminho, contribuindo, cada um em sua perspectiva, para a realização de uma bela missão.

Em 90 histórias, queremos festejar esse fecundo tempo com toda a Comunidade Xaveriana, agradecer aos depoentes a disponibilidade e registrar em carta, numa deferência ao fundador desta grande obra, a nossa alegria no tempo presente.

“Que ninguém alimente a ilusão de pensar distinguir-se nas coisas grandes, se de antemão não se distinguir nas coisas simples.”
São Francisco Xavier

Carta ao Padre Guido Del Toro

90 anos se passaram desde a concretização, no bairro da Liberdade, em São Paulo, do seu ideal missionário – construir uma escola para evangelizar filhos de imigrantes japoneses.

Tantos sonhos realizados nessas décadas... tanto caminho ainda a percorrer...

Nesse percurso, muitas mudanças no Brasil e no mundo, mudanças para o bem comum e mudanças que rompem, desagregam

e exigem dos educadores que se fortaleçam na missão – preparar e entregar jovens a um mundo cada vez mais ávido de valores sólidos, jovens que sejam comprometidos com a fé e a justiça.

Com certeza, faria o Padre Guido sorrir saber quantas crianças de diferentes nacionalidades, diferentes raças e credos, puderam aprender e compartilhar esse ideal de formação humana e cristã que o inspirou.

Somos gratos por sua generosidade e ousadia, num tempo difícil para muitos no pós-guerra, quando sofriam expatriação e necessitavam de acolhimento.

São Francisco Xavier, o missionário jesuíta no Japão, teve por suas mãos mais uma oportunidade de realizar, no tradicional bairro do Ipiranga, seu “secreto anseio de evangelizar aquela ilha muito grande que se encontra mais além da China”.

Obrigado.

Obrigado também a todos os que tornaram possível a realização deste registro histórico.

CAPS

Comissão de Articulação do Programa Sanfra 9.0

SUMÁRIO

Santinhos	10
A alegria do Padre Novelli	12
A caderneta	14
A Chácara Recanto Anchieta	16
A colcha de retalhos	18
A escolha	20
A foto e o anuário	22
A Pastoral	24
A primeira professora a gente nunca esquece	26
A sede de ouvir do Padre Nelson	28
A tocha	30
Ainda sobre o futebol... afinal, é o Ipiranga!	32
Aperto de mão	34
Associação dos funcionários	36
Atividade teatral: uma joia preciosa	38
Balões da paz	40
Bedel	42
Bienal de arte	44
Bingo	46
Casa de garrafas pet	48
Como ele consegue?	50
Como se o futebol não fosse importante...	52
Comunidade educativa	54
Conversão de pais	56
Crescer, retribuir	58

1 Comunidade Xaveriana: conjunto de pessoas formado por pais, educandos e educadores do Colégio São Francisco Xavier.

Currículo vivo	60	Olimpíada e solidariedade	128
Dia de formação para todos	62	Onde estiverem dois ou três	130
Disciplina na medida certa	64	Oportunidade para os pais	132
Do giz à sala conceito	66	Padre Novelli	134
Educação do educador	68	Pai Nosso, Lennon e Dylan	136
Enchentes e solidariedade	70	Pequenos, mas grandes!	138
Enfermaria	72	Perna de pau	140
Feira dos japoneses	74	Porta-bandeira	142
Festa junina	76	Prazer em ficar na escola	144
Festival de música	78	Primeira professora deficiente física	146
Fica uma marca	80	Quadra de terra	148
Ficar três dias fora?	82	Quando amanhece	150
Fomos evangelizados	84	Reconhecimento	152
Fruto solidário	86	Ronda noturna	154
Gincanas	88	Saquinhos de pão	156
Grandes e pequenos	90	Sementes de girassol	158
Inauguração da quadra azul	92	Seu Severino	160
Informática	94	Shiai	162
Interpretar, cantar, aprender	96	Singularidades, idiosincrasias	164
Japonês e português	98	Sintonia perfeita	166
Me adiciona no FB?	100	Solidariedade além-fronteiras	168
Missa e caderneta	102	Tornaram-se brasileiros	170
Missa e primeira comunhão	104	Troca de balinhas	172
Missão rural	106	Um novo mundo	174
Mudanças	108	Uma grande transformação: a minha!	176
Nerd, medo e acolhimento	110	Uniforme cor de terra	178
No meio do caminho	112	Vocação ou alguma coisa você aprontou?	180
Nunca fui discriminado nem santinho...	114	Vocações	182
O bem que fizeram à escola	116	Você está bem?	184
O filho Papai Noel	118	Você está diferente!	186
O individual e o coletivo	120	Xaverianos	188
O muro	122		
O novo prédio	124		
O pote de balinhas	126		

SANTINHOS (QUE AJUDARAM A CRIAR UM COLÉGIO)

Padre Constantino Gonzalez Garcia nasceu em Valencia, Espanha, no dia 11 de março de 1922. Vindo para o Brasil como missionário, tempos depois, em 1983 escreveu o livro *Conheça seu Colégio*, um resumo histórico da Missão e do Colégio São Francisco Xavier. E, nessa publicação, fez um breve relato do jesuíta Padre Guido Del Toro que resgata uma singular passagem que o motivou a idealizar o Colégio.

Natural de Monte Pulciano, na Toscana, Itália, o jesuíta Padre Guido Del Toro nasceu no dia 26 de junho de 1876. Ordenou-se sacerdote em 1911 e, em 1924, partiu da Itália rumo ao Brasil, chegando ao Estado do Rio de Janeiro. Sobre esse período inicial, Padre Constantino relembra:

“O Pe. Guido [...], depois de passar dois anos na cidade de Nova Friburgo, RJ, no Colégio Anchieta, aprendendo a língua nacional e fazendo o aprimoramento de sua formação [...], foi destinado à paróquia de São Gonçalo, que a Companhia de Jesus mantém a serviço da Arquidiocese no centro da capital paulista, bem perto da catedral.”

Dedicando-se integralmente à evangelização, foi nomeado Diretor da Cruzada Eucarística e do catecismo para crianças e pré-adolescentes. Padre Guido Del Toro empenhava-se em conseguir participantes para essas atividades e ia conseguindo seu intento.

“Era um espetáculo comovente ver a igreja repleta de crianças. Mas o Padre Del Toro era ambicioso”, complementa

o Padre Constantino. Tinha como propósito aumentar o número de crianças. E não poupou criatividade para esse fim.

“Prometeu dar um santinho a quem lhe trouxesse, no domingo seguinte, mais um colega ao catecismo” – revela Padre Constantino.

Sua ideia deu resultado – bem mais do que imaginava. Aumentou o número de catequistas e o espaço necessário para que todos pudessem ser acolhidos. Mas algo chamou sua atenção:

“Começaram a aparecer rostos novos e, entre eles, os dos japoneses. Foi criada uma turma especial para eles, pois estavam limpos em assuntos de fé e piedade”, conclui o Padre Constantino.

Começaria assim a brotar no Padre Guido Del Toro o propósito de realizar sua missão evangelizadora e educativa voltada aos imigrantes japoneses e seus descendentes.

Estava começando a germinar a ideia de uma nova escola: o Collegio Catholico Japonez São Francisco Xavier.

MORAL DA HISTÓRIA

† Soluções simples podem se tornar estratégias singulares e vigorosas para conquistas que vão muito além do esperado.

PONTOS PARA MEDITAÇÃO

† É preciso estar permanentemente atento para reconhecer a forma como a oportunidade aparece.

† Não nos descuidemos daquilo para o que somos chamados: às vezes nos dedicamos firmemente a um propósito e, como resposta, recebemos uma missão sobre a qual não fazíamos a menor suposição.

† Muitas vezes pedimos pão e aparece em nosso caminho o milagre de sua multiplicação.

A ALEGRIA DO PADRE NOVELLI

Retirantes estão em nossa história social, em nosso imaginário. Constroem suas histórias e, de alguma forma, partilhamos delas.

Estão representados na pintura, literatura, música, teatro e tantas outras manifestações. São uma forte referência para estudos e reflexões.

O tema integrou trabalhos realizados no São Francisco Xavier. Em certa ocasião, fez parte de uma das atividades de acampamento realizado pelo Colégio. Viagens, passeios e acampamentos – momentos sempre aguardados, periodicamente renovados e muitas vezes surpreendentes.

Foi na década de 80, no Nosso Recanto, em Sapucaí Mirim, local onde todo ano as várias séries iam ao acampamento. Os Xaverianos mais velhos atuavam como monitores, sob a supervisão do Padre José Vieira Novelli, SJ. Nessa ocasião, foi feito um trabalho teatral sobre uma família de retirantes, alinhado ao tema da Campanha da Fraternidade.

Entre os integrantes do grupo teatral estava o anão Márcio Roberto. Mais conhecido por Marcinho, participou da montagem fazendo o papel de um bebezinho. Para fazer a cena, conseguiram um berço para colocar o Marcinho. Em certo momento da peça, haveria uma cena em que o bebê seria retirado do berço para a família carregá-lo.

Peça ensaiada, começou a apresentação. Na cena em que tiravam a coberta do bebezinho... lá estava o Marcinho...

Acabou sendo um momento surpreendentemente engraçado e a reação foi imediata: uma gargalhada generalizada de toda a assistência. Ele “era uma figura”, como lembra Christiano Toporcov, Egresso Xaveriano e participante da peça:

“O Marcinho era pequenininho, mas era um “terremoto”. Tanto que ficou mais de castigo no acampamento do que participou.”

Além dessa situação, todos ficaram muito surpresos também com o Padre Novelli: ele, que não era de rir – sempre estava reservado, sério –, também não se conteve. Deu muita risada com a cena, para espanto e alegria de todos os Xaverianos.

O papel do “bebê-terremoto” e as risadas do Padre Novelli foram inesquecíveis para todos que ali estiveram. Precioso e inesperado momento de descontração e espontaneidade, testemunhado por aqueles que conviviam com o Padre Novelli.

MORAL DA HISTÓRIA

† Tudo preparado, menos para o inesperado.

PONTOS PARA MEDITAÇÃO

† O cuidadoso preparar de um trabalho sobre uma importante e delicada causa não exclui a alegria que as surpresas do inesperado podem trazer.

† O inesperado pode revelar surpreendentes atitudes das pessoas.

† Aproveite a contagiante alegria que vem das pessoas e circunstâncias das quais menos se espera.

A CADERNETA

“Este aqui sou eu...” – comenta Léo Vilarinho, estudante do São Francisco Xavier entre 1951 e 1954, ao abrir o caderno e mostrando uma foto de 1952.

Além da foto, Léo tinha também, como todo Xaveriano, uma caderneta escolar nesse período.

“Nós tínhamos uma caderneta escolar na qual era carimbada a presença diária no Colégio. E, no fim de semana, tínhamos que comparecer à missa e aí a caderneta tinha também que ser carimbada.”

Mas a caderneta tinha outra importante função:

“Qualquer alteração que houvesse, qualquer comunicação, o Padre Takeuchi (Inácio Shigeo Takeuchi, Reitor do Colégio entre 1950 e 1959) escrevia nessa caderneta. Através dela, ele se comunicava com os pais, e os pais se comunicavam com ele.”

Bom... era assim até o dia que o Léo teve uma ideia um pouco diferente:

“Eu escrevi na caderneta uma mensagem falsa, como se fosse para meus pais. Eu não me lembro exatamente o que era. Era algo como se eu tivesse feito alguma coisa de errado na escola. Mas eu achava que ninguém ia ler aquilo...”

Contrariando sua expectativa, seus pais leram e, atendendo à comunicação, foram até o Colégio.

“Aí o que aconteceu é que eu levei uma bronca do Padre. Uma bronca de verdade. Eu achei que era só uma bobagem

de criança, sem nenhuma consequência, mas acabei sendo chamado... E vi a proporção que a coisa tomou...”

Léo acabou aprendendo que a caderneta era – de fato e unicamente – para a comunicação entre a escola e os pais.

Certamente a bronca pedagógica do Padre Takeuchi ajudou a esclarecer – para não mais esquecer – essa função da caderneta. Que não é, exatamente, o melhor lugar para mostrar criatividade...

MORAL DA HISTÓRIA

† A mentira tem pernas curtas.

PONTOS PARA MEDITAÇÃO

† Cada criança, em sua circunstância, experimenta possibilidades daquilo que está disponível, daquilo que enxerga como oportunidade. Muitas vezes é assim que vai descobrindo a dimensão do que faz e as consequências que isso traz.

† Todo equívoco que a criança está sujeita a cometer é uma oportunidade para que o adulto aprenda melhor como orientá-la.

† Criatividade, curiosidade, simulação, brincadeira, desafio etc. – o que teria sido? As formas de uma criança descobrir cada coisa e seu funcionamento é um desafio permanente para a atenção e a sensibilidade do educador.

A CHÁCARA RECANTO ANCHIETA

O dia era intenso. Um dia inteiro, ou mais, para dedicar-se a temas e questões que estimulavam a reflexão, fosse individualmente ou em grupo. Estavam todos ali para descontraír, aprender, interagir e refletir – em meio à natureza. E aí encontravam alguns dos muitos saborosos frutos que ela poderia oferecer: ar puro, pássaros, árvores, paz, silêncio e muito verde. Tudo em um espaço muito acolhedor que convidava cada um a voltar-se para o exercício do aprimoramento pessoal.

Iam somente os jovens, os pequenos ficavam. A participação era espontânea, iam os que tinham vontade, e muitos Xaverianos queriam estar lá. Iam de coração aberto, com a mente voltada para esse encontro – com eles mesmos, com os outros, com a natureza – em que inúmeras atividades iriam acontecer.

Liam a Bíblia, refletiam. Naquele contexto, tudo se transformava em oportunidade para promover uma integração maior com os colegas. E todos se beneficiavam dessa maior aproximação e entrosamento, dessa atmosfera de sinergia e harmonia.

Estavam na chácara do Colégio em Riacho Grande. Uma ampla área reservada para toda a comunidade educativa do São Francisco Xavier. Aí aconteciam atividades pedagógicas e de formação, entremeadas de lazer, descontração, alimentação e descanso. Momentos inesquecíveis.

Entre os diferentes ambientes da chácara, para alguns a varanda era o melhor lugar, pois oferecia uma ampla e privilegiada visão, de onde se vislumbrava um espetacular horizonte, com a represa Billings servindo de panorama. A sensação de paz, de sintonia e de gratidão era imensa e inevitável.

Assim, com o espírito preparado para tudo isso, plenos de expectativas, partiam do Colégio.

E, em seu destino, a Chácara Recanto Anchieta.

MORAL DA HISTÓRIA

† “Onde estiver o teu tesouro, aí estará também o teu coração” (Mt 6,21). Identificando o que é importante para cada um de nós, teremos certeza de qual caminho tomar para nos dedicarmos àquilo que escolhemos.

PONTOS PARA MEDITAÇÃO

† O melhor dia em nossas vidas é o dia de hoje.

† Aquilo que é importante para você pode estar acontecendo neste dia, neste instante.

† Há contextos que favorecem o autoconhecimento. Mas todo lugar e toda circunstância são oportunidades para o autoconhecimento. Aproveite o agora!

A COLCHA DE RETALHOS

Retalhos...

Geralmente são um estimulante desafio sobre o que fazer com eles. Afinal, alinhavando os pedaços, sempre podem virar algo. Podem se transformar em artefatos de decoração, artigos utilitários ou peças de artesanato - entre outros.

Podem ainda se tornar literatura: assim nasceu o livro *Colcha de Retalhos*. E não parou aí: do livro surgiu o homônimo projeto no Sanfra, com participação dos Xaverianos do 1º ano, em 2009.

Para esse projeto, o Colégio promoveu encontros em que famílias da comunidade eram convidadas a dar seus depoimentos, algo sobre suas histórias de vida. Dessas famílias, mais comumente vinham as avós. Elas contavam fatos sobre a família, sobre sua infância. Às vezes traziam uma receita ou uma música. Sempre algo que resgatasse situações do passado.

Cada família trazia também para esses encontros um pedaço de retalho que tivesse algum significado especial para seus membros.

Depois de realizados vários depoimentos, e de vários retalhos doados, os participantes do projeto faziam uma colcha dessas doações de retalhos. Esse era o primeiro objetivo: fazer dos retalhos de pano que cada família trazia uma peça a ser utilizada na montagem de uma colcha.

Concluída a colcha de retalhos, havia um destino já previsto para ela: ser doada para um asilo. Para isso, organizava-se um

evento especial. Os participantes do projeto preparavam um kit com a lembrança e um momento de chá com os idosos, além de alguns convidados. Havia uma apresentação das crianças com música e dança.

Para as crianças, o convívio com os idosos e suas experiências era muito importante. A conversa com os idosos era uma forma de resgatar o passado ao mesmo tempo em que levavam vida para o asilo.

Foi assim durante cinco anos. A longevidade do projeto estava associada ao vigor e à aceitação da ideia. Nesse período em que o “Colcha de retalhos” manteve-se como projeto – e que recebeu um troféu do Prêmio Construindo a Nação, do Instituto de Cidadania Brasil, na Sala São Paulo, como melhor projeto para o Ensino Fundamental – foi uma das ferramentas de aproximação e renovação de experiências entre Xaverianos e idosos.

MORAL DA HISTÓRIA

† As histórias de vida, simbolicamente reunidas e tecidas através de retalhos e transformadas em artigos para doação, traziam uma mensagem essencial: podiam transformar-se em uma oportunidade de manifestação do universo afetivo para quem estava no asilo e de gesto de escuta solidária para quem estava na escola.

PONTOS PARA MEDITAÇÃO

† A colcha de retalhos não nasce pronta: ela é um passo a passo, pedaços que se somam pouco a pouco, um retalho de cada vez. É preciso ter o senso de espera, de perseverança e de propósito.

† Exercitar a escuta é condição essencial para poder colocar-se no lugar do outro.

† A solidariedade é uma tessitura que requer uma ação permanente e envolvente.

A ESCOLHA

chegava um sensível momento: o da escolha. Era 1995, e a antiga aluna Priscila Ruiz estava com 15 anos.

Momento delicado em que, despretensiosamente, se escolhia alguém – que poderia fazer parte, ou não, do grupo de pessoas com as quais se convivia no Colégio. Ali, naquela circunstância, talvez até fosse imponderável sobre quem recairia a escolha.

Estavam ali reunidos, como em outros encontros, alguns colégios jesuítas. A atividade envolvia Xaverianos, professores e funcionários – era uma integração muito grande. Uma experiência pastoral, extrassala, de formação de valores.

Semana Santa em Itaiçi. Priscila relembra:

“A gente já ficava sob uma atmosfera intensa, envolvida por aquele ambiente. Entre as atividades da Semana, tinha um momento muito forte de reviver aquela cena de Jesus.”

Vários grupos eram formados. Cada pessoa escolhia alguém do seu próprio grupo para repetir a cena. Nessa hora, Priscila decidiu por uma funcionária do São Francisco Xavier e dirigiu-se para Maria Tereza Claret, a Coordenadora da Pastoral na década de 90.

“Eu tinha um afeto enorme por ela, mas tinha uma distância também. Era uma senhora e naquele momento a escolhi para lavar os pés dela.” – completa Priscila.

Talvez justamente por não ter uma convivência próxima, por não haver uma intimidade entre ambas, Maria Tereza

“ficou emocionada, eu me lembro muitíssimo bem. Porque ela não esperava ser escolhida – mas, é claro, todos nós seríamos e fomos. Lembro bem a reação e o olhar dela, de surpresa e de reconhecimento”.

Priscila – que posteriormente esteve em Itaiçi, onde pôde reviver esse momento – destacava nesse gesto não só o sentido da crença, mas também da formação de valores:

“Foi uma experiência pastoral muito forte. Para mim, a mais marcante.”

MORAL DA HISTÓRIA

† Humildade, bondade e ternura constituem uma vigorosa base para fazer aflorar e pôr em prática a virtude do servir.

PONTOS PARA MEDITAÇÃO

† Acolhe com dignidade aquele que vem para lavar teus pés; e que possam te acolher quando você fizer o mesmo gesto.

† A opção pelos gestos de humildade favorece uma aproximação entre as pessoas.

† Reviver o gesto do lava-pés é uma oportunidade de renascer para a permanente mensagem do servir.

A FOTO E O ANUÁRIO

No momento de ingresso no Sanfra, é um componente simples e fundamental: o registro em 3x4, uma foto com seu melhor sorriso! Esse era um rito que se repetia anualmente.

E as cópias das fotos tinham destino certo: uma ia para o prontuário do Xaveriano; outra, para a caderneta escolar e mais uma para o “carômetro”. E, em determinado momento, para o arquivo. E, lá no arquivo, todos os Xaverianos que estudaram no Colégio iam se encontrando, quase que face a face. E, assim, formando, ao longo dos anos, foto a foto, a memória imagética de cada turma e série. Aquele punhado de fotos, de diferentes etapas de vida, formam uma singela trajetória de sua evolução física e facial, captação visível da evolução humana de cada Xaveriano.

Mas o destino desse singular conjunto não é apenas tornar-se um arquivo morto. Esses registros trazem também uma história, que começa a ter “cara” quando alguém se debruça sobre essa coleção de rostos e vê ali vida a ser contada.

Então aí começa uma verdadeira transformação.

No Colégio São Francisco Xavier, essa transformação começou em 1988, continuando até 2002. Por iniciativa do Padre Roberto Villar, SJ, e, em seguida, do Padre Nelson Lopes da Silva, SJ, com o especial empenho da Anna Maria Ribeiro e do João Batista Tonante de Souza, ambos da Secretaria, o Colégio dava início a uma série de Anuários.

Uma a uma, as fotos dos Xaverianos daquele ano iam

sendo agrupadas por série e turma. Todos os Xaverianos daquele ano lá estavam, reunidos por grupos, identificados pelo nome. Em cada página, vários retratos compoem uma classe.

Acrescentava-se ao trabalho um perfil do Colégio, incluindo detalhada pesquisa sobre o ano letivo concluído. Com tudo pronto, o material seguia para a gráfica.

Não demoraria para o Colégio receber os exemplares do Anuário, que iria se tornar a primeira publicação interna sobre o Colégio.

Documento de registro e preservação histórica, de divulgação bem como objeto de lembrança para o Xaveriano e seus familiares, o Anuário, ao resgatar um momento do Colégio a partir do acervo fotográfico, passaria também a fazer parte da sua própria memória, contribuindo para a organização e preservação dessa documentação.

Fotos de Xaverianos que até hoje estão aí – resgatando uma vivência de companheirismo, descobertas e aprendizado – para ajudar a contar e preservar uma história de 90 anos!

MORAL DA HISTÓRIA

† Quem guarda tem. Quem preserva valoriza. Quem organiza encontra. Quem encontra o que procura agradeça por estar no lugar que deveria estar. Todos se beneficiam com isso – encontrando o que procuram. Um antigo provérbio diz: “Cada cousa em seu lugar, poupa tempo e muito falar”.

PONTOS PARA MEDITAÇÃO

- † Como você visita a história da sua família?
- † Onde estão armazenados os registros que ajudam a resgatar a memória de seus entes queridos de hoje e de ontem? Quando os visitou pela última vez?
- † É sempre uma boa ação criar ritos para visita à memória de nossas vivências e relações humanas.

A PASTORAL

Até 1989, havia a Pastoral no Colégio, mas não era uma atividade estruturada. Nesse ano, Antônio Alberton, que trabalhou como Coordenador de Segmento e Diretor entre 1989 e 2015, iniciou suas atividades no Colégio, onde permaneceu até 2015. Vindo de um colégio de freiras, Alberton, em pouco tempo, identificou-se com a proposta jesuíta de formação intelectual, espiritual e física.

A partir de 1989, houve uma reestruturação da Pastoral, inicialmente voltada somente aos Xaverianos. A Catequese realizava-se às 18h e a missa, aos domingos, às 19h, iniciativa do Padre Antônio Basiaga, SJ, para toda a comunidade educativa. Em 1991, com a vinda de Claudemir Ramos, implanta-se o DDF – Dia de Formação e o Estágio Social, trabalho realizado juntamente com os professores. Nessa época, a Pastoral voltou-se principalmente para a dimensão social, com os Xaverianos realizando visitas a asilos, creches etc. O objetivo básico era trazer reflexões específicas para cada idade, um misto de humano com religioso, orientando o grupo para as questões abordadas.

As visitas eram realizadas à tarde, fora do período de aula, para não comprometer a presença na escola. Os Xaverianos desenvolviam teatro, expressão corporal, atividades e dinâmicas. Inicialmente realizadas no Colégio, com o tempo passaram a ocorrer em espaços externos ao Colégio para Xaverianos a partir do 6º ano. Era um momento em que se

integrava o ensino religioso ao curricular.

A partir daí, os DDF e o Estágio Social passaram a fazer parte do currículo escolar, sendo opcional a participação do Xaveriano.

Os Dias de Formação e o Estágio Social eram ações de inserção no mundo da sociedade. Alberton reforça que “o Colégio não é um espaço que se vive dentro do muro. É necessário levar as crianças. Uma coisa é você falar que existe favela, existe menor abandonado, que existe velho no asilo. Outra coisa é ir lá e conviver. Então o foco sempre foi esse: levar o Xaveriano à convivência extramuros. Você está trazendo um Xaveriano para o que está acontecendo dentro da sociedade. E, através dessa inserção, desenvolve-se o viés religioso”.

MORAL DA HISTÓRIA

† Experiências que provocam na pessoa a percepção de que determinadas atitudes podem contribuir para a mudança de uma realidade são propulsoras de uma transformação pessoal.

PONTOS PARA MEDITAÇÃO

† A vivência de uma determinada realidade, até então conhecida apenas através da informação, dá novos e substanciais elementos para reelaborarmos nossos conceitos e valores.

† O estímulo à reflexão sobre determinada realidade e a preparação para uma atuação visando a melhorar algum aspecto dessa realidade – tendo como fundamento o potencial pessoal de poder provocar uma mudança nesse meio – acabam gerando um dos mais expressivos benefícios de sua atitude: sua transformação interior.

† Uma proposta para chegar até o outro é o melhor caminho para levar à descoberta de si mesmo.

A PRIMEIRA PROFESSORA A GENTE NUNCA ESQUECE

“Oi tia Sil, queremos seu endereço.”

Quando estava atravessando uma rua, a professora Silvana José Lopes, de Língua Portuguesa, encontrou-se com um Egresso Xaveriano. Surpresa por vê-lo, e grata por seu pedido, passou o endereço e despediram-se. Era 2015.

Silvana lembrava-se bem: a família tinha dois filhos, ambos Egressos Xaverianos, dos quais havia sido a primeira professora. Primeiras letras, primeiras leituras, primeiras lições – início de um ciclo sem fim de descobertas dentro do Colégio, onde treinam também para o “lá fora”.

Para ela, a relação entre os membros da família, desde os primeiros dias de aula, e o Colégio revela uma afinidade muito imediata e transparente: “As crianças chegam e gostam, e isso é muito precioso”. Já os “pais veem aqui como um segundo lar”. O Sanfra tem uma forte característica de família.

Primeira professora e base para anos de convivência de um sem número de fatos e experiências. É um longo tempo de estudo e um longo aprendizado também afetivo.

Nesse gradual e consistente processo, Xaverianos e professores desenvolvem laços que permanecem, mesmo depois que os Xaverianos saem da escola. E “a amizade vai junto” – assegura Silvana.

Assim, passados vários, e depois de passar seu endereço, um certo dia o Egresso Xaveriano vai até a casa de sua primeira professora. Novamente surpresa – e que representou um dos

momentos de muita emoção para ela –, ouve a notícia:

“A gente quer convidar você para o nosso casamento.”

E havia um motivo muito especial para o convite:

“A primeira professora a gente nunca esquece, o seu abraço, o seu sorriso, o seu carinho.”

MORAL DA HISTÓRIA

† Fazer parte de um grupo social, de uma comunidade, pode requerer de cada um que o integra a aceitação dos modos de comunicação que esse meio utiliza e através do qual interage.

PONTOS PARA MEDITAÇÃO

† Colocar-se no lugar do outro talvez seja a forma mais completa de comunicação.

† A cada tempo, sua forma de se comunicar.

† Os modos de pertencimento a um determinado grupo e também como se realiza sua comunicação se renovam constantemente. Precisamos estar atentos aos modos do falar e do ouvir que constantemente nos são propostos pela contemporaneidade.

A SEDE DE OUVIR DO PADRE NELSON

ela é indispensável e insubstituível. E também um bem finito.

Basta percorrer algumas áreas do Colégio: ela é presença certa. No refeitório, na lanchonete, nos banheiros, nos bebedouros... Estamos tão acostumados que parece não haver nada especial no fato de a água estar ali, quando precisamos dela – sede, limpeza, higiene, preparação de alimentos, para a vida do planeta. Faz parte da vida do Colégio e da nossa vida. É uma permanente e, cada vez mais, uma inadiável lição que, de certa forma, quase não a percebemos. Vista, usufruída, ouvida – ela está ali, sempre pronta, parecendo tão fácil: é só acionar um botão ou abrir a torneira.

Tamanha necessidade e equivalente disponibilidade pode gerar sua intensa utilização. Mal nos damos conta se uma torneira fica alguns segundos desnecessariamente aberta ou gotejando após fechada; um bebedouro acionado e não usado etc. Isso multiplicado por centenas de pessoas pode representar um volume até substancial de perda do líquido.

Houve uma época em que o consumo estava muito alto no Sanfra, bem acima do que efetivamente poderia ser necessário. Era preciso fazer alguma coisa. Sim, era preciso ouvir o apelo das águas. E como isso poderia ser feito?

Aí entra em cena o Padre Nelson Lopes da Silva, SJ, Reitor do Colégio entre 1992 e 1999. Sempre intensamente presente e muito atento a todas as questões do Sanfra,

inevitavelmente deparou-se com a constatação do excesso de consumo. “Vamos economizar água!” – poderia ter sido uma orientação imediata para todos. Mas não foi isso que ocorreu.

Afinal, Padre Nelson tinha sede de ouvir.

Um forte lado inaciano era visível nele: ouvir, estar junto de forma acolhedora. Tinha um diálogo com a comunidade, sua porta sempre estava aberta. Ele era muito receptivo. Em vez de elaborar uma circular, preferia ouvir a opinião de todos, procurando saber o que de fato estava acontecendo e qual seria a solução mais apropriada. Com uma postura singular, humilde, comentou:

“Estamos gastando muita água... O que vocês acham que poderíamos fazer?”

Agindo dessa forma, ele provocava em cada um o propósito de voltar-se para essa questão assim como para os mais diversos problemas e situações. E todos que, direta ou indiretamente, haviam contribuído ou tomado conhecimento do problema, passaram também a fazer parte da solução.

MORAL DA HISTÓRIA

† Saber ouvir pode constituir a maneira adequada de estimular no outro um sincero desejo de manifestação, participação e busca de solução.

PONTOS PARA MEDITAÇÃO

† Muitos problemas não são solucionados ou porque não são reconhecidos como sendo um problema ou simplesmente porque não são detectados.

† Saber participar é também saber ouvir, atitude que se refletirá sobre a opinião e os questionamentos dos demais.

† A correta formulação de um problema ou uma questão é condição indispensável para que se chegue a uma solução apropriada.

A TOCHA

Desde o surgimento da Festa da Ginástica até as posteriores Olimpíadas, os eventos esportivos do Colégio sempre causavam um grande fascínio entre Xaverianos e todos os que acompanhavam as apresentações e competições.

As equipes, as modalidades, o empenho e a habilidade de cada um, a vibração da torcida, as vitórias – tudo era um grande espetáculo!

Para chegar à Olimpíada, a dedicação era imensa tanto daqueles Xaverianos que queriam participar, disputando sua vaga, quanto de toda a organização do evento. Ao longo do ano, ocorria a preparação para a grande festa!

Eram meses até chegar o esperado dia: muita gente do Colégio e convidados, uma alegre e participante torcida, uma expectativa contagiante.

Todos posicionados, iniciava-se o primeiro grande momento da Olimpíada: um Xaveriano que, percorrendo a extensão da quadra interna, carregava a tocha olímpica, em um momento solene e de grande júbilo – para onde iam as atenções.

Depois de realizar o percurso, na quadra coberta em que os pequeninos estavam sentados para ver a cerimônia com um sorriso e brilho nos olhos, aproximava-se da pira olímpica, que ficava em um pedestal nos degraus da arquibancada lateral.

Para o Xaveriano – sempre alguém escolhido como

forma de reconhecimento por sua trajetória no Colégio –, representava o momento culminante.

E, não importando quais fossem os resultados, certamente nascia ali um evento vitorioso que ia muito além da quadra, que se estenderia, ao longo das performances individuais ou por equipes, aos encontros, à confraternização.

Com a pira olímpica acesa, as competições já podiam começar.

MORAL DA HISTÓRIA

† O anseio de transformar cada dia em uma celebração não suprime a celebração de reunir tudo aquilo que foi feito todos os dias para comemorar um dia especial.

PONTOS PARA MEDITAÇÃO

† Todos os dias estamos carregando uma espécie de tocha – mensageiros que somos de que uma nova e renovadora etapa em nossa vida pode estar começando.

† Cada escolhido traz um subjacente reconhecimento que o convida a estar ainda mais comprometido com a finalidade de ter sido eleito.

† Sempre há o comemorar, a começar pelo simples fato de que chegamos até aqui.

AINDA SOBRE O FUTEBOL... AFINAL, É O IPIRANGA!

(Padre Eduardo Henriques, SJ)

Atualmente, o Sanfra abria suas portas para uma feijoadinha beneficente, organizada por uma empresa cujos donos eram pais de Xaverianos. O projeto envolvia muita gente, até de fora da comunidade educativa. Uma escola para crianças com paralisia cerebral recebia todo o lucro da festa. O Sanfra sempre foi assim: comunitário e especial!

A certa altura do bingo, dois vencedores gritaram vitória e apresentaram-se para o cobiçado prêmio: uma camisa oficial do seu time de futebol autografada pelos respectivos jogadores. Um era palmeirense, e o outro, são-paulino. Cartelas conferidas, cada um tirou uma pedra para ver quem saía com a de maior valor.

Na época, o Palmeiras estava em situação difícil, com grande risco de ir para a Segunda Divisão do Campeonato Brasileiro, o que, infelizmente, acabou acontecendo. Quando perguntado sobre a pedra que tinha tirado, o palmeirense disse:

“Pedra número 1!”

Consternação geral, seguida do comentário do locutor:

“Gente, independentemente do seu time, vamos concordar: a situação está difícil!... É disputa de pedra mais alta, e o palmeirense me tira a pedra número 1?!”

É. A solidariedade com causas maiores faz de todos nós mais irmãos, compassivos e comprometidos!

MORAL DA HISTÓRIA

† A solidariedade não escolhe pessoas ou situações para se manifestar: ela pode estar presente nos mais diversos momentos em que é preciso se pôr no lugar do outro, compreendê-lo e ter uma atitude que possa acolhê-lo em sua circunstância.

PONTOS PARA MEDITAÇÃO

† Há um reconforto em ter a consciência de que, além do próprio anseio, há aqueles que podem estar torcendo por você.

† A socialização de um sentimento de compaixão que sintetiza uma expectativa que pode ser coletiva é uma forma de reconhecer que há uma torcida comum para que a dificuldade daquela situação seja superada ou atenuada.

† É importante ter a humildade de reconhecer que, quando apenas um, entre dois ou mais, é o contemplado, estamos diante de uma oportunidade de vivenciar, paradoxalmente, um firme anseio de sermos agraciados e, ao mesmo tempo, de treinarmos o desapego que a situação também enseja.

APERTO DE MÃO

Rafael Lebre Junior, Egresso Xaveriano, fez o primário entre 1956 e 1959 no Sanfra. No ginásio, estudou de 1961 a 1964. “Era um estudo bem puxado” – comenta. E, além disso, na missa, aos domingos, não se podia faltar. “A caderneta era carimbada pelo Padre Miranda”, referindo-se ao Padre Fernando Maria Álvarez de Miranda, SJ. A presença na missa e em outras atividades religiosas fez com que se sentisse privilegiado em relação à formação católica. Se hoje faz canto lírico é porque aprendeu “a cantar aqui na escola, com marchas e música religiosa”.

O professor Gibson, de História, e as aulas de Português, do Padre Pio, lhe trazem boas lembranças. O professor Pedro Furuzato, de Desenho, após as férias do meio de ano propôs um desafio. Fez um desenho na lousa e disse: “Quem resolver a questão ganhará dez até o fim do ano...”. “E eu ganhei!”.

Certa ocasião, o professor Joãozinho, de Matemática, disse para fazer cem cópias de um desenho.

“Então, o que a gente fazia? Usava papel carbono. Aí ele falava: ‘Você caprichoso, hein? Faz colorido, né? Preto, azul, preto, azul [o azul do carbono...]. Mas vai levar castigo. Vai fazer o dobro. Se não trouxer, vai levar zero’. Aí tinha que fazer ‘sem colorido’.”

Nessa época, os professores eram padres japoneses e espanhóis. O Reitor era o Padre Ângelo Banki, SJ, Reitor do Colégio entre 1961 e 1965, que tinha “uma peruazinha Renault 1947”. Havia Xaverianos semi-internos:

“Eles ficavam aqui embaixo. Tinha uma escadaria para chegar até onde eles ficavam, perto da cantina.”

Era a cantina da dona Ana. Ali, na hora do recreio, “a gente comia um doce que se lambuzava todo”.

Com o professor Ary Melega era “puxado mesmo. Tinha exercícios físicos até de rastejar”. E quando tocava algum hino, havia o infalível “peito prá fora, barriga prá dentro”.

Matemática era sua disciplina preferida, mas vivenciou algumas situações inusitadas:

“Eu era ‘caxias’ e um pouco sarcástico. Debruçado sobre a prova, ouvi um colega falar baixinho: ‘a segunda’.”

Virou-se para trás, dizendo:

“Ahn? A segunda?”, em voz alta. E o professor: ‘O que está acontecendo aí?’. Respondi: “Ele quer saber a segunda.” O professor pegou a prova e fez o gesto de rasgar. Eu não admitia que o outro quisesse colar.”

Para Rafael, o mais importante no São Francisco Xavier foi a formação de sua conduta moral, educação e dignidade. Sua vontade de ser correto e não lesar ninguém. E ter aprendido um forte aperto de mão:

“Isso, de cumprimentar com um aperto de mão firme e olhando nos olhos, eu aprendi também aqui.”

MORAL DA HISTÓRIA

† Nas aulas da vida, o aprendizado está presente em tudo: dos mais vigorosos conteúdos aos gestos mais simples na relação com o próximo.

PONTOS PARA MEDITAÇÃO

† Os ensinamentos chegam de diferentes modos nas diferentes pessoas.

† Nem toda ajuda é sinônimo de solidariedade.

† Os gestos de paz estão sempre próximos de um gesto das mãos.

ASSOCIAÇÃO DOS FUNCIONÁRIOS

Um ambiente amistoso no dia a dia do trabalho permeava as diversas áreas do Colégio. Funcionários realizando suas atividades, dentro de um clima de sinergia, para que o Sanfra tivesse um funcionamento adequado.

Em certo momento, percebeu-se que essa convivência poderia ser revitalizada e ampliada de modo a proporcionar uma experiência renovada entre os funcionários. E até mais: entre as famílias dos funcionários.

Assim, por iniciativa do Padre Roberto Villar, SJ, Reitor do Colégio entre 1988 e 1992, nasceu, no início da década de 1990, a Associação dos Funcionários Auxiliares e Assistentes Administrativos – AFAAD, primeiro movimento de formação e de lazer para os funcionários. Organização interna do Colégio, a AFAAD tinha seu próprio estatuto, contemplando alimentação, lazer, refeitório, benefícios para os funcionários. Bem estruturada, dispunha do que era necessário para garantir a efetiva consecução de seus objetivos. Até um espaço próprio para suas atividades dentro do Colégio foi conquistado. Os funcionários aderiram com entusiasmo à ideia. Em pouco tempo, começaram as atividades.

Os esportes, sempre motivadores, eram bastante procurados. Havia competições entre times de futebol, campeonatos de pebolim e bilhar – disputados em horário especial dentro do Colégio. E uma torcida empolgada com as disputas. Para os funcionários e suas famílias realizavam-

se excursões à chácara, em clubes, até Boraceia, Campos do Jordão e Aparecida do Norte (todas no estado de São Paulo) em fins de semana. Era um momento muito aguardado. Ao chegarem, todos da família tinham direito ao café da manhã, além do almoço, cujos custos estavam inclusos nas taxas pagas pelos associados. Adultos e crianças usufruíam das várias opções de entretenimento. Deliciosos e inesquecíveis momentos de conagração em que a proximidade e a convivência das famílias favoreciam o fortalecimento dos laços de amizade.

Os eventos internos dos funcionários e as excursões transformavam-se em oportunidades para promover maior união do grupo – clima que se espalhava no ambiente do Colégio a cada novo dia de trabalho.

MORAL DA HISTÓRIA

† Promover meios que estimulem a saudável integração, o bem-estar das pessoas e a qualidade naquilo que realizam – no ambiente de trabalho ou fora dele – torna a pessoa mais motivada e comprometida com os objetivos pessoais e do grupo onde se insere, tornando mais humana suas relações com os que estão à sua volta.

PONTOS PARA MEDITAÇÃO

† Em iniciativas que são de interesse do grupo em que se está inserido é importante ter consciência do seu papel para a concretização das aspirações coletivas.

† Para as ações positivas poderem acontecer, é fundamental dar o primeiro passo, e depois o segundo e ainda um terceiro... Caminhando, passo a passo, em direção ao seu propósito, é possível perceber que as transformações decorrem do fato de estar se movimentando.

† Convivência não é somente uma arte mas ciência e paciência – como requer todo relacionamento humano.

ATIVIDADE TEATRAL: UMA JOIA PRECIOSA

*P*ara o Padre Nelson Lopes da Silva, SJ, Reitor do Colégio São Francisco Xavier entre 1992 e 1999, a Comunidade Educativa, a revitalização dos espaços físicos da escola e a aquisição de imóveis para ampliar o potencial educativo do Colégio foram algumas das características marcantes do período.

E destacou, também, a atividade teatral:

“Uma joia preciosa, querida e admirada por todos. Com nomes em seu corpo docente que hoje são referências no cenário artístico, de dramaturgia e de direção teatral na cidade de São Paulo, e mesmo no exterior, o Sanfra sempre encontrou no teatro uma expressão de si mesmo.

Grupos se formavam durante o tempo de Colégio e alguns continuavam para além dele e, embora os ensaios e apresentações continuassem sendo na escola, houve grupo que se apresentou em um renomado teatro de São Paulo. Se havia um incentivo por parte da escola, subsidiando as atividades teatrais, não era menor o interesse e motivação dos Xaverianos em delas fazerem parte.

Tais atividades artísticas e esportivas integravam o projeto educativo visando a uma formação integral e, ao mesmo tempo, atualizavam antiga tradição da Companhia de Jesus, desejosa, em toda a sua história, de que a dimensão humanista estivesse presente nos processos educativos.

Herdeira de grandes mestres jesuítas, como Anchieta e

Andrea Pozzo, a educação nos colégios jesuítas teve sempre a preocupação de que os esportes e especialmente as artes fizessem parte da vida escolar.

E o São Francisco, sem dúvida alguma, manteve essa tradição”.

MORAL DA HISTÓRIA

† O convite que a escola faz para que crianças e jovens desenvolvam um processo de sensibilização através das artes constitui uma insubstituível ferramenta do grupo e de cada integrante para conhecerem melhor a si mesmos.

PONTOS PARA MEDITAÇÃO

† A arte estimula novas percepções e descobertas na busca da compreensão do mundo e de quem somos nele.

† No ambiente escolar, o teatro desperta em cada um a capacidade de se expressar, revelando e assumindo seu protagonismo na vida e auxiliando na construção de seu desejo de aprender.

† Atividades artísticas e esportivas na escola são treinos que ensaiam crianças e jovens na promoção da responsabilidade individual no bom relacionamento entre colegas.

BALÕES DA PAZ

Um dia de agosto de 2015.

Em certo momento, alguns balões cheios de gás hélio começaram a aparecer no céu. Eram bexigas fazendo uma pequena festa nos ares do Ipiranga. Deslocavam-se livremente, ao sabor dos ventos.

Com o tempo, iam se esvaziando e perdendo altura. No fim de sua breve trajetória, o destino era, inevitavelmente, a calçada, o telhado, o quintal, a rua... Não, o destino ia um pouco além: os balões foram feitos para chegar até as pessoas.

E chegaram! Alguns caíram nas ruas e telhados; outros, nos quintais de casas onde seus moradores foram espontaneamente brindados com as bexigas. A curiosidade acompanhava o gesto de segurar os balões para saber o que aquilo significava.

E a resposta estava ali mesmo: eram balões que traziam mensagens e uma identificação: Colégio São Francisco Xavier.

Algumas pessoas guardaram a lembrança. Outras, mais sensibilizadas, não tiveram dúvida: decidiram ir até o Colégio. E chegando lá, para a grata surpresa dos professores, as pessoas foram simplesmente agradecer. Agradecer pela mensagem recebida daquela forma. Agradecer pela original ideia de mensagens espalhadas por meio de balões, cujo destino era imprevisível – e, nesse imponderável, um havia pousado em suas casas.

Certamente a atitude dessas pessoas não estava prevista pelos professores. Mas, com certeza, fechava um ciclo que havia começado com a Passeata da Paz.

Para o evento, professores e Xaverianos pensaram em fazer algo original, que sensibilizasse e multiplicasse seus efeitos para além da Passeata. Daí nasceu a ideia dos balões contendo um bilhete dentro com mensagens de paz. Era como se o propósito fosse “espalhar a paz” ou “semear nos ventos a paz”.

Com a decisão pelos balões, foram selecionadas as mensagens, redigidos os bilhetes, colocados dentro da bexiga. E os pulmões fizeram sua parte.

Em certo momento da Passeata, os balões foram soltos.

MORAL DA HISTÓRIA

† As sementes, uma forma sutil e insubstituível de mensagem de vida, procuram terrenos onde possam frutificar. E o melhor terreno, sem dúvida, é o coração das pessoas.

PONTOS PARA MEDITAÇÃO

† Há pessoas que precisam, umas mais do que outras, receber mensagens de paz ou essa mensagem é permanente para todos?

† Vale a pena ter atitudes que promovam o bem sem saber a quem isso irá beneficiar ou mesmo se irá beneficiar alguém?

† Nesse processo de semeadura, que espécie de solo você é?

BEDEL

Laerte Toporcov, Xaveriano entre 1949 e 1950, sempre teve um perfil de liderança.

Essa característica pessoal não passou despercebida do Colégio nem de sua classe. No dia a dia, utilizava espontaneamente esse traço de personalidade para fortalecer a integração com seus colegas. Destacando-se por sua desenvoltura, em uma ocasião, foi orador em solenidade no teatro do Padre Chico.

“Não me lembro se foi em nome do Colégio todo ou da minha turma. Era uma festividade e eu mesmo escrevi o que falei.”

Mas sua maior conquista foi o reconhecimento da própria classe:

“Eu era o bedel. Quem tinha mais amizade com o pessoal era escolhido bedel. O bedel era escolhido entre os próprios Xaverianos.”

Laerte teve, assim, a oportunidade de praticar uma liderança interna, promovendo, ao mesmo tempo, um clima de amizade.

E o que fazia o bedel?

“Eu tomava conta da classe, cuidava para o pessoal se comportar. Respondia pela classe.”

Mas, em uma prova de Latim – matéria que todos sentiam grande dificuldade –, o bedel Laerte não resistiu à prerrogativa de poder dispor, de escalar cada Xaveriano nas

carteiras da sala. Quando um dos colegas de classe, apelidado de Padreco – em função de ter feito o Seminário durante um certo tempo, e ter domínio razoável do latim –, sentou-se, Laerte não teve dúvida:

“Porque era bedel, e o [Xaveriano] Irineu Ventura era um dos mais altos da classe, eu o escalei para sentar atrás do Padreco...”

E aquilo que o Irineu viu, toda classe tomou conhecimento e anotou.

Para Laerte, futuro advogado, aquele era o momento da liderança do bedel ser utilizada para “salvar” toda a classe de uma dificuldade.

MORAL DA HISTÓRIA

† As situações de vida vão mostrando paradoxos e contradições no caminho cuja resolução revela o quanto somos constantemente desafiados no momento que tomamos nossas decisões.

PONTOS PARA MEDITAÇÃO

† O talento, ou a vocação, de uma criança desde muito cedo pulsa. E os mecanismos são utilizados de forma espontânea dentro do espírito de companheirismo que, gradualmente, vai sendo depurado.

† Diante de uma dificuldade da maioria daqueles que estão no grupo ao qual pertence, a solidariedade manifesta-se dentro do que é possível naquele momento.

† Quando uma solução que visa a aliviar uma dificuldade coletiva usa algum subterfúgio é um sinal e uma oportunidade para se refletir sobre aquilo que tem causado a dificuldade.

BIENAL DE ARTE

Uma Bienal de Arte para integrar mais os colégios jesuítas? Algo já estava acontecendo nesse sentido. A partir de 1989/1990, os colégios jesuítas iniciam um trabalho mais intenso de aproximação. Era preciso intensificar o diálogo entre si.

E aí veio uma importante decisão: no final da década de 1990, os arte-educadores dos colégios São Francisco Xavier, São Luís, Santo Inácio, Loyola, Escola Técnica de Santa Rita do Sapucaí, Jesuítas e Anchieta se unem para organizar sua Bienal de Artes.

O Colégio Loyola, de Belo Horizonte, em 2001, foi o primeiro anfitrião; o tema da Bienal foi “diversidade”. Depois, em 2003, foi a vez do Colégio Anchieta, em Friburgo, no Rio de Janeiro, adotando “unicidade” como diretriz para os trabalhos.

E, com a proposta “Brasil Terra Brasilis”, o Colégio São Francisco Xavier recebeu todos em 2005. E participou com sua equipe de artes, música e teatro, com apresentações, exposições, visitas a museus da cidade e oficinas artísticas.

Para realizar a Bienal, o Colégio necessitava organizar também equipes de apoio, para dar o atendimento adequado a todos os Xaverianos, professores e coordenadores.

Assim, a professora Vânia da Silva Lima solicitou à diretoria que Xaverianos e Egressos Xaverianos que já haviam participado das bienais anteriores pudessem ser monitores do

evento.

Empolgados com a oportunidade, não só houve uma intensa participação dos Xaverianos e Egressos Xaverianos como também uma adesão muito expressiva do restante do Colégio: professores de outras áreas foram se envolvendo com a Bienal, e funcionários de uma forma geral ajudaram muito em todo o processo. Além deles, a APM também colaborou ativamente.

A mobilização foi geral, e o resultado, bastante festejado.

MORAL DA HISTÓRIA

† As várias formas de mobilização que o ambiente escolar e as artes em geral proporcionam é um treinamento imprescindível e fortalecedor para as futuras mobilizações em outros ambientes e situações que vão se apresentar a cada um.

PONTOS PARA MEDITAÇÃO

† Nas atividades coletivas, tanto maior a consistência e a possibilidade de chegar aos objetivos da equipe quanto mais houver abertura para que cada um colabore naquilo que sabe fazer melhor.

† A mobilização não é apenas o quanto o indivíduo pode fazer por todos, mas o quanto o grupo e a causa podem fazer pelo aprimoramento de cada um.

† Quando estamos fazendo parte de uma equipe, estamos promovendo um diálogo interno: queremos nos ver inseridos e integrados, potencializados em nossa capacidade de estar juntos, de pertencer.

BINGO

O pessoal ia chegando. Xaverianos, pais, amigos, familiares, funcionários, professores, pessoas do bairro.

Chegavam e ali se encontravam, conversavam – clima de muita descontração no Colégio.

Mas, em certo momento, era hora de começar. Cada um pegava sua cartela. Começava a torcida. Várias cartelas...

Alguém, tirando um por um, ia cantando os números. E vinha o primeiro número sorteado:

“Sete!”

E algum engraçadinho já falava:

“Chama a boa!”

Era só o começo. Um número atrás do outro, e as cartelas iam sendo aos poucos preenchidas.

“Dois patinhos na lagoa [22]!”

Um murmurinho se espalhava pelo ar.

Mais alguns números e a primeira rodada estava quase chegando ao fim. Cada um olhando para a cartela ao lado. Expectativa...

E, finalmente, o número certo é cantado. Alguém, no ato:

“Deu aqui!!!”

Sim, deu alegria para o ganhador, para todos os que estavam presentes no salão naquele momento de diversão e muita participação.

Era um bingo beneficente! Mais um encontro promovido pelo Colégio para levantar recursos para sua obra educacional,

por meio de um passatempo e união de todos os participantes.

E assim, por várias ocasiões, o Colégio pôde realizar ações como essa – um bingo –, que ajudaram a viabilizar obras que beneficiaram Xaverianos, famílias e o próprio bairro, que via acontecer no São Francisco Xavier eventos abertos à comunidade. O Sanfra era um núcleo promotor de atividades e apresentações que acabavam se tornando oportunidades de lazer e de interação.

E, assim, todos saíam premiados!

MORAL DA HISTÓRIA

† O prêmio nem sempre está no artigo que se ganha ou se doa, mas na obra que se está ajudando a movimentar.

PONTOS PARA MEDITAÇÃO

† Em nossa vida, podemos entrar em muitas casas. Mas se tornam muito especiais aquelas que podemos ajudar a construir.

† Um ganho coletivo implica também um ganho individual.

† Alegria e gratidão são poderosos ingredientes para uma ideia se transformar em realização.

CASA DE GARRAFAS PET

Algumas garrafas pet aqui. Outro tanto adiante. E mais ainda um pouco além.

E assim, durante alguns dias, foi sendo formado um grande volume de garrafas.

Ao todo, centenas delas, coletadas pelos Xaverianos. Era só o começo. Era 2012.

Tudo reunido para o próximo passo: construir uma casa com garrafas pet.

Projeto definido, mãos à obra! Afinal, havia muita gente para ajudar e uma equipe multidisciplinar bastante entrosada.

O professor de Física ensinava questões relacionadas à estrutura e resistência dos materiais. Os professores de Química, Matemática e Biologia, juntamente com os Xaverianos, conversavam sobre os tipos de materiais a serem utilizados.

O projeto incluía também outras soluções alinhadas à questão ambiental: móveis feitos com material reciclado e um coletor de energia solar para aquecimento da água. Só faltava o projeto transformar-se em realidade, concretizar-se. Nesse momento, os Xaverianos e professores puderam contar com a imprescindível colaboração da equipe de manutenção. Todos ali reunidos para ajudar a erguer e a montar a casa.

O desafio não foi pequeno, não só pela razoável complexidade da proposta, mas também pelo número de pessoas envolvidas: uma imensa equipe formada – além de

professores e pessoal da manutenção – por todas as turmas do 2º ano, que pôs a mão na massa... de plástico.

Uma experiência sensível e ímpar para aqueles que participaram da construção de uma casa de garrafas pet dentro do Colégio.

MORAL DA HISTÓRIA

† Tijolo, bloco ou garrafa pet: a essência está na união em torno da qual se erguem casas, ideias e vidas.

PONTOS PARA MEDITAÇÃO

† De todas as reciclagens, a mais essencial é a que dá vida ao propósito de servir, construindo a permanente esperança de sermos seres melhores.

† Escola e vida são como um rio e sua margem: não se podem separar.

† Um novo ciclo sempre é possível quando nos propomos a dar vida, criar uma nova etapa e conferir um novo significado ao que parecia estar encerrado.

COMO ELE CONSEGUE?

O professor de Matemática entra na sala. Um dia de 1962. Em pouco tempo, a classe ia criando uma certa expectativa.

Ficam olhando para ele, para seus movimentos. O professor aproxima-se da lousa... “Não, não foi dessa vez” – parece que estariam pensando.

A aula continua. E a atenção dos Xaverianos perpassa entre o conteúdo que ouvem e aquilo que ele escreve na lousa. Ou melhor, no modo como escreve na lousa. Como se pensassem: “Será que é dessa vez? Parece que agora sim. Olha! É incrível! Como ele consegue?”

Com muita habilidade e domínio, parecia quase mágica! Naquele momento a aula era como se fosse um espetáculo. E o professor não poupava o domínio que tinha.

Cada olhar que estava nele naquela hora poderia ajudar a memorizar a matéria – ele sabia disso. E sabia também que não estava ensinando truques.

O professor, naquele momento da aula, sabia que havia qualquer coisa de encantamento nos Xaverianos – além de algo de humor e leveza na condução de sua matéria.

“Como ele consegue?” – talvez expressassem em pensamento.

Era uma mistura de espanto, admiração e alegria.

(Cada professor buscava sua maneira de melhor chamar a atenção para o conteúdo de sua aula. Cada olhar atento era uma conquista – uma presença mais efetiva na sala de

aula. Cada um da classe ia procurando identificar onde estava o seu “encantamento” pela matéria. Às vezes um detalhe no modo de ensinar...).

E Rafael Lebre, Egresso Xaveriano, estava entre aqueles que, ainda hoje, lembram daquele prodígio:

“O professor de Matemática, nunca vi um cara que nem aquele. Ele escrevia com as duas mãos, de costas.”

E a mão esquerda dava continuidade ao que a direita havia escrito – sem que ele estivesse vendo o que estava sendo escrito com giz. E sem errar!

Rafael não perdia uma aula...

Afinal, como ele conseguia fazer aquilo?

MORAL DA HISTÓRIA

† Quando as mais inusitadas e aceitáveis habilidades estão a serviço da interação entre Xaveriano e professor, revela-se o quão sábias soluções didáticas são fundamentais no processo de aprendizagem.

PONTOS PARA MEDITAÇÃO

† Um tanto de lúdico, de humor e clima de fraternidade em sala de aula são recursos presentes na formação dos Xaverianos.

† Não há limites para o uso de competências aceitáveis para se incentivar a aprendizagem em sala de aula.

† A compreensão de que é fundamental motivar no Xaveriano o interesse pelo saber faz daquele que ensina um atento observador de como suas próprias habilidades podem ser aplicadas e incrementar a comunicação dos conteúdos.

COMO SE O FUTEBOL NÃO FOSSE IMPORTANTE...

(Padre Eduardo Henriques, SJ)

Estava no pátio, recém-chegado, mas já conhecido o bastante para um Xaveriano da Educação Infantil aproximar-se e perguntar sem rodeios:

“Padre, é verdade que você é corintiano?”

Expliquei detalhadamente – Por que os adultos somos assim? – que eu tinha escolhido o Corinthians quando me mudara para São Paulo porque, sendo belo-horizontino e atleticano, encontrava semelhanças entre os dois times: as cores preta e branca e o fato de o Corinthians ser considerado o time mais popular.

O Xaveriano ouviu pacientemente – Graças a Deus as crianças às vezes são assim! – e fulminou:

“Achei que padre fosse do bem!”

Depois de uma gargalhada, tentei me defender:

“Mas eu sou do bem!”

“Se você é corintiano, você não é do bem.”

E meu pequeno príncipe em formação saiu em disparada pelo pátio, rumo à vida e à sabedoria, com tanto ainda para aprender!

MORAL DA HISTÓRIA

† É fundamental exercitarmos nossa capacidade de construir diálogos. Somente assim poderemos desenvolver e praticar os meios que podem nos levar a compreender e trabalhar nossas diferenças.

PONTOS PARA MEDITAÇÃO

† Há diferenças que podem levar à oposição ou, no limite, ao confronto; há diferenças que caminham em harmonia lado a lado pois não implicam que um queira suprimir ou submeter o outro. E precisamos saber distinguir umas das outras.

† Torcer por algo ou por alguém – ou não torcer por algo ou por alguém – não transforma a pessoa naquilo que um pensamento contrário imagina que o outro seja.

† De escolhas distintas não surgem necessariamente adversários; e adversários não são inimigos.

COMUNIDADE EDUCATIVA

Diretor-Geral do Colégio São Francisco Xavier entre 1992 e 1999, Padre Nelson Lopes da Silva, SJ, é enfático:

“Uma das características mais marcantes que aí encontrei foi a de uma Comunidade Educativa – pais, Xaverianos, professores, educadores – aqui incluídos os funcionários – que se constituía em uma grande família, com grande sentimento de pertença e sintonia com os objetivos da instituição.”

O ambiente do Colégio era de grande familiaridade e, nem por isso, de menor profissionalismo:

“Familiaridade que se traduzia nos encontros de corredor, nas relações professor-Xaveriano em sala de aula, na proximidade dos pequenos com os grandes nos recreios, nos momentos de confraternização festiva, no desejo dos Xaverianos de permanecerem na escola mesmo fora dos horários escolares, no carinho e respeito com que todos se tratavam uns aos outros.”

Nesse clima institucional, os inevitáveis desafios e dificuldades, inerentes a qualquer comunidade educativa, tornavam-se fardos bem mais leves:

“Este clima familiar potenciava ainda mais a dimensão profissional dos educadores. Homens e mulheres capacitados, abertos e atentos ao processo de formação continuada, que se esmeravam, através de uma dedicação sem limites, à missão que lhes fora confiada. Isso se traduziu, de uma forma ainda mais especial, na implementação da educação personalizada e

comunitária que exigiu, não sem uma resposta empenhada por parte de todos, uma reformulação de métodos e conteúdos.”

Ainda que eventuais reparos pudessem ser feitos do modo como essa metodologia foi introduzida, a resposta dada pelos educadores a esse ambiente de renovação foi excelente:

“Embora não destaquemos quais foram os maiores astros ou estrelas da Comunidade Educativa de então, podemos afirmar que foi o conjunto do brilho das luzes que nos permitiu admirar a grandeza do universo chamado Sanfra.”

MORAL DA HISTÓRIA

† O sentimento de pertencer a um grupo torna mais consistente a possibilidade de realizar com determinação seu papel, contribuindo para que o objetivo seja atingido.

PONTOS PARA MEDITAÇÃO

† A escola é um preparar-se constante para sua própria renovação.

† A escola nos ensina a perceber que estamos permanentemente aprendendo com as pessoas.

† Quando há uma fina sintonia com os propósitos da comunidade em que se insere e um forte sentimento de pertencimento, a dedicação é intensa, perseverando e irradiando-se para todos os demais.

CONVERSÃO DE PAIS

Sentados em suas cadeiras, olhares atentos. Ouviam, acompanhavam as aulas, anotavam em seus cadernos. Eram as décadas de 1950 e 1960.

Algumas inevitáveis distrações... mas, ao fim do dia escolar, certamente haviam absorvido algo. Era isso que cada um levava para casa: esse “algo absorvido”.

Esse dia a dia no Colégio era uma espécie de conta-gotas do qual fluíam, aos poucos e continuamente, informações, reflexões e experiências que iam formando o repertório singular de cada criança. Disciplinas e atividades. Mas, além disso, da formação dos Xaverianos fazia parte o ensino religioso.

Enquanto isso, no ambiente familiar, inúmeras crianças – em sua maioria, ainda os descendentes de imigrantes japoneses – conviviam com pais pagãos. Apesar de terem colocado seus filhos para estudarem no Colégio, eles próprios não eram católicos.

No início da década de 1950, o São Francisco Xavier passou a ter o ginásio. Depois de dias, meses e anos de Colégio, a criança que havia iniciado seus estudos no primário saíra dali como um jovem formado no ginásio.

O permanente processo educativo formava não apenas Xaverianos. Participando da catequese e indo às missas – inseridos em um trabalho religioso de princípios jesuítas –, eles irradiavam sua formação cristã dentro do Colégio e fora

dele. Em especial, em suas casas.

A jornada educativa do Sanfra firmava-se nos Xaverianos com vigor, e seus propósitos estendiam-se através de cada um deles para fora do Colégio. Em decorrência, gradualmente as famílias passaram a participar mais da escola, das atividades escolares e religiosas.

E foi assim, através da educação recebida pelos Xaverianos ao longo das décadas de 1950 e 1960, que muitos pais, muitas famílias não católicas foram se convertendo, tornando-se cristãs.

MORAL DA HISTÓRIA

† O desenvolvimento da dimensão espiritual cristã no ambiente educacional torna-se uma poderosa ferramenta para estimular a aproximação da família da comunidade educativa, de seus valores, de suas ações e da principal finalidade da educação de seus filhos: ter como desígnio atitudes em que o outro se sinta acolhido.

PONTOS PARA MEDITAÇÃO

† O trabalho gradual, perseverante, motivador e transformador da conversão da família a partir de um trabalho educacional traz resultados que fortalecem os laços familiares e uma presença mais efetiva dos pais na formação de seus filhos.

† Uma formação educacional que se volta à construção de valores não se encerra naqueles que estudam na escola, mas contém o poder de frutificar e permear os ambientes e irradiar-se para os próximos.

† Xaverianos e comunidade escolar são semeadores, agentes de uma mensagem de transformação. E, onde estão, vão deixando um pouco de si, como boas sementes.

CRESCER, RETRIBUIR

Às vezes, só de saber que os filhos estão próximos brota uma sensação de confiança. Ali, naquele lugar, acolhidos por todos os que estão à sua volta. E, principalmente, envolvidos por firmes valores de formação humana. Sente-se uma consistente proteção para o crescimento das crianças.

Sem dúvida, é um privilégio para os pais poderem acompanhar de perto o desenvolvimento escolar dos filhos. Testemunharem, ao lado dos pequenos, sua evolução e os passos que os conduzirão à vida adulta.

Essa foi uma das marcantes experiências da Secretária de Direção Rosângela Zuliani Ruiz: poder vivenciar o cotidiano de sua filha, Priscila, no São Francisco Xavier. Trabalhando no Colégio desde 1989, tinha a expectativa de que Priscila pudesse estudar ali. Esperava que pudesse acompanhar a evolução da filha, sua inserção no cotidiano da escola e ver de perto suas mudanças.

Em 1990 esse anseio começou a tomar forma quando sua filha tinha 10 anos. Priscila entrou no Colégio e permaneceu até o 3º ano do Ensino Médio, em 1997. Oito anos de uma intensa vivência escolar. “Eu trabalhava o dia inteiro e, enquanto isso, ela estava aqui dentro.” – observa Rosângela.

A partir daí, inúmeras experiências contribuíram para moldar valores e condutas de Priscila.

Desde o início, participava de visitas a creches e asilos. Eram momentos singulares de contato, de interatividade e de

partilha com crianças carentes e idosos. Momentos de maior atenção com o próximo, fortalecendo o desenvolvimento humano da criança. Eram oportunidades para absorver outras realidades distintas da que viviam. Aqueles que passavam por essa experiência não ficavam indiferentes.

Algumas vezes, Priscila voltava chorosa do asilo. Em outras ocasiões, ao contrário, chegava radiante: havia simplesmente conseguido que um dos idosos dançasse com ela.

A experiência, integrante da formação humana do Xaveriano, dava frutos que se estendiam para além do ambiente e da prática escolar. Rosângela lembra-se:

“Toda essa vivência resultou em muito carinho e paciência da Priscila para com os avós. Eles cuidaram dela e, depois, inverteu-se a situação: ela cuidou deles. E por que ela agia assim? Porque desenvolveu isso aqui no Colégio.”

E Rosângela pôde testemunhar de perto esse processo.

MORAL DA HISTÓRIA

† As sensíveis experiências humanitárias absorvidas no período escolar constituem um legado que estará sempre presente na vida do estudante, ensejando preciosos momentos de sincero compartilhamento com quem precisa, em função dos cuidados recebidos anteriormente.

PONTOS PARA MEDITAÇÃO

† Vale aqui o que diz a canção: “fica sempre um pouco de perfume nas mãos que oferecem rosas...”

† Aquilo que se faz para o próximo, e que representa um benefício para o outro, acabará por se constituir em um bem humanitário ainda maior se também representar algo no aprimoramento pessoal daquele que se doou.

† Lançar um atento olhar aprimora o próprio modo como se enxerga as circunstâncias, as pessoas.

CURRÍCULO VIVO

*D*e casa até o Colégio cada Xaveriano levava um tempo para fazer o percurso.

No trajeto, cada local ou situação eram observados com maior ou menor atenção. Era um bom treino ir observando o que estava pelo caminho...

Até que se chegava ao Colégio. E lá dentro começava mais um dia. Convivência e aprendizagem por dias, meses e anos. Uma preparação contínua para absorção de conteúdos.

E, dentro do São Francisco Xavier, prepara-se, gradualmente, para um conteúdo muito especial: a realidade fora do Colégio. Aquela realidade que requer uma reflexão mais apurada, uma percepção mais precisa, um olhar mais fraterno – contrapondo-se ao excesso de competitividade.

Para isso, lá dentro do Colégio, os Xaverianos elaboravam projetos que incluíam ações de inserção social. E o objetivo, necessariamente ousado: desenvolver alguma prática para a mudança de algum aspecto dessa sociedade.

Eram projetos pedagógicos e da Pastoral que os Xaverianos transformavam em uma ação social comunitária, proporcionando oportunidade de contato direto com diferentes populações, geralmente com restrições de diferentes naturezas.

Essa vivência – o “currículo vivo” que permitia transformar em vivência o que estava no papel – acabaria por se transformar em uma influência fundamental em seus participantes. A

formação para as práticas sociais fazia, e faz, uma substancial diferença. Xaverianos voltando efetivamente modificados por essas experiências, tão marcantes, que levariam um tanto disso para a vida pessoal e profissional.

E nisso revelava-se um forte traço da prática educacional xaveriana: fazer da escola um espaço com espírito de comunidade, um espaço solidário para vivenciar e promover uma possível relação mais fraterna – contraponto de uma sociedade tão materialista e vazia.

MORAL DA HISTÓRIA

† Fazer acreditar que é possível um mundo mais justo e fraterno, promovendo oportunidades para vivenciar essa utopia – é um dos mais consistentes propósitos da formação dos Xaverianos no ambiente escolar.

PONTOS PARA MEDITAÇÃO

† A formação de um sujeito humanista, com uma formação integral e valores cristãos, propõe modelos que possam refletir sobre essa realidade – tão predominantemente competitiva e materialista – e oferecer uma resposta mais fraterna.

† O trabalho permanente da escola é revelar a crianças e jovens a principal matéria-prima de seus estudos: uma sociedade a ser transformada.

† O conhecimento sensível da realidade traz uma favorável condição de formar sujeitos protagonistas, conscientes de seu papel nas mudanças que precisam acontecer.

DIA DE FORMAÇÃO PARA TODOS

Vários Xaverianos já haviam percebido as mudanças. Algumas se apresentavam de forma discreta; outras, de modo bem visível.

A Pastoral era parte integrante da formação jesuíta. A partir de 1989, houve uma reestruturação integrando a Pastoral, que passou a ter uma equipe no dia a dia. Antonio Alberton destaca que os DDFs (Dias de Formação) – que até então existiam como atividade esporádica, opcional aos Xaverianos – passaram a ser integrados como atividade curricular obrigatória. Em seguida, os estágios sociais foram também integrados ao currículo.

E o que isso representava? Uma experiência nova em formação cristã – e isso era uma conquista e tanto!

Em pouco tempo, percebeu-se que o alcance desse trabalho poderia ser ampliado. E um desafio: era preciso ir além e difundir a mensagem de forma mais integral no ambiente escolar. Era preciso que essa experiência encontrasse ressonância para além dos Xaverianos, criando uma renovada sintonia com os que estavam à sua volta.

E quem estava, no dia a dia, mais próximo do Xaveriano?

Os professores. Sim, os professores eram aqueles que mais constantemente estavam ao seu lado. Objetivando aprimorar ainda mais o diálogo e o alinhamento com as questões dos Xaverianos, os docentes passaram a fazer os DDFs a partir de 1992.

Mas a proposta da Pastoral visava a um alcance ainda

maior: vislumbrou chegar aos pais. O bom e flexível relacionamento entre a comunidade interna do Colégio e famílias era um importante fator que favorecia essa proposta.

Claudemir Ramos – que, entre 1991 e 2016, atuou como Agente de Pastoral, Ensino Religioso, Diretor de Formação Cristã e Coordenador – relembra esse período:

“Foi marcante a mudança de trabalho com os pais, pois não havia uma Pastoral aberta para eles. Não havia uma Pastoral aberta para os pais. Então, nós começamos a fazer um DDF de pais. Tirar os pais daqui para um Dia de Formação. Isso foi algo que marcou muito o trabalho.”

Essa foi uma das importantes características da década de 1990: uma intensa busca interna para conseguir uma sintonia melhor em toda a comunidade educativa, com professores, funcionários e pais fortalecendo seus vínculos e sua adesão às atividades, aos princípios e à missão do Colégio.

MORAL DA HISTÓRIA

† A harmonia e a coesão internas, em qualquer ambiente e instituição, são necessárias e podem ser continuamente trabalhadas, refletidas e renovadas para que se obtenha delas o melhor que podem oferecer.

PONTOS PARA MEDITAÇÃO

† Uma solução que gera formas de aprimoramento na relação entre as pessoas traz um componente intrínseco: seu poder de irradiação, de fazer com que mais pessoas possam também se beneficiar desse bem.

† Quando todos falam a mesma língua, há uma auspiciosa convergência para que os resultados sejam mais promissores, e o processo educativo, mais consistente, integrado e eficaz.

† Em toda mudança que se quer promover, é fundamental encontrar os meios adequados de sensibilizar e motivar aqueles que são a razão da transformação desejada.

DISCIPLINA NA MEDIDA CERTA

Eduardo Ignacio Rezende, Egresso Xaveriano, comenta sem rodeios: “Eu não era de estudar muito.”

As famílias e o Colégio se empenhavam. Mas essa era a realidade: ambos precisavam lidar com o interesse dos Xaverianos, que ia desde uma dedicação intensa a uma razoável dificuldade nos estudos.

O resultado? Notas proporcionais à dedicação... independentemente de quanto de acesso tinham a uma boa formação no Colégio. Ou do incentivo e dos meios para se aprimorar ou despertar para os estudos.

E assim cada um, no ambiente escolar, vai tecendo sua história e suas possibilidades.

Então, que fazer se o Eduardo não era de estudar muito? O que fazer para que não estudasse somente na época de provas e exames?

Mas nem tudo eram dificuldades. Eduardo se interessava bastante pelas aulas de Educação Física. Com muito entusiasmo dedicava-se às atividades esportivas. Lembra que foi “goleiro e ainda treinava no Clube Atlético Ipiranga”.

Ao lado disso, conviveu com a firme disciplina do Colégio. A motivação pelos esportes e o cuidadoso acompanhamento do Colégio em relação à sua dificuldade constituíram importante base para sua formação.

“A cultura aprendida no Colégio foi excelente, e o ensinamento, muito bom. A escola me ensinou o caminho,

que era rígido sem exagerar, e justamente isso me incentivava.” – afirma Eduardo.

Despertar o interesse para os estudos e para a importância da disciplina, como ocorreu com Eduardo, pode se transformar numa das principais conquistas para Xaveriano, professores, colégio e família.

MORAL DA HISTÓRIA

† Cada um traz o avanço possível em seu potencial. A maior conquista é ser o melhor na medida daquilo que consegue alcançar.

PONTOS PARA MEDITAÇÃO

† O limite é apenas um dos aspectos daquilo que compõe a imensidão do ser humano.

† Cada Xaveriano estabelece uma maior identidade com determinada área de interesse que, adequadamente trabalhada, será sua porta de entrada para o amplo conteúdo que a escola tem a oferecer.

† A diversidade de perfis dos Xaverianos que estão na escola é um desafio no processo permanente de ensinar a convivência entre os diferentes e suas diferentes características e potencialidades.

DO GIZ À SALA CONCEITO

Carteiras e bancos articulados de madeira, com uma canaleta no tampo para colocação de lápis e caneta. Décadas atrás, o universo do aprendizado estava naquele ambiente – a sala de aula. No máximo, um retroprojeto ou um projetor de slides e laboratórios com alguns aparelhos e objetos para a realização de poucas experiências. É uma rigorosa disciplina.

No começo, bem no começo, somente salas de aula – quadro-negro, giz e apagador. Nada mais.

Mas as mudanças são necessárias, inevitáveis. São as respostas que os novos tempos sempre precisam dar para adequar a aprendizagem às exigências do contemporâneo.

Um dia a canaleta deixou de ser obrigatória; o giz – que durante mais de um século reinou absoluto – não é mais único. O laboratório passou a ser o mundo – que a cada dia vai cabendo mais num chip. Mas que não substitui o mundo. E assim segue...

E o São Francisco Xavier acompanhou e acompanha essas mudanças. Para chegar ao que é hoje, renovaram-se os formatos dos espaços, os ambientes, o boulevard, a biblioteca, a flexibilidade da disposição das cadeiras nas salas de aula. Com essas mudanças, vão se formando condições para a promoção de novas dinâmicas, percepções e estímulos para uma melhor desenvoltura na aprendizagem do Xaveriano.

Nesse processo, chega-se a soluções – totalmente inseridas no trabalho pedagógico atual – que seriam impensáveis

não muito tempo atrás. Por exemplo, uma visita a uma sala conceito mostra um pouco dessa atualidade. Uma das salas de informática passou a ter um caráter mais alternativo; mesas com mobilidade que propiciam um ambiente mais descontraído e aconchegante; o Xaveriano pode escrever nas mesas e nas paredes com total liberdade. É um espaço onde o Xaveriano – totalmente alinhado a essa ideia – tem mais autonomia.

A atualização e a adaptação precisam ser permanentes. Daqui a algum tempo, a realidade também será outra. E outras serão as necessidades que esses outros tempos trarão. E lá estará o imprescindível e atento olhar sempre renovador da educação.

MORAL DA HISTÓRIA

† A todo momento e nas mais diferentes circunstâncias estamos vivendo a mudança, pois em nada há permanência.

PONTOS DE MEDITAÇÃO

† “O trem que chega / É o mesmo trem / Da partida... / A hora do encontro / É também, despedida” (Encontros e despedidas, Milton Nascimento). Muitas reflexões, como essa letra de música, podem sugerir sutis diferenças: fala de um fim (de um ciclo) ou de uma mudança, uma renovação? Ambas expressam uma continuidade. Por trás dessa dinâmica, sempre estaremos falando de vida, de vidas.

† “O sol se levanta e o sol se põe e depressa volta ao lugar de onde se levanta” (Eclesiastes, 1:4-7). Os ciclos (dia-noite; nascer-morrer) previsíveis, e a mudanças, imprevisíveis, são inerentes à vida.

† Previsibilidade e imprevisibilidade – é sobre esse caminho que vamos tecendo nossas decisões.

EDUCAÇÃO DO EDUCADOR

A manhã é dia de...? O Xaveriano olha a agenda para se lembrar de levar o material certo ou preparar algo específico.

A cada dia de aula, sua bagagem estudantil vai mostrando novos contornos. Entre aulas e atividades, vai experienciando novas descobertas. Alguns conteúdos oferecidos pelo Colégio são visíveis e absorvidos de modo mais imediato; outros, exigem um tempo maior de maturação...

Ao longo do tempo, vai descobrindo que esses conteúdos trazem uma característica mais profunda: é continuamente convidado a observar a si mesmo, o outro e o meio em que vive. É instado a refletir sobre essas relações e, talvez, o desafio maior:

“Qual o meu papel nisso tudo?”

Ele vai aprendendo que é fundamental, sim, ler e escrever... a possibilidade de uma nova realidade. De um mundo mais solidário.

E, para isso, precisa de instrumentos adequados. Afinal, como lidar com aquilo que vive dentro do Colégio – e suas extensões, através de atividades, projetos e ações extramuros – e o que está ali, do lado de fora?

Nesse processo, vai percebendo, com crescente clareza, que entre a escola e a realidade fora dela está a insubstituível mediação do professor – e a pedagogia inaciana.

Vital Mancini Filho, Assessor Pedagógico do Colégio entre 1996 e 2015, fala do papel desse professor:

“Para o educador inaciano, o professor tem que ser um formador. Ele está inserido na formação de valores do Xaveriano. O Colégio investiu na formação desses professores para fazer seu trabalho muito mais focado na formação integral do Xaveriano do que para ser um instrutor comum” – voltado apenas a conteúdos específicos, numa visão reduzida da educação.

Vital complementa:

“Um professor que dá elementos para o Xaveriano refletir a prática. É um trabalho que não termina nunca”.

E conclui:

“Porque esse é o papel importante da escola: dar sua contribuição para um mundo melhor.”

MORAL DA HISTÓRIA

† De uma formação educacional coesa e integral formam-se Xaverianos com uma consistente e consciente capacidade transformadora, de si mesmo e da realidade.

PONTOS PARA MEDITAÇÃO

† No processo de formação, é imprescindível a participação de um tutor – o professor – que, do mesmo modo que o Xaveriano, é um sujeito educativo em permanente formação.

† A formação continuada do professor torna-o mais sensível ao processo de descobertas e decisões pelas quais o Xaveriano passa. E o diálogo tende a fluir melhor.

† O diálogo é condição essencial para haver o alinhamento, o desenvolvimento e a pretendida formação.

ENCHENTES E SOLIDARIEDADE

As águas das chuvas nas cidades podem representar um momento de frescor ou um alerta sobre possíveis dificuldades. Tudo depende de sua intensidade, duração e local.

Há alguns anos, em 1992, em função de uma combinação desses três fatores, alguns funcionários do Colégio foram surpreendidos por uma enchente que afetou suas rotinas, casas e vidas. Passaram por momentos difíceis e delicados, procurando resgatar o que era possível – apesar de alguns terem perdido tudo. Superado o impacto inicial pós-enchente, era preciso ver as soluções possíveis. Por onde começar?

Cada família procurava, na medida do possível, se reorganizar. Mas, não muito longe de suas casas, a direção, funcionários, professores e Xaverianos, juntamente com suas famílias, iniciaram uma imensa e solidária mobilização interna. Era preciso fazer algo por esses funcionários e suas famílias.

Para o Colégio, a mobilização era uma expressão e extensão das atividades realizadas pelos próprios Xaverianos, em prol de diferentes comunidades, algumas delas distantes. Era uma oportunidade urgente de fazer algo por sua própria comunidade, famílias que estavam tão próximas, representadas pelos funcionários que participavam de seu dia a dia na escola.

Prontamente solidários, realizaram campanhas de arrecadação de brinquedos, roupas, móveis, aparelhos e

alimentos. E o que conseguiram foi importante para atenuar a situação das famílias dos funcionários. Em alguns casos – em que chegaram a perder tudo, inclusive a casa – o Colégio ajudou na reconstrução e na aquisição dos bens domésticos essenciais. A solidariedade – aprendida e praticada – era uma lição presente no dia a dia da comunidade Xaveriana que, quando solicitada, respondeu com agilidade, determinação e compassividade às circunstâncias vividas por aquelas pessoas.

MORAL DA HISTÓRIA

† Muitas vezes, a oportunidade para sermos solidários pode estar muito mais próxima do que imaginamos.

PONTOS PARA MEDITAÇÃO

† Quando algo precisa ser feito (em nossa casa, nossa comunidade), sempre podemos ter algum tipo de iniciativa ou convém esperar que outras pessoas, mais preparadas, o faça?

† Quando conseguimos suprir a necessidade de alguém, podemos estar suprimindo a nossa também?

† Como nunca ninguém havia falado que era impossível, foi em frente e fez.

ENFERMARIA

dia a dia no Colégio acontece entre uma relativa rotina e um tanto de inesperados.

Ambiente de contínua circulação de ideias e diálogos, aí também se vê, em determinados momentos, a intensa circulação de Xaverianos, professores e funcionários.

Entre um momento mais calmo e outro mais agitado – especialmente entrada, intervalos e saída – algum imprevisto pode acontecer com qualquer um, em qualquer momento. E, de repente, surge uma dor, um desconforto físico. Talvez consequência de algo que levou o Xaveriano – ou outro integrante da comunidade educativa – a um pequeno incidente: uma brincadeira, uma disputa, um descuido.

Nesse momento, o que fazer? É preciso tratar do paciente – independentemente da simplicidade ou complexidade do incidente.

Há uma certa mobilização para que o Xaveriano seja assistido por um adulto. E lá vão em direção aos primeiros socorros.

Entram em uma sala, relatam o que aconteceu e, geralmente, procedimentos simples resolvem. Às vezes, um pequeno momento de repouso ajuda na recuperação. E então podem voltar – com cuidado – à atividade normal.

Após o atendimento, saem da Secretaria e retornam à sala ou outro local. “Saem da Secretaria? Como assim” – poderiam perguntar. “A Secretaria fazia esses atendimentos?”.

Alguns atendimentos de enfermaria no Colégio – em que preciosos e indispensáveis minutos eram dedicados aos cuidados de seus esporádicos pacientes – foram incorporados à Secretaria como uma atribuição extra e necessária.

Apesar de o espaço ser o mesmo, havia, para além dessas circunstâncias e das atribuições, uma sensibilidade e um propósito daqueles que trabalhavam na Secretaria de acolher os que precisavam de ajuda, de atendimento às necessidades mais imediatas de saúde dentro do Colégio.

Cuidar dessas situações e das questões rotineiras da saúde de Xaverianos, professores e funcionários no ambiente do Colégio fez com que o local e seus funcionários acolhessem função tão especial – sem prejuízo de sua rotina.

Entre rotinas e inesperados, as lições de companheirismo e solidariedade por meio da atenção aos Xaverianos e à comunidade interna do Colégio sempre ocorreram e a todo momento se renovam.

MORAL DA HISTÓRIA

† Assumir solidariamente uma função que não faz parte de suas atribuições é uma ação que revela pessoas e circunstâncias que expressam uma busca constante do servir – quer em situações ideais, quer nas possíveis naquele momento.

PONTOS PARA MEDITAÇÃO

† Estamos todos no mesmo barco, atentos uns aos outros, compartilhando luz e necessidades, sintonia e anseio de reconciliação, limites e o inesgotável poder de servir o outro.

† “(...) quem fica esperando a mudança da direção do vento e que o tempo fique firme acabará não plantando nem colhendo...” (Eclesiastes 11:3-4). Faça, agora, com o que se apresenta à sua frente. Não espere a situação ideal.

† Comece por onde você está; use o que você tem; faça o que você pode.

FEIRA DOS JAPONESES

Nas décadas de 1980 e 1990, nos fins de semana, a comunidade japonesa se reunia para a missa e para uma confraternização. Várias atividades eram realizadas nas quadras do Colégio e nos espaços destinados à associação dos japoneses.

Os japoneses integrantes da Associação São José traziam, durante a semana, legumes e verduras para a feira que, nessas ocasiões, era realizada em uma sala no pátio da escola, onde atualmente está o auditório.

O Colégio tornava-se o ponto de referência, ou mais, de acolhimento. Os integrantes da Associação vinham, montavam suas barracas e faziam suas vendas para um público que sabia a origem do que estava sendo oferecido. Mas era mais do que um comércio na área interna do Sanfra: era um momento de reencontro, de atualizar suas histórias, de fortalecer laços – ao sabor das conversas em torno dos alimentos.

Era um momento de preservação de uma história de simbiose entre a comunidade e o Colégio. E também um fragmento – e, nessa feira, um vivo e vigoroso fragmento – do vínculo entre Colégio e a comunidade, parte da qual tinha filhos que ali estudavam. E viam aí suas origens e tradições, bem como, simultaneamente, o tempo presente e a perspectiva futura proporcionados pelo estudo no Colégio.

Da pequena casa alugada na Liberdade, quando foi

fundado em 1928, transferindo-se para uma construção própria no Ipiranga, em 1932, o Colégio São Francisco Xavier trazia essa marca característica desde o início: destinava-se preferencialmente para os filhos de imigrantes japoneses – tanto para o trabalho educacional quanto o de evangelização e de integração social.

Interação viva, presente, singelamente, nos gestos e falas em torno de legumes e verduras na feira dos japoneses no Sanfra.

MORAL DA HISTÓRIA

† Os braços abertos do Colégio São Francisco Xavier de acolhimento histórico ao imigrante japonês e seus descendentes contribuíram para preservar sua cultura e sua comunidade além de, ao mesmo tempo, incentivar seu processo de integração.

PONTOS PARA MEDITAÇÃO

† Na vida estamos em permanente busca por encontrarmos o que procuramos e permanentemente atentos se o que encontramos corresponde ao que, de fato, precisamos.

† Uma cultura tanto mais é preservada quanto mais ela se entrelaça com a vida que pulsa em torno dela.

† Minha casa é tua casa.

FESTA JUNINA

Assim que a festa se encerrava, começava outro espetáculo: a participação de toda a comunidade educativa na desmontagem das barracas e na limpeza de toda a área. É Maria de Souza Pereira, a Mosa, Encarregada de Limpeza do Sanfra, que se lembra bem desse fato. É a dedicação não era menor do que na montagem. Desfazer, lavar e limpar, com zelo e companheirismo, para cuidar daquela área que recebeu a festa junina – isso também dava um brilho especial ao evento.

A festa junina era – e continua sendo – um dos eventos mais marcantes no São Francisco Xavier e aguardado pela comunidade do bairro do Ipiranga. Evento tradicional e muito esperado no calendário Xaveriano, era sinônimo de grande expectativa no Colégio. Sua organização revelava um forte componente educativo: a mobilização e um intenso trabalho de preparação do qual participavam, direta e ativamente, Xaverianos, funcionários, filhos de funcionários, professores, pais de Xaverianos e coordenação. O Colégio ficava lotado.

Sempre havia muito o que fazer. Desde o início das festas, havia um grande envolvimento de todos. Da venda de convites à preparação da quermesse completa (jogos, quadrilha, fogueira, comidas típicas), ensaios etc.

Tudo pronto.

Diversão e confraternização marcavam os dias do evento. Colégio e moradores do bairro, integrados – além de Egressos

Xaverianos e famílias dos Xaverianos –, acompanhavam e participavam de apresentações, brincadeiras, comidas típicas e atividades diversas. Alegria e movimentação contagiante no espaço do São Francisco Xavier.

Festa com visível adesão da comunidade escolar, revelava união, muito entusiasmo e permanente atenção para manter tudo funcionando adequadamente. E assim permanecia até o encerramento quando, logo depois, começava a desmontagem da festa, a limpeza e a reorganização do espaço.

Com muita alegria e como se já estivesse sendo preparado o próximo evento.

MORAL DA HISTÓRIA

† O trabalho em equipe – unido, coordenado, dedicado, cada um apreciando o que faz em sinergia com o propósito de promover um bem comum – é uma vigorosa ferramenta de transformação do que está ao redor e do que está dentro de cada um.

PONTOS PARA MEDITAÇÃO

† Tudo tem seu começo, seu meio e seu fim. Em todo momento estamos inseridos em alguma etapa do que realizamos. Quanto melhor pudermos fazer naquele momento, melhor começaremos o próximo.

† Fazer bem feito, nas circunstâncias em que cada um se encontra, é uma escolha, é semear o resultado a que se quer chegar.

† Na escola, tudo é aprendizagem – da chegada à saída.

FESTIVAL DE MÚSICA

Muitos talentos começam a se revelar cedo na escola e, muitas vezes, também por causa da escola.

Alguns são mais atraídos para os estudos, outros para a ampla gama de possibilidades oferecidas aos Xaverianos, em tudo que o Colégio realiza, propõe, estimula.

Alguns talentos se manifestam e são desenvolvidos ao longo da vida. Outros, por um período ou por um momento. Em qualquer caso, sempre fazendo parte da dinâmica trajetória de cada um. Conduzindo de maneira discreta, ou experimentando momentos de glória, os talentos transformavam-se em oportunidade para exercitar alguma habilidade – dentro da sala de aula ou nos mais diferentes palcos da vida.

Desde o início da década de 1980, o Colégio já trazia em sua programação anual um evento destinado à apresentação de bandas. Posteriormente, outubro de 1988 (ou 1989), as professoras Vânia Silva e Deise organizaram um Festival de Música para os Xaverianos, também aberto a outros colégios. Era um meio de estimular a integração.

Vários grupos se inscreveram para a competição musical. Entre os participantes estava um grupo de pagode e samba em que o Egresso Xaveriano Christiano Toporcov, que estudou no Colégio entre 1981 e 1992, e seu irmão mais velho Maurício Toporcov (Egresso Xaveriano, tendo estudado no Sanfra entre 1978 e 1988), cantavam, sendo que seu irmão

também tocava cavaquinho. Apesar de participarem outros grupos e bandas com mais experiência, os pequenos do Sanfra fizeram uma ótima apresentação e levaram nove dos 10 prêmios.

Christiano lembra até o comentário que uma banda de outra escola fez a amigos de outras escolas:

“Chegou um grupo de pagode, com uns menininhos, tudo pequenininho, e rapelaram tudo, levaram todos os prêmios (...)” – recorda-se, rindo.

A música vencedora do Festival chamava-se *Eu vou ser doutor...* Era o prenúncio da formação de Christiano, que, hoje, é advogado e atua no bairro do Ipiranga.

Motivo de orgulho para o Colégio e também para os irmãos que, apesar de não terem dado continuidade à carreira musical – pois seria outra a vocação de ambos –, mostraram que há momentos para expressar um talento. E não perderam essa oportunidade!

MORAL DA HISTÓRIA

† Aproveite as oportunidades. Elas podem se tornar uma valiosa ocasião para revelar talentos que certamente irão ajudar na construção do seu caminho, ainda que nem sempre se tenha clareza de onde levará esse caminho.

PONTOS PARA MEDITAÇÃO

† Há um momento certo para a manifestação das qualidades que temos. O melhor a fazer é expressá-las, pois fazem parte de um processo de aprendizagem e de construção daquilo que seremos.

† Pequenas oportunidades podem se transformar em oportunidades extraordinárias para mostrar o que sabemos e podemos ser e fazer.

† Precisamos estar atentos não apenas para enxergar oportunidades, mas também para saber criá-las.

FICA UMA MARCA

“Mas o que vai ficar disso tudo, desse tempo todo?”, poderia ser uma pergunta.

E uma presumível resposta:

“Você entenderá enquanto caminha. Mais ainda quando chegar lá, no término de sua fase escolar no Sanfra. E continuará, depois, já fora do Colégio.”

E o que tem nessa caminhada?

“Conteúdos e situações que o levarão a refletir sobre o mundo e as pessoas. Vivenciará aquele lugar de reflexão onde irá treinar um olhar solidário para situações que estão à sua volta. E receberá algo especial: um incentivo para colocar-se diante disso com uma atitude transformadora.”

Após o período no Colégio, serão incontáveis os momentos em que o Egresso Xaveriano irá se deparar com situações em que aquilo que recebeu será manifesto. Por meio de atitudes que expressam uma visão mais humanista, irá se posicionar no mundo no ambiente de trabalho, na sociedade e na família, fazendo diferença.

Para os Egressos Xaverianos, foi fundamental os conteúdos e as práticas humanistas que experimentaram no Sanfra. Sim, depois de anos no Colégio, o Xaveriano tem uma certeza: de tudo que ali vivenciou fica uma marca. Fica uma

semente pronta para germinar em diferentes circunstâncias. A caminhada foi realmente marcante.

De geração para geração essa característica vem se mantendo preservada, passando para os filhos, também Xaverianos, a identidade da pedagogia inaciana: essa marca de que se pode fazer alguma coisa para melhorar a sociedade e o mundo.

E as gerações levam sempre isso consigo: um fruto valioso, colhido ao longo de suas caminhadas. E, onde estiverem, essa marca também estará.

MORAL DA HISTÓRIA

† A recompensa por um trabalho educacional realizado é constatar que aquilo que foi proporcionado ao Xaveriano produziu efeito e continuará gerando frutos naqueles que lá estudaram.

PONTOS PARA MEDITAÇÃO

† A permanência de conceitos, valores e práticas que serão levados pela vida toda – e impulsionada pelo vigor da experiência escolar no ambiente Xaveriano – traz benefícios que extrapolam a própria ação: fortalece a certeza do princípio jesuíta de um trabalho educacional voltado para o servir os demais.

† Nada é mais modificador do que ser um agente de transformação da sociedade.

† As atitudes que demonstram a existência de uma singularidade naquilo que se faz – a marca gerada por um aprendizado e seus valores – tanto mais eficazes serão quanto mais puderem causar ressonância no outro e no ambiente onde se expressam.

FICAR TRÊS DIAS FORA?

Primero Xaveriano com deficiência física a estudar no Sanfra, Marco Antonio Jorge Manssur permaneceu no Colégio entre 1964 a 1976. Além da aprendizagem formal, aí precisou também aprender a fazer as coisas por conta própria. Mas o apoio de amigos e de toda a equipe era total.

No ambiente familiar, sempre teve o apoio de que precisava e nunca teve privilégio sobre os irmãos. Porém, era dependente de sua mãe. Manssur lembra:

“Tudo era minha mãe.”

No ginásio, atinge uma idade em que já podia participar do retiro. Passou a ser convidado pelo Padre Nilo Ribeiro Júnior, SJ, para participar do retiro de Santo Inácio de Loyola, feito no Colégio Nazaré, e também em Barueri.

Por várias vezes, o convite teve uma só resposta: “Não”.

O Padre Ribeiro – que proporcionava uma assistência espiritual aos Xaverianos –, sabendo da dependência de Manssur em relação à mãe, procurava convencê-lo do quanto poderia ser importante sua participação no retiro.

Mas Manssur não queria ir por um único motivo:

“Ficar três dias fora de casa...”

Ele nunca tinha estado fora de casa. Ir para o retiro implicava sair numa quarta-feira e voltar na sexta à noite.

Sem que Manssur percebesse, o Padre Ribeiro fez um sutil trabalho que acabou o convencendo a ir. Um dia, eles estavam conversando e o Padre Ribeiro disse:

“Você não pode acompanhar o seu problema. Você tem que fazer o seu problema te acompanhar. Você não pode criar limitações por causa do seu problema.”

“Eu me lembro direitinho. Me marcou muito o que o Padre Ribeiro disse e eu levei isso pro resto da vida” –, reconhece Manssur.

Depois disso, foram inúmeros os dias fora de casa.

Não perdeu retiro algum.

MORAL DA HISTÓRIA

† A construção da superação de limites tem um vínculo direto com o modo como nossos pensamentos enxergam esses limites.

PONTOS PARA MEDITAÇÃO

† A atenta percepção das dificuldades vivenciadas pelo próximo e o propósito de servir os demais constituem uma preciosa oportunidade para contribuir com a transformação das pessoas.

† Seremos melhores se não transformarmos nossos limites em impossibilidades.

† Limites não são apenas para serem superados: servem também para revisarmos nosso modo de pensar e de viver.

FOMOS EVANGELIZADOS

Depois de um semestre de estudos, atividades e de uma intensa convivência entre Xaverianos, alguns deles, escolhidos pela equipe da Pastoral, iriam partir para uma experiência bem distinta do seu dia a dia no Colégio, em casa ou em outros ambientes que costumavam frequentar.

Durante o período de férias de julho, o Sanfra organizava os Encontros Sociais – e ainda hoje realiza a Missão Rural com estudantes do Ensino Médio. Eram realizadas atividades destinadas a promover uma convivência entre os Xaverianos e pessoas mais carentes. Muitas vezes, eram pessoas que viviam em comunidades distantes do Colégio.

A equipe da Pastoral – Padre Madruga e Claudemir Ramos – e os Xaverianos ficavam morando por um determinado período com as famílias, em suas casas.

O Padre Manuel Madruga Samaniego, SJ, Reitor do Colégio entre 2005 e 2010, recorda algumas dessas vivências:

“Ficavam dois Xaverianos morando em cada casa, jantavam com a família, trabalhavam com a família. Lembrome de que eles ajudavam a mexer no carvão, ficavam sujos e depois tomavam banho e estava tudo bem. Experimentavam um trabalho duro e difícil e uma vivência intensa com pessoas que estavam em paz com a vida, com poucas coisas e grande desapego.”

A permanência nas casas e a inserção nas atividades na comunidade, onde adquiriam conhecimento através do que

foi vivido junto das famílias, tornavam-se uma circunstância singularmente oportuna para os Xaverianos refletirem sobre uma série de questões:

“Isso vale mais que muitas palavras, isso é uma experiência que não devia faltar.” – pondera o Padre Madruga.

Após a conclusão dos encontros, era feita uma pesquisa sobre tudo que foi realizado durante o período dessa convivência com as famílias. E uma resposta comum entre os participantes resumia a experiência:

“Fomos evangelizar e nós é que fomos evangelizados.”

MORAL DA HISTÓRIA

† Pôr-se no lugar do outro – vivendo o que vive, fazendo o que faz, num exercício de empatia vivenciada – nos leva a compreender em que podemos amadurecer, especialmente para nossa convivência e nossa capacidade de fazer algo pelo outro.

PONTOS PARA MEDITAÇÃO

† Por que empatia e compassividade fazem com que passemos a tratar as outras pessoas de um modo diferente?

† Sentir-se compreendida torna a pessoa mais próxima de seu interlocutor.

† Aquilo que se espera do outro para se sentir respeitado é o que o outro espera de cada um de nós para se sentir respeitado também.

FRUTO SOLIDÁRIO

Fazer uma boa escola e ter a oportunidade de cursar uma faculdade. É a expectativa de uma infinidade de jovens. Veem aí, e com razão, a possibilidade de uma profissão, de terem um horizonte e construir um futuro.

Para alguns adolescentes, essa perspectiva está mais próxima de um sonho... Algo que se deseja muito, mas o contexto em que vivem nem sempre permite vislumbrar como isso possa acontecer.

É aí que entram em cena as escolas que oferecem bolsas sociais – como o Colégio São Francisco Xavier.

Desde 2002, o Colégio oferece bolsas sociais com o compromisso de trazer esses Xaverianos para os mesmos patamares de conteúdo e de aprendizado dos demais Xaverianos do Sanfra. Em sua trajetória escolar, torna-se comum o bolsista conviver com atitudes solidárias diante de eventuais dificuldades como, por exemplo, adquirir livros, uniforme e arcar com outras despesas.

Ter sido beneficiado por um ambiente escolar acolhedor, em que o grupo é incentivado à solidariedade, deixa vigorosas raízes em cada um que pôde experimentar situações e atos de sensível atenção para com o próximo. Essa experiência também permeia a vida dos Xaverianos que estudaram no Sanfra com Bolsa Social.

Após o período de estudos como bolsistas, muitos deles, já formados, dedicam-se a uma ação social similar à que

receberam quando estudantes. Profissionais e empresários de diversas áreas retribuem o aprendizado humanitário com idêntica atitude. É o caso de dentistas que outrora estudaram no Sanfra, que hoje reservam um dia da semana para atendimento gratuito aos que não têm condições de pagar um tratamento dentário.

Raízes que geraram bons frutos e estão aí, alimentando quem do alimento precisa.

MORAL DA HISTÓRIA

† Sementes que caem em boa terra dão bons frutos.

PONTOS DE MEDITAÇÃO

† A solidariedade traz o efetivo potencial de transformar quem dela se beneficiou em um ativo agente de sua multiplicação.

† Ajudar o outro a tornar visível e palpável seu próprio mundo é uma inestimável oportunidade que temos de nos tornarmos impulsionadores de potenciais talentos.

† Aquilo que nos é dado – que recebemos e prontamente acolhemos – já existe previamente em cada um de nós.

GINCANAS

A preparação era longa. Um ano inteiro de muita dedicação, de muito treino. Nas aulas de Educação Física do professor Orlando, os exercícios e os jogos eram gincanas permanentes para as olimpíadas do fim do ano.

Eram várias as atividades realizadas pelos Xaverianos durante suas aulas; equipes eram formadas, cada uma constituindo uma fileira. O primeiro da fila passava a bola por debaixo das pernas para o que estava atrás. E assim seguia até o último da fila receber a bola. Ele se deslocava até a frente, ficando no início da fileira. E aí recomeçava a brincadeira – uma disputa muito saudável. Um entre outros tantos exercícios que preparavam os Xaverianos – num clima permanente de gincana.

Depois de meses de preparativos, a esperada olimpíada finalmente iria acontecer. A cerimônia de abertura começava com um Xaveriano, geralmente um veterano do Colégio, dando a volta na escola, adentrando a quadra e empunhando uma tocha olímpica.

Ele subia a escadaria onde, no alto, ficavam três mastros com as bandeiras do Brasil, de São Paulo e do Sanfra. Aí chegando, toda a assistência cantava o hino nacional – um momento muito marcante.

A olimpíada ia além do esporte; havia um espírito de confraternização extremamente saudável. Um momento em que estavam todos juntos, tendo a competição como pano

de fundo.

MORAL DA HISTÓRIA

† Um evento, esportivo ou de outra natureza, em torno do qual as pessoas estejam unidas pela fraternidade, irá gerar sempre bons resultados. Sempre será vitorioso aquele evento que almeja a união entre entendimentos e corações.

PONTOS PARA MEDITAÇÃO

† Em tudo que se faz, a preparação é a etapa fundamental para chegar ao que se deseja, ao propósito almejado.

† A preparação é também o tempo em que o pensamento vai desenvolvendo o desejo de realização.

† Em um ambiente fraterno, as competições são balizadas por valores e atitudes que se expressam pela mútua acolhida.

GRANDES E PEQUENOS

(Padre Eduardo Henriques, SJ)

Encontrei o menino chorando no corredor. Sentado no chão, soluçava. Parei e comecei a conversar. As perguntas de sempre, com a melhor das intenções de sempre! As respostas não saíam porque os soluços não deixavam.

De repente, tantos livros, palestras, pesquisas, anos de formação e estudos e todo o aparato pedagógico encarnaram-se numa ideia simples, e sentei-me no chão na frente dele.

O lugar era constrangedor, com muita gente passando, vendo e comentando... Mas era como se estivéssemos só nós dois no mundo. O Xaveriano foi se acalmando. As perguntas de sempre, com a melhor das intenções de sempre, mas, agora, de um lugar outro... o de quem precisa de ajuda.

Aprendi, de novo, o que Santo Inácio já dizia: Devemos aprender com aquele a quem servimos a melhor maneira de servi-lo.

MORAL DA HISTÓRIA

† Servir: na medida daquele a quem se serve, na urgência do seu tempo, na circunstância em que se manifesta.

PONTOS PARA MEDITAÇÃO

† O barulho do mundo não pode impedir a delicada expressão do silêncio nem da imponderável linguagem de quem precisa de ajuda.

† É preciso despojar-se e mudar algo para enxergar melhor,

aprumar a visão e reconhecer aquilo que emana do olhar do outro.

† Só recebe a oportunidade de ser para os demais quem se desloca na direção daquele a quem é preciso servir.

INAUGURAÇÃO DA QUADRA AZUL

*A*té o último dia de aula de 1999, a criançada e os jovens não desgrudavam da quadra. Era ali que o futebol acontecia – esporte preferido e intensamente disputado naquele que era um dos locais prediletos do Colégio.

Foi assim o ano todo, como nos anos anteriores. As partidas, toda a meninada correndo atrás da bola, rolando de uniforme na quadra, lances, gols... – era muita dedicação e alegria.

Mas chegava dezembro. Iniciava-se o período de férias de fim de ano. Dois meses para o Colégio preparar-se para o ano seguinte. Dois meses sem o corre-corre das aulas e dos esportes. Era o que se poderia supor...

Mas não no São Francisco Xavier naquela passagem de ano. Mal tiveram início as férias, começou uma intensa movimentação no Colégio. Um movimento contínuo de pessoas e de veículos se via em seu interior. Estava acontecendo uma das maiores reformas que o Colégio conheceu.

Depois de muito trabalho, e uma grande renovação do espaço interno, aproximava-se o início das aulas. Como a reforma havia sido feita sem que fosse internamente divulgada, certamente o retorno haveria de ser surpreendente para todos.

Ano novo, 2000 – pleno de novidades. Para esse momento, o Colégio também preparou algo especial: os pais – e somente eles – foram convidados para que conhecessem,

um dia antes do início, o que havia sido feito. Aquele dia havia sido preparado especialmente para eles.

Chegando lá, foram recebidos para a grande surpresa, sobre a qual os filhos ainda não sabiam nem sequer podiam imaginar. E uma novidade que iria causar um grande impacto nos filhos: não havia mais aquela quadra.

No dia seguinte, os Xaverianos começavam a chegar. Um a um ou em grupos ficavam encantados com as modificações. E muitos foram correndo para onde era a antiga quadra, mas ela não estava mais lá...

Em seu lugar, a nova quadra, cuja obra executada com material importado e técnica sofisticada, transformara-se em uma obra muito moderna.

E assim nascia aquela que ficou conhecida como a quadra azul.

Uma nova etapa para o Colégio e seus Xaverianos.

MORAL DA HISTÓRIA

† O propósito de prover sua comunidade de um bem que a todos beneficie encontra efetiva acolhida nos que compartilham do mesmo desígnio, faz frutificar os meios para sua realização e inspira a busca permanente de ações voltadas ao bem comum.

PONTOS PARA MEDITAÇÃO

† A vida pode ser cheia de surpresas para o bem, para o melhor.

† Detalhes, pequenos gestos e sutis palavras são, muitas vezes, expressões de grandes obras.

† O deixar-se surpreender é dom e dádiva a serem acolhidos abertamente.

INFORMÁTICA

Certo dia, no fim da década de 1980, começaram a chegar os computadores: tecnologia, modernidade, agilidade, interatividade – inúmeros recursos e tantos benefícios!

Nas diversas áreas do Colégio, as máquinas começaram a ser instaladas. Um olhar ansioso se espalhava em toda a comunidade do Sanfra. Cada um queria ver de perto como esses computadores afetariam sua rotina, suas atividades.

Mas alguma coisa mais estava acontecendo. A mudança não estava só na incorporação das novas máquinas.

A chegada fez com que muito do que era feito presencialmente passasse a ser feito por meio eletrônico. Aos poucos, pais e Xaverianos – e até funcionários – passaram a ir com menos frequência, por exemplo, à Secretaria.

Sem sair de uma determinada sala, uma atividade já podia ser resolvida através dos computadores, dispensando a ida à Secretaria. Sem sair de casa, o Xaveriano e a família acessavam informações para as quais era preciso, até então, solicitar pessoalmente na Secretaria ou em outros departamentos.

Como as pessoas passaram a não ter necessidade de se deslocar fisicamente até o local, os contatos pessoais foram se restringindo. Aquele calor humano presente nos diálogos de quem ia até lá, pois a atividade da Secretaria a colocava permanentemente em contato com as pessoas, foi fazendo falta para Anna Maria Ribeiro, que sentiu a mudança.

As possibilidades que a tecnologia proporcionava

afetaram diretamente os contatos presenciais. Para Anna representou um certo distanciamento, uma perda, pois, antes da informatização das atividades administrativas, o entrosamento com as famílias era muito intenso.

Porém passado o impacto inicial, ficaram evidentes os benefícios da tecnologia. E aquele desconforto de Anna foi dando lugar à compreensão de que as mudanças não cessam, os recursos vão se modernizando, trazendo novas referências – inclusive em relação às formas de relacionamento que também se renovam, mas cuja base é a união para a realização de um propósito comum.

MORAL DA HISTÓRIA

† Mudanças são inevitáveis e, portanto, são constantes lições e aprendizados. Quanto mais sólida for a base ética e moral, melhores soluções podemos conseguir em nossa adequação às transformações.

PONTOS PARA MEDITAÇÃO

† Superar adversidades pode, às vezes, querer dizer que é preciso aceitar a mudança, tanto a externa, que pode ter gerado o desconforto, quanto a interna, que está se processando dentro de cada um para acolher a necessidade de mudarmos diante desse novo.

† O caminho para a mudança sempre será você mesmo.

† Desfazer-se de formas arraigadas de olhar a dinâmica da vida pode constituir a solução para superar dificuldades de adequação às circunstâncias experienciadas.

INTERPRETAR, CANTAR, APRENDER

*H*á professores que ensinam e fazem isso muito bem. Certamente são imprescindíveis.

Há aqueles que são marcantes, constituindo vigorosa referência na vivência escolar e para a vida.

Outros, verdadeiros parceiros no desenvolvimento de cada um, auxiliando a dar os passos certos no crescimento estudantil e pessoal.

E também os apaixonados pelo que fazem, que, de várias formas, fazem isso impregnar os ambientes onde se encontram, a começar pela sala de aula.

E há, ainda, os que encantam. Todos, com seu estilo próprio de trabalhar os conteúdos de sua matéria.

Por volta de 1987, lá estava a professora Marilza Nóbrega Angelini, de Geografia, do Ensino Médio, para mais uma aula.

A antiga aluna Sandra Araújo e seus colegas de classe teriam mais um dia de expectativa: que novidade ela iria trazer?

Sim, as aulas da professora Marilza tinham uma certa aura de surpresa. Seu modo de ensinar Geografia era singular.

Sandra lembra:

“Era uma forma de trabalhar a Geografia totalmente diferente. Ela não via a matéria como um simples decorar e escrever. A gente tinha que inventar novas formas de trabalhar aquele conteúdo.”

Mas havia uma forma inusual de despertar a atenção: era como se dava a escuta dos conteúdos. Sandra e seus colegas eram estimulados a interpretar ou mesmo cantar esses conteúdos em classe.

A professora Marilza encantava, sim, pelo modo de ver seu trabalho didático. E, mais especialmente pelo modo como conseguia obter a adesão de cada Xaveriano. Encantava fazendo cantar.

Criatividade, sensibilidade e ludicidade estavam ali, para que a mensagem fosse mais bem absorvida. Assim, o canto de textos sobre Geografia – para admiração dos intérpretes e ouvintes Xaverianos – era, literalmente, transformado em música para os ouvidos.

MORAL DA HISTÓRIA

† A motivação para os estudos no ambiente escolar é um processo permanente de tornar Xaverianos parceiros na experiência da aprendizagem.

PONTOS PARA MEDITAÇÃO

† O estímulo ao Xaveriano para que participe criativamente de seu próprio processo de aprendizagem é fator que potencializa a melhor absorção do conteúdo.

† As experiências formadoras do Xaveriano serão mais bem-sucedidas quanto mais ele puder ter acesso aos recursos que incentivam sua atenção.

† Fazer com que os estudantes tenham uma sincera e espontânea atitude em relação ao aprendizado, à vontade de estudar, é o desafio permanente dos professores que estão atentos à motivação como recurso e necessidade primordial no ambiente escolar.

JAPONÊS E PORTUGUÊS

Os primeiros vieram em 1908. Depois de longa viagem, traziam muita esperança e alguns bens, para começar aqui a nova vida. Traziam também bens imateriais. Entre eles, a língua japonesa.

Afinal, era com ela que se comunicavam e organizavam sua vida.

Mas, desde os pioneiros que haviam chegado ao Brasil, sabiam que estavam em uma terra estranha, onde se falava uma outra língua: o português. Sabiam também que seria preciso se comunicar com os brasileiros. Era imprescindível essa difícil adaptação.

A necessidade fez com que muitos aprendessem forçosamente palavras, frases e mesmo gestos. Passo a passo iam – a seu modo e até onde fosse possível – conseguindo falar.

Ainda que a maior parte dos japoneses nunca tenha aprendido o português, parte dos adultos – alguns mais, outros de forma mais restrita – foi formando um vocabulário para as situações que o exigiam; as crianças – ainda que inicialmente só falassem japonês dentro de casa – teriam, com o tempo, a oportunidade de outro aprendizado em relação aos adultos.

Dos primeiros contatos entre imigrantes japoneses e católicos, em meados da década de 1920, por iniciativa do Padre Guido Del Toro, SJ, inicia-se um trabalho de catequização dos filhos dos imigrantes no bairro da Liberdade, local onde

seria fundado o Collegio Catholico Japonéz São Francisco Xavier, em 1928. Ali as crianças começam a ter noções de língua portuguesa.

Com a transferência do Colégio em 1932 para o Ipiranga, as atividades para os filhos de imigrantes continuam. O ritmo de estudos para os japoneses, nativos ou nisseis, era intenso: de manhã, aulas em japonês, reforço das disciplinas do currículo oficial e catequese; à tarde, no mesmo prédio, o grupo escolar, com aulas ministradas em português por professoras diplomadas.

Através da educação formal, há um grande empenho – de professores e Xaverianos filhos de imigrantes – para uma efetiva integração dos japoneses na comunidade onde viviam.

MORAL DA HISTÓRIA

† A adaptação a uma nova realidade em outro país passa pelo conhecimento da língua local. E desse conhecimento conquista-se uma compreensão mais precisa do ambiente que está à sua volta, com o qual irá conviver e cujos relacionamentos serão mediados através desse novo idioma.

PONTOS PARA MEDITAÇÃO

† Quando se compreende melhor algo novo – um novo país, uma nova cultura –, descortina-se uma nova compreensão de sua própria realidade.

† A dedicação incessante à realização do que se quer ver acontecer, através do aprimoramento pessoal, abre portas para conquistas e transformações que também aos outros poderão beneficiar.

† O efetivo empenho em cultivar o propósito de integração é um passo fundamental para que relevantes mudanças possam ocorrer na sociedade – dos menores grupos a nações inteiras.

ME ADICIONA NO FB?

“Por que não me adiciona no Facebook?” – indagou a jovem. Siomara Molina Ferreira, professora de Língua Portuguesa, que trabalhou com adolescentes desde sua entrada no Colégio em 1992, precisou lidar com a inesperada pergunta. Afinal, havia aprendido a trabalhar com adolescentes – sempre um constante desafio.

Suas questões, suas ideias, sua linguagem e o modo como se colocam se renovam – mas o desafio de como lidar com isso permanece. Em qualquer situação, procurar estabelecer um diálogo é fundamental – esse é o grande exercício, que vem acompanhado de um recado primordial e permanentemente presente: o que quer que façam, isso terá consequências, implicações.

E, no diálogo, as coisas precisam ser colocadas com clareza. Questões como drogas, bebidas e redes sociais, por exemplo, são uma oportunidade para desenvolver reflexões com os Xaverianos. É fundamental que eles entendam que o mundo tem muitas possibilidades, mas é tudo uma questão de escolha. Irão aprender, de modo cada vez mais intenso, que seu processo de autonomia, de tomar decisões, será submetido a situações cada vez mais desafiadoras. “O que eu devo fazer?” – será uma indagação constante, fará parte de seu cotidiano.

E, para esse diálogo, o adolescente quer e precisa ser ouvido, bem como ser estimulado a se expressar. E falar

com quem? Como no Colégio não há “figura inacessível”, todos que ali estudam têm abertura com os professores e coordenadores, mas sempre com respeito.

Nesse contexto, Siomara se lembra daquela aluna que a questionou do porquê de não tê-la adicionado no FB. O questionamento Siomara considerou muito oportuno para atentar para o fato de que falar a linguagem dos jovens é imprescindível para uma efetiva aproximação.

A constatação trouxe desdobramentos, levando-a a fortalecer o diálogo com Egressos Xaverianos que...

“...já casados, constituíram suas famílias, e eu posso ver seus filhos crescendo através das redes sociais.”

Ao adicionar Xaverianos e Egressos Xaverianos ao Facebook, as fronteiras de relacionamento não apenas se ampliaram mas também fortaleceram os aspectos positivos das redes sociais.

MORAL DA HISTÓRIA

† Para manter o diálogo, é importante atualizar as formas do saber ouvir. Saber que ouvir – e conseguir se comunicar – pode implicar reconhecer e aceitar os diferentes canais de onde a fala vem. O q vc acha?

PONTOS PARA MEDITAÇÃO

† Toda atualização traz a necessidade do “antigo” adaptar-se ao “novo”. E, de modo inverso, aceitar que nem todos têm a facilidade para essa atualização é também uma forma de atualizar-se, para que o “novo” possa inserir, de forma adequada, o “antigo” nessa atualidade.

† A existência de tamanha diversidade de meios de comunicação (especialmente as redes sociais) nos leva a pensar que nossa comunicação está, necessariamente, melhorando?

† A vida nas redes sociais não deve substituir a vida que implica o face a face, o olho no olho.

MISSA E CADERNETA

*A*os domingos, entre as décadas de 1950 e 1960, havia a costumeira missa na capela do Colégio São Francisco Xavier. Para lá iam os Xaverianos – muitos acompanhados de suas famílias. E não se esqueciam de levar suas cadernetas escolares.

Assistir à missa, semanalmente, fazia parte da formação dos Xaverianos. Além das aulas curriculares, havia as atividades religiosas. Eles eram convidados a participar das denominadas divisões que então existiam: Congregação Mariana, Cruzadas e Ensino Religioso.

Caso não fosse possível ir à capela do Colégio, poderiam assistir à missa em algum outro local que fosse mais conveniente, geralmente em função da proximidade de suas casas. O importante era que não deixassem de comparecer.

Com a melhor roupa, chegavam à celebração religiosa dominical. Junto dos pais ou dos colegas, ouviam a missa rezada em latim, com o Padre celebrando de frente para o altar, ficando, assim, de costas para os fiéis. Auxiliando o Padre, estavam os coroinhas, função somente para meninos.

Encerrada a celebração, o Xaveriano se preparava para outro momento do qual não podia se descuidar. Para concluir essa jornada semanal, ele trazia em suas mãos a indispensável caderneta. Entregava ao Padre para que recebesse um carimbo, marca que confirmava seu efetivo comparecimento: “Missa”.

Satisfeito, ele saía com a sensação de um duplo dever cumprido: missa e caderneta carimbada!

MORAL DA HISTÓRIA

† Ter como saborear os bons frutos de algo que precisava ser feito, dos compromissos que fazem parte do nosso cotidiano, é importante lição de vida.

PONTOS PARA MEDITAÇÃO

† O benefício oriundo do bem realizado traz àquele que o executou o estar em paz consigo mesmo.

† O processo de formação das pessoas pode exigir regras de conduta que, longe de ser um ruído, são parte necessária ao bom andamento do processo para o aprimoramento pessoal.

† Compreender os compromissos para os quais somos chamados requer um tempo para sua adequada maturação.

MISSA E PRIMEIRA COMUNHÃO

A primeira missa no Colégio São Francisco Xavier ocorreu em 1932, no dia de São José, 19 de março. A partir daí, passou a ser realizada todos os domingos.

Durante os anos e décadas seguintes, a missa fez parte das atividades dos Xaverianos como parte integrante de sua formação cristã. Houve época em que a caderneta escolar registrava essa presença.

Além da missa, a educação jesuíta também contemplava a catequese dos Xaverianos.

No início, somente as crianças do Colégio participavam. Os pais, em sua maioria, mantinham-se distantes por seguirem outra religião ou por outros motivos.

Através de um cuidadoso trabalho de aproximação do Colégio com os pais, algumas famílias passaram também a frequentar as missas. A missa dominical, rezada às 19h, com pais e famílias, passou a ganhar uma especial importância.

Esse espírito de reunião familiar na capela do Colégio ganhou maior dinamismo a partir do momento em que as mães foram convidadas para uma atribuição muito especial: elas mesmas darem aulas de catequese, de preparação para a primeira comunhão.

O curso para os filhos era feito ao longo do ano, período em que, ao mesmo tempo, fortaleciam-se os laços familiares e dos pais com o Colégio.

Chegava o final do ano.

Esse momento da primeira comunhão era muito significativo: Xaverianos, professores e as mães que prepararam seus filhos e suas famílias estarem ali para testemunharem “seu filho comungar pela primeira vez.” – lembra o Padre Madruga.

MORAL DA HISTÓRIA

† Quando a formação cristã se torna uma ferramenta de convergência da educação familiar e da escolar, fortalecem-se os vínculos familiares e de toda a comunidade educativa.

PONTOS PARA MEDITAÇÃO

† Toda preparação é um momento muito importante de partilha: é quando o preparador – seja ele professor, monitor, orientador ou tutor – instrui, motiva e se doa para que o preparado possa alcançar seus objetivos.

† São marcantes e transformadores esses momentos em que podemos participar do aprimoramento uns dos outros.

† Aproximar-se e compor-se àquilo que até há pouco não fazia parte dos planos, mas cujos benefícios eram visíveis, é um exercício de superação de valores e crenças limitantes.

MISSÃO RURAL

Xaveriano olhou para aquela boiada e talvez tenha pensado: “E agora?”.

Sem dúvida, era uma experiência nova... Bem diferente da que estava acostumado na cidade, no dia a dia do Colégio.

Mas ele estava ali – participando da Missão Rural –, e conseguiu resolver. Tirando alguns incidentes e sustos (quase que previsíveis...) como esse, por várias outras experiências pôde passar e também encontrar saídas...

Tudo havia começado com a Pastoral, estruturada no Colégio em 1989, com Antônio Alberton e o Padre Antônio Basiaga, SJ. Com as reflexões e a prática pastoral, abriu-se um caminho para outras ações de atenção para com o próximo.

Esse olhar para o outro ganhou asas e partiu em direção ao interior do Brasil. Com a Formação Cristã, organiza-se a Missão Rural – uma experiência bastante distinta daquelas que os Xaverianos realizavam até então.

O primeiro grupo, formado por 15 Xaverianos e coordenado por Claudemir Ramos, parte em direção ao sul de Minas, cidade de Consolação, em 1994. Era dezembro e o grupo passaria 10 dias em uma zona rural do Estado para uma experiência de inserção em comunidades rurais.

Ficaram hospedados em casas de famílias e participavam das rotinas da comunidade. Trabalhavam na lavoura, visitavam outras famílias e promoviam encontros entre as várias famílias locais – num momento de preparação da novena de Natal.

Claudemir, acompanhando de perto as experiências dos Xaverianos, pôde testemunhar algumas situações pitorescas dessa jornada rural.

“Nesses anos todos, aconteceram inúmeros fatos. Desde Xaverianos que queriam experimentar de tudo do ambiente rural – carroça e tudo mais – até inevitáveis aventuras e desafios, como escapar de coice de mula, o que fazer ao dar de encontro com uma boiada...”

Foram quase 20 anos de um trabalho que proporcionou uma vivência insubstituível para Xaverianos em meio a comunidades simples, onde ações de fraternidade deixaram importantes marcas tanto para os integrantes do Colégio quanto para as famílias que ali viviam.

MORAL DA HISTÓRIA

† O contato com outras realidades é um delicado e vigoroso momento de troca: a pessoa leva “sua presença”, seu modo de ser e seu propósito; e de lá traz o que absorveu dessa experiência e novas referências sobre pessoas, vidas, locais.

PONTOS PARA MEDITAÇÃO

† Novas realidades interferem de algum modo na vida do observador-visitante; e ele terá deixado lá alguma forma de interferência, aquilo que foi capaz de trabalhar com sua presença, em sua oferta.

† O compartilhamento de diferentes realidades tanto mais trará benefícios aos objetivos do contato realizado quanto mais seus agentes puderem aprimorar sua capacidade de se tornar instrumentos de aproximação.

† Para que haja integração entre distintas realidades, é fundamental que pelo menos uma das partes tenha a clareza do que o faz se mover: o servir o próximo, colocar-se a serviço do bem dos que fazem parte de outra realidade.

MUDANÇAS

Uma quadra? Os Xaverianos nem queriam pensar nisso! E o futebol – aquele futebol que era uma delícia de jogar no terrão? Terra, aquela correria sem limites, jogos todos os dias, inclusive domingos... melhor ainda nos dias de chuva!

Não, nem pensar! Muitos Xaverianos ficaram revoltados! Não queriam que mudassem nada.

Durante décadas havia sido assim e adoravam do jeito que estava. Por que mudar? Pensavam somente no campo de terra e só no futebol – nenhum outro esporte mais.

O Professor Orlando Morais, de Educação Física, propôs em 1978, a ideia de uma quadra poliesportiva, juntamente com a aquela que seria a maior quadra de handebol de São Paulo, no lugar no terrão. A resistência à ideia de uma nova quadra não foi pouca. A proposta foi até colocada em votação.

Passado um certo furor inicial, as divergências foram sendo superadas. Os mais resistentes passaram a aceitar a proposta da novidade.

Quando a quadra ficou pronta, os olhos Xaverianos brilharam e a todos encantou.

A quadra – e tudo que ela havia representado na percepção de cada um do Colégio – trouxe mudanças significativas para eles. Enxergar novas possibilidades era possível! Aquilo que até então era maravilhoso – o terrão para jogar o inevitável futebol – poderia ser melhor ainda.

Aquilo que a mudança trouxe era mais que uma nova

área de esportes, novas modalidades para praticar, novos relacionamentos e hábitos. Trouxe uma outra visão e atitude diante da amplitude que uma mudança pode representar.

MORAL DA HISTÓRIA

† O exercício da aceitação da mudança é um gesto de humildade e de reconhecimento de que é preciso haver a superação do apego, de crenças e conceitos.

PONTO PARA MEDITAÇÃO

† A todo momento, somos convidados a perceber as mudanças que vão acontecendo em nosso caminho.

† “É preciso perder o espírito de resistência à mudança” (Papa Francisco). Tudo requer permanente renovação, especialmente nossa capacidade de nos renovar diante do novo e de superar nossas dificuldades em aceitar e conviver com as mudanças.

† Mudanças são como ondas do mar: assim que uma chega até nós, espalha-se à nossa frente e logo vem outra em seguida.

NERD, MEDO E ACOLHIMENTO

*A*ntiga aluna Heloísa Garcia Claro Fernandes dedicava-se muito aos estudos desde sua primeira escola, onde fez o Fundamental. E, por causa disso, teve uma experiência que considerou ruim. Foi assim até 2001: sofria bullying por ser muito estudiosa.

“Eu gostava muito de estudar. Desde cedo eu me dedicava muito à escola. E eu sofri um pouco com os alunos por conta disso... Essa coisa de: ‘Ah, a nerd da sala’. Eu não me sentia bem aceita na escola.”

No ano em que estava concluindo o Fundamental, ficou sabendo que, para 2002, o Colégio São Francisco Xavier abriria inscrições para a seleção de sua primeira turma no programa social de bolsa, uma experiência nova no Colégio.

“Eu tinha muito medo de vir para cá. Quando soube que tinha sido contemplada, fiquei com muito medo de como seria recebida aqui. Os bolsistas se achavam muito diferentes dos Xaverianos que já estudavam aqui. Eu pensava: ‘Eu não sei nada e eles sabem tudo e é melhor eu não abrir a boca para não passar vergonha’.”

Mas quando começou a estudar no Sanfra, aconteceu o contrário:

“Eu me senti bem acolhida tanto pelos Xaverianos quanto pelos professores e coordenação. Era chamada para me inteirar de tudo. Tive uma tutoria bem próxima” – o que muito contribuiu para sua desenvoltura escolar.

Todo o acolhimento que teve e sua dedicação pessoal valeram muito. Heloísa, bolsista no Sanfra entre 2002 e 2004, graduou-se em enfermagem. E não parou por aí: fez mestrado, doutorado e pós-doutorado na área de Ciência para cuidados em saúde.

MORAL DA HISTÓRIA

† A necessidade de lidar com as causas de nossos medos e, para isso, nos imbuirmos da consciência de que é preciso confiança para ir adiante, pode se tornar uma robusta alavanca que agirá em nossa capacidade de superação de obstáculos.

PONTO PARA MEDITAÇÃO

† Nossos limites e fragilidades podem ser um imprescindível ponto de partida para mudanças que precisamos operar em nós mesmos.

† A boa semente precisa encontrar terreno fértil para frutificar. O interesse e a capacidade de realizar um bom estudo precisam encontrar um meio que dê condições e incentive a germinação desse potencial.

† Se o terreno não é fértil, precisamos nos preparar para fazermos parte daquilo que há de proporcionar a transformação que pretendemos.

NO MEIO DO CAMINHO

As aulas haviam começado no maternal. Nesse início de aulas, reencontros, expectativa e, como sempre, novos desafios. Todos estavam ali, reintegrando-se a uma intensa rotina.

Aquele grupo de crianças, já organizado e adaptado às dinâmicas da classe, iria receber, no meio do semestre, um novo integrante. Os olhos curiosos das crianças acompanhavam a chegada de mais um membro ao grupo.

Dúvidas e curiosidade pairavam no ar: “Quem era? De onde vinha? Como seria sua integração?”

O mais novo integrante havia estudado em outra escola. Mas a família, antes mesmo de encerrar o semestre, achou melhor procurar um outro local. Na entrevista no Sanfra, indagada sobre o motivo da mudança, a família alegou que a criança não havia se adaptado à escola anterior. E, por isso, haviam decidido tentar o São Francisco Xavier.

O novo Xaveriano passou a conviver com sua nova classe. Mas, no decorrer dos dias, a professora Silvana José Lopes percebeu que algo de diferente estava acontecendo. Foi notando uma agitação muito grande e um certo nervosismo com as demais crianças em função da presença do novo integrante.

O que estava acontecendo ali? Era uma situação que precisava ser mais bem entendida e resolvida. A professora Silvana pediu que a mãe comparecesse ao Colégio a fim de conversarem sobre a situação.

Ao se encontrarem, a primeira pergunta que a mãe fez foi se o filho havia ficado de castigo. A pergunta certamente ensejou à professora que a criança talvez tivesse passado por essa experiência na escola anterior.

Tendo essa percepção, a professora Silvana conversou muito com a mãe, explicando que não havia essa postura no Colégio nem na sua sala de aula.

Havia, sim,

“muita conversa, incentivo aos pontos positivos e um atendimento personalizado, pois era assim que tratávamos nossas crianças.”

O tempo foi passando e a criança começou apresentar melhoras. Em uma das últimas reuniões com a professora, a mãe relatou ter percebido a mudança comportamental.

E agradeceu por esse atendimento ao filho, que estava sendo tratado como único, e não como mais um no meio de muitos.

MORAL DA HISTÓRIA

† O atento e compassivo diálogo tem um vigoroso poder transformador.

PONTOS PARA MEDITAÇÃO

† O conflito não se restringe a ser apenas uma consequência das circunstâncias que o geraram, mas é um insubstituível ponto de partida para soluções e aprimoramentos futuros.

† Cada pessoa é um ser único, que deve ser tratado de forma única em suas diferenças.

† O germinar de oportunidades é inerente a todas e quaisquer dificuldades.

NUNCA FUI DISCRIMINADO NEM SANTINHO...

Continuado apoio do Colégio e a determinação do Egresso Xaveriano Marco Antonio Jorge Manssur – além do irrestrito suporte familiar pelo fato dele ser portador de pólio – foram fundamentais na formação do Xaveriano.

Afinal, foram 12 cirurgias em 13 anos. Em duas precisou parar a escola por um período, mas a atenção do Sanfra permanecia. Manssur recebia lições e matérias em casa. Mas não só. Até a professora Roseli, do primário, por uma ou duas vezes, chegou a ir a sua casa.

Já no Colégio, o dia a dia ia revelando situações que requeriam soluções específicas. Quando precisava subir escadas, sempre havia quem o ajudasse. Para se locomover, ele usava duas bengalas. Uma ficava com ele, enquanto usava também o corrimão, e a outra alguém precisava levar.

“De vez em quando me deixavam no fim da escada, levavam a bengala para longe, mas era brincadeira. Depois devolviam.” – comenta Manssur.

Por ser semi-interno, ele almoçava no próprio Colégio. O refeitório ficava próximo à quadra de terra. A comida era preparada por duas japonesas. Mas Manssur não se habituava com a comida. E não era comida japonesa. Era brasileira, mas ele não conseguia comer. Chegou um dia que não queria ir mais à escola. Então, sua mãe conversou com o Padre Ângelo Banki, SJ – Reitor do Colégio entre 1961 e 1965 –, que o autorizou receber o almoço de casa.

Apesar dessas situações especiais e do período que passava dentro do Colégio, em alguns momentos foi convidado a se retirar da sala de aula.

Manssur recorda:

“Nunca fui santinho, conversava muito. E o professor Luís, de Português, no 3º e 4º ginásial, pegava muito no meu pé. Ele foi o campeão em me colocar para fora da sala de aula.”

Sim, em sua condição singular, não deixava de ser tratado como os demais Xaverianos...

“Todo o tratamento que recebi em casa, no Sanfra e dos colegas foi crucial para a minha formação. Hoje estou aposentado, sou formado em engenharia metalúrgica, trabalhei por 34 anos, sendo 30 anos na mesma empresa. Casei, tenho dois filhos, o Vinícius e a Catalina, que hoje são formados e independentes. Sou grato a todos, principalmente à acolhida que tive no Sanfra, que foi o estopim de uma vida vitoriosa.”

MORAL DA HISTÓRIA

† Independentemente do nível e singularidades que a deficiência física pode acarretar, a própria pessoa é quem vai definindo aquilo que a realiza e é capaz de satisfazê-la.

PONTOS PARA MEDITAÇÃO

† O acolhimento recíproco entre pessoas com diferentes características e realidades torna o ambiente educativo mais humanamente formador de pessoas conscientes e melhores cidadãos.

† A possibilidade de ser eficiente e o anseio da eficiência fazem parte do ser humano, independentemente das condições de cada um para sua realização.

† Os limites físicos não significam ausência de liberdade nem de responsabilidade.

O BEM QUE FIZERAM À ESCOLA



que me deixou mais feliz nessa escola foi...”

Gilberto Covre entrou no Colégio como professor em 1992. Foi uma longa caminhada: em 1994, tornou-se Coordenador da área de Língua Portuguesa; em 1995, Assessor Pedagógico; depois, assumiu a função de Diretor-Adjunto, em 1999, e a de Diretor Pedagógico, em 2001, preparando-o para, em 2005, tornar-se Diretor-Geral do Colégio, exercendo a função até 2013.

Nesse período, o que o deixou mais feliz foi (...)

“(...) que nós conseguimos formar um grupo envolvido com a missão jesuítica, ou seja, com a missão da escola. Esse envolvimento não foi por obrigação: ‘Olha a Companhia de Jesus quer isso, e vai se fazer assim’. Não foi assim, um envolvimento por obrigação. Foi um envolvimento por convicção.”

Foi um envolvimento baseado principalmente na ação dos coordenadores e dos assessores, pessoas mais presentes no dia a dia, na realidade da escola.

“As pessoas são diferentes, uns se envolvem mais, outros, menos; apesar desse envolvimento manifestar-se de forma diferente nas pessoas, todos sabiam qual era a linha da escola. Com o atendimento ao Xaveriano, ao professor, à família – sempre atentos às suas diferenças – e as reuniões que faziam, eles foram plantando uma semente que começou a brotar dentro da escola.”

Havia um trabalho e uma consciência de princípios inicianos.

“Posso dizer que até o modo de proceder iniciano a gente fez brotar dentro da escola. A escola foi se estruturando em cima disso e começou a crescer nessa linha de formação.”

Gilberto Covre enfatiza:

“Tive o prazer de ver isso. Era realmente o que eu queria e era o que me passava a Província: que a escola fosse um instrumento apostólico.”

Foi um trabalho tão intenso e de comprometimento de todo o grupo que nem todo o resultado positivo pôde ser percebido naquele momento.

“Eu acho que, até hoje, nem eles perceberam o bem que fizeram à escola.”

MORAL DA HISTÓRIA

† Princípios consistentes e ações com expressivo potencial transformador forjam pessoas e equipes alinhadas e comprometidas a fazerem o bem chegar a todos no ambiente onde atuam.

PONTOS PARA MEDITAÇÃO

† A escola é um preparar-se constante para sua própria renovação.

† A escola nos ensina a perceber que estamos constantemente aprendendo com as pessoas.

† Quando nos colocamos na condição de acolher aquilo que os outros têm para oferecer, percebemos uma grande capacidade de estar trabalhando para o bem.

O FILHO PAPAI NOEL

Então aquela senhora, olhando bem nos olhos de Vitor Tadashi, Egresso Xaveriano e atual funcionário do Sanfra, perguntou, de um modo incrédulo e sagaz: “Mas... existe Papai Noel japonês?”

Era uma ocasião especial: dia de visitar pessoas que viviam em asilos, creches e outras instituições e que aguardavam com expectativa a chegada dos Xaverianos. Fazia parte da formação integral no Colégio São Francisco Xavier esse contato repleto de expressivos momentos de convivência, de integração com idosos, crianças e tantos outros para os quais uma visita sempre foi, e será, uma oportunidade de compartilhamento e de crescimento como ser humano.

Dia muito especial: era Natal. Data magna da cristandade, o Natal também se associa à figura do Papai Noel – figura que, certamente, faria parte do grupo que iria visitar o asilo. E nesse ano, para vestir-se de “bom velhinho”, ele foi escolhido: Vitor Tadashi.

E lá se foram os Xaverianos. Chegando no asilo, iam de quarto em quarto, de modo a interagir com todos que estavam ali. Em um dos quartos, Vitor teve que enfrentar a tal pergunta, um tanto inesperada, da senhora sobre o Papai Noel japonês.

Vitor, bastante cauteloso, mas de modo assertivo, disse: “Sim, depende daquilo em que a senhora acredita...”

Então, aquela senhora, um tanto emocionada, comentou

com o Vitor que ele lembrava seu filho, mas que “nunca vem me visitar...”. E completou, com alegria e gratidão:

“Hoje ele veio me visitar na forma de Papai Noel.”

A resposta tocou muito o Vitor, que, na hora, percebeu o bem que fez à senhora, pelo simples fato de ser um “Papai Noel japonês”.

E a experiência reafirmou a importância de cada Xaveriano compreender seu papel social, especialmente em relação àqueles que se encontram mais fragilizados pelas circunstâncias e que aguardam momentos para poderem compartilhar suas questões. Ocasões insubstituíveis da prática da solidariedade, uma prova viva da importância desse gesto.

MORAL DA HISTÓRIA

† Não tenha receio de contribuir para que o outro possa crer em algo que venha a fazê-lo sentir-se melhor.

PONTOS PARA MEDITAÇÃO

† Há lições que se aprendem na escola; há outras em que a escola está no lugar onde o compartilhamento de uma experiência acontece.

† Há presentes que se manifestam nos delicados momentos de doação: são aqueles que proporcionam ao outro poder se expressar sobre seus afetos e anseios.

† No aprendizado da solidariedade desenvolve-se a percepção do quanto podemos ser necessários para o outro.

O INDIVIDUAL E O COLETIVO

É aqueles momentos em que se gostaria de ter razão? Ainda que a maioria pensasse de outra forma...

Conforme os Xaverianos vão chegando ao Colégio, vão encontrando outras pessoas. Será mais um dia repleto de encontros, especialmente com os colegas. Mas lá também estão funcionários, professores, coordenadores e diretor. Todos farão parte de seus cotidianos.

Então, grupos de dois ou mais Xaverianos vão se formando em situações espontâneas ou para as atividades curriculares. Diferentes assuntos vão surgindo, vão compondo um rico universo de questões da vivência escolar.

Aí, nos grupos, falam, ouvem, discutem, riem – com maior ou menor intensidade. É um aprendizado constante. Tempo de convívio... uma escola dentro da escola. As situações acontecem e cada Xaveriano vai aprendendo um pouco mais sobre o outro e sobre si mesmo.

Em certas situações, surgem opiniões distintas – algo normal. No Colégio, em casa e na comunidade em que se vive, diferentes modos de ver os mais distintos assuntos constituem uma expressão natural da convivência.

E o que se aprende com a divergência, especialmente quando está em jogo a postura de querer ter razão?

Divergências podem ser frutíferas para Xaverianos e professores – permanentes interlocutores dessa vivência experimentada pelo Xaveriano. Os professores estão

ali, observando, participando e contribuindo para um direcionamento das questões que surgem no cotidiano escolar.

Esses momentos são um chamado para o professor utilizar e aprimorar sua habilidade em lidar com questões sobre diferenças entre indivíduos. Alertar sobre a necessidade do diálogo e da reflexão em relação ao eventual problema ou desentendimento entre Xaverianos.

O professor certamente está aí: alertando sobre valores individuais e senso coletivo, mostrando que o modo de pensar, agir e falar de cada um inevitavelmente precisa dialogar com o meio em que está inserido.

MORAL DA HISTÓRIA

† O grupo somente consegue caminhar quando há uma adequada coesão interna e um propósito comum em torno do qual cada um realiza sua parte.

PONTOS PARA MEDITAÇÃO

† Em um grupo, cada integrante traz suas singularidades. A visão e a postura individuais podem ser distintas dos demais. Para solucionar a diversidade interna, a questão que o próprio grupo permanentemente precisa se colocar é: “para que estamos aqui?”

† A superação de uma postura individual é fundamental para conseguir dialogar com aquilo que o grupo criou – sua missão, seus valores, sua conduta – e assim poder ir adiante.

† As diferenças integrantes de um grupo e o necessário diálogo interno constituem uma oportunidade e um fator de progresso do indivíduo e do coletivo ao qual está integrado.

O MURO

Aquele primeiro prédio onde iria funcionar o Collegio Japonês Catholico São Francisco Xavier no Ipiranga, alguns anos depois, em 1937, ganharia uma proteção: um muro cercando a propriedade. Durante mais de meio século, cumpriu sua função, delimitando a área do Colégio, organizando o fluxo de entrada e saída e protegendo o prédio.

Por volta de 1990, era um muro baixo que dava a volta na esquina compreendida pelas ruas Moreira e Costa e Vicente da Costa, chegando até a guarita. Toda a fachada do prédio ficava murada, somente interrompida por dois pequenos portões: um na esquina e outro próximo ao estacionamento. Quem passasse por ele, talvez pouco o notasse – dava a sensação de já fazer parte da paisagem da escola, do quarteirão.

Ao longo de sua história, até o início dos anos 1990, o Sanfra havia passado por mudanças em sua estrutura física. E, durante esse tempo, o muro se manteve, testemunhando as mudanças do interior e do próprio bairro.

Após pouco mais de 60 anos de funcionamento no Ipiranga, o Colégio estava prestes a passar por uma grande mudança na área construída.

Assim, juntamente com toda a estrutura arquitetônica existente até início da década de 1990 – quando houve um grande empenho de modernização de toda a escola –, o muro também passou por uma transformação. Foi posto abaixo e, em seu lugar, foram colocadas grades de ferro, com um

trabalho de serralheria feito na própria escola.

A ideia era ajudar a estabelecer uma renovação da comunicação com o exterior, bem como dos próprios Xaverianos, professores e toda a equipe com o Colégio. E o novo muro fazia parte disso.

A grade contribuiu para com esse esforço de modernização construtiva da escola, dando mais visibilidade e transparência ao São Francisco Xavier.

MORAL DA HISTÓRIA

† Uma edificação não é uma obra inerte. Cada um de seus componentes tem sua funcionalidade e contribui para a adequada utilização pelas pessoas desses espaços construídos e para a finalidade pela qual usam o edifício. E mesmo os detalhes fazem parte desse ambiente, contribuindo para que o complexo expresse sua natureza, seu propósito e sua humanidade, pois foi feito para interagir com seres humanos e para acolher a interatividade destes.

PONTOS PARA MEDITAÇÃO

† A renovação de um ambiente tanto mais será integral e eficaz quanto mais todos os elementos que o compõe estiverem integrados ao processo de modernização.

† Quando é preciso renovar, a mudança de paradigmas, estratégias e conteúdos é fundamental. Mas precisamos estar atentos para perceber as mudanças que ocorrem no exterior, pois elas podem sinalizar mudanças mais profundas no interior, que nem sempre se mostram tão visíveis.

† As ideias e os objetivos também se mostram através da materialidade dos objetos criados pelo ser humano.

O NOVO PRÉDIO

A Residência dos Jesuítas, há muitos anos, estava integrada à arquitetura do Colégio. E, por isso mesmo, os padres ali residentes acompanhavam as mudanças. Entre outras, a chegada de novos Xaverianos.

O crescente número de matrículas e a necessidade de acolher crianças e jovens tornaram inevitável, em certo momento, ampliar a área construída para instalar mais salas de aula, adequando seus espaços para novos tempos. Mas para onde crescer? Foi assim que a antiga construção que servia como Residência dos Padres e Irmãos Jesuítas, cuja pedra fundamental foi lançada em 1941, anos após auxiliar no trabalho religioso, daria lugar a um novo momento do Colégio. Os padres se mudaram e a reforma começou ali, onde era a Residência.

Foi um trabalho intenso, realizado entre o fim do ano de 1999 e o início do ano letivo de 2000.

Para isso, houve muita dedicação de uma centena de pessoas, trabalhando direto, dia e noite – incluindo os próprios funcionários do São Francisco Xavier. Essa grande mobilização decorria do objetivo do Padre Laerte de querer a obra concluída em 60 dias, para o início das aulas. Todo o empenho proporcionou o resultado esperado: tudo ficou pronto para funcionar dentro do prazo.

O “novo” Colégio estava concluído, como se pretendia, para o primeiro dia do ano letivo. E os Xaverianos, até então,

de nada sabiam... Mas isso fazia parte da estratégia: a reforma seria uma surpresa para eles. Assim, o Colégio, totalmente novo, tornou-se surpreendente para cada um que chegava. Com admiração, olhavam cada detalhe daquela incrível transformação arquitetônica. Mas como pôde ser tudo isso possível em tão pouco tempo – imaginavam, encantados!

Para todos que puderam compartilhar essa experiência fascinante, foi um dia intensamente singular. E por um motivo muito especial: tudo isso havia sido feito especialmente para eles. Disse o Padre Laerte J. Cargnelutti, SJ, Reitor do Colégio entre 1999 e 2005:

“Queria surpreender vocês, dar um presente!”

E conseguiu. Uma surpresa enorme, marcante, tudo modificado, colorido – os Xaverianos ficaram radiantes, em sincera expressão de alegria por sua nova segunda casa.

MORAL DA HISTÓRIA

† A fé, além de mover montanhas, faz com que reformas e obras maravilhosas possam acontecer em prazos e condições humanamente improváveis, quase impossíveis!

PONTOS PARA MEDITAÇÃO

† Quanto maior o cuidado com as condições e os ambientes de aprendizagem, maior a motivação daqueles que aí aprendem e ensinam.

† Quando um espaço, ou uma situação, já não atende adequadamente à realidade, é preciso que seja revitalizado para que uma nova ideia se manifeste, dando lugar ao novo.

† A renovação, além de aprimorar as funções daquilo a que se destina, estimula a criação de novas referências, novas dinâmicas, novas motivações.

O POTE DE BALINHAS

Em muitas das experiências vivenciadas no Colégio, os Xaverianos somente se dão conta quando não estão mais nele. Das mais simples às mais impactantes, as vivências permanecem em sua memória (intelectual e afetiva) mesmo depois de concluído o período de estudos Xaverianos. São lembranças de fatos e circunstâncias que levam consigo: alguns tornam-se referência de valores e posturas, e outros são registrados como discretos detalhes – mas todos efetivamente integrantes de sua vida. E com sincera emoção lembrados.

Atividades, pessoas e situações que persistem na memória. Em relação a cada funcionário, professor ou integrante do corpo diretivo, de diferentes modos, manifesta-se um vínculo, uma imagem, resgata-se uma questão. E em um determinado dia, o Egresso Xaveriano reaparece – pelo Facebook e similares, ou visitando o Colégio – para reavivar seus vínculos.

Com a Secretária da Direção Rosângela Zuliani Ruiz a questão era simples. Ela conta:

“Eu sempre tive por hábito ter um pote de balinhas na sala de trabalho. Era para mim mesma, mas as crianças também pegavam...”

Certo dia, ao retornar para o Colégio, um Egresso Xaveriano perguntou para ela:

“Tia, ainda tem a balinha?”

Rosângela manifesta seu encanto com isso:

“É muito saboroso, gratificante sentir esse carinhoso

retorno dos Xaverianos. Várias gerações passaram por aqui. E tudo isso é muito expressivo e significativo para toda a equipe de professores e profissionais do Sanfra. Os Egressos Xaverianos, quando retornam ao Colégio, parece que estão voltando à casa deles.”

A balinha – e todo o universo das doces delícias lá da infância – conservada em potes, mas ao alcance das mãos das crianças na sala onde trabalhava, certamente expressava o eterno “bem-vindo” que Egressos Xaverianos sentiram, em vários momentos de sua vida escolar no São Francisco Xavier.

MORAL DA HISTÓRIA

† O vínculo que se forma através do afeto não acaba, ele continua em outros tempos e se renova passando pelos mesmos lugares onde foi moldado.

PONTOS PARA MEDITAÇÃO

† O fato de que em muitas experiências somente nos damos conta muito tempo depois revela que foram efetivamente marcantes e firmaram raízes que precisaram de tempo para compreendermos os frutos.

† “Para que essas sementes estão sendo colocadas aí”? Muitas vezes só vamos compreender as respostas depois de muito, muito tempo.

† A força da união se revela não apenas nos grandes ideais mas também nos singelos gestos e objetos.

OLIMPÍADA E SOLIDARIEDADE

Estar no Colégio é uma permanente descoberta.

Nesse ambiente, aos poucos, vão se sucedendo as incontáveis situações de aprendizado.

Algumas experiências ensejam maior identificação. E, inevitavelmente, estimulam uma dedicação maior. Cada um vai descobrindo maior afinidade com determinadas pessoas, matérias, atividades, professores, ideias etc.

Entre as oportunidades oferecidas pelo Colégio estão os esportes – fortemente presentes na rotina do Sanfra. E muitos Xaverianos se voltam às diversas modalidades com muita determinação.

A possibilidade de participar de competições e torneios atrai ainda mais interessados. Na década de 1990, um dos importantes objetivos era participar da Olimpíada entre colégios.

Foi assim com a antiga aluna Priscila Ruiz.

Tendo estudado entre 1990 e 1997 no São Francisco Xavier, sempre gostou de esportes. Participou ativamente das equipes e integrou, em várias oportunidades, sua seleção. Chegou a ser Diretora Esportiva do Grêmio. E, da mesma forma que os Xaverianos que praticavam esportes, um de seus anseios era participar das competições intercolégiais.

A primeira oportunidade veio nas Olimpíadas Jesuítas realizadas em 1993, sediadas pelo Colégio Loyola, em Belo Horizonte. Priscila tinha 13 anos e havia conquistado um

lugar na seleção que iria representar o Colégio. Estava animadíssima com essa oportunidade.

Porém, inesperadamente adoeceu na viagem. Ficou frustrada; afinal, era seu sonho.

Mas seus colegas estavam atentos a ela e à importância daquele momento. E não se descuidaram. Tanto os integrantes de sua equipe e professores do São Francisco Xavier quanto as amigas de outros colégios participantes a cercaram de cuidados. Fizeram um grande esforço para que ela conseguisse ficar bem e se recuperasse em tempo para jogar e representar o Colégio. Foi um momento inesquecível.

Durante o período em que estudou no Colégio, houve vários fatos marcantes para Priscila. Mas ela guarda com um carinho muito especial esse das Olimpíadas Jesuítas de 1993 como se fosse um prêmio: a solidariedade daqueles que estavam lá, zelando por sua recuperação.

MORAL DA HISTÓRIA

† Solidariedade é a expressão de um trabalho em equipe: só recebe quem aprende a aceitar seu papel no conjunto; só oferece quem se coloca no lugar do outro. E este fazer um pelo outro que vivifica a união e sua força.

PONTOS PARA MEDITAÇÃO

† Trabalhar em equipe é saber ouvir o que pode nos limitar e nos potencializar.

† A escuta é compassiva: ela nos insere no universo do outro.

† Ter espírito esportivo é saber lidar com as próprias conquistas e perdas e vê-las como uma oportunidade de crescermos com a equipe à qual estamos integrados.

ONDE ESTIVEREM DOIS OU TRÊS

As atividades religiosas do Colégio sempre despertaram interesse entre os Xaverianos. Para a realização de seus propósitos, através da Pastoral, promoviam-se Semana Santa Jovem, Páscoa Gonzaga, Missão Rural – entre outros eventos.

Na Missão Rural de 2002, alguns Xaverianos, juntamente com as pessoas da Pastoral, passaram 10 dias em Gonçalves, interior de Minas Gerais. Mais precisamente, nas comunidades rurais do município. Era uma outra realidade.

Foram dias vivendo na casa de uma família, moradores de lá, numa situação bastante simples.

Os participantes da Missão Rural iam à casa das pessoas, oravam com elas, realizavam uma atividade na comunidade planejada pelos próprios Xaverianos e depois, como era um período de fim de ano, iam à capela da comunidade para a novena de Natal.

Certa ocasião, durante uma atividade, uma pessoa da comunidade falou que era triste para eles não poderem participar da comunhão na missa toda semana, pois não tinham como ir. Era difícil para eles se locomoverem até o centro da cidade.

Diante dessa questão, um membro da Pastoral comentou com os Xaverianos:

“Qual é o objetivo da comunhão? O que significa a palavra comunhão? É a gente estar em comunhão, em reunião e ter esse encontro com Deus, em Jesus Cristo. De que outra forma

eles podem fazer isso?”

O grupo refletiu sobre essa questão. E depois reuniu-se com a comunidade para apresentar uma reflexão. Os participantes lembraram que na Bíblia Jesus fala: “Onde dois ou três estiverem reunidos em meu nome, ali estou eu no meio deles”.

Lembraram que não era preciso estar na missa, na comunhão com a hóstia e o vinho para estar em comunhão com Jesus, com Deus. Podia-se fazer isso na própria casa, partilhando da mesma refeição, por exemplo, na hora do jantar. Todos fazendo uma oração. Com todos ali orando em comunhão, Jesus também estaria ali. Não seria preciso se deslocarem até a igreja – algo fora da realidade da comunidade – para estar em comunhão com Deus e com Cristo.

Isso foi muito importante para eles. Uma senhora ficou até emocionada, falando que ela nunca tinha pensado por esse lado.

Esse convite de mudança de percepção pela própria comunidade fazia parte do modo do Xaveriano exercer sua religiosidade: servir à comunidade, através de um entendimento mais profundo do sentido da comunhão.

MORAL DA HISTÓRIA

† O entendimento de espiritualidade para além da religião multiplica os caminhos de conexão com Deus, em Jesus Cristo.

PONTOS PARA MEDITAÇÃO

† Onde tem amor, tem caridade, tem o servir – e aí se torna presente a atividade religiosa.

† O encontro de cada um com sua espiritualidade é algo que se pode colocar a serviço do outro.

† Levar uma boa palavra para comunidades mais simples e distantes, onde o acesso a tudo é restrito, cria possibilidades, alternativas, soluções, caminhos. Cria esperança.

OPORTUNIDADE PARA OS PAIS

Olhava para todos que estavam ali, naquele momento da palestra, esperando sua vez de falar.

Estava sentindo algo especial. Era uma circunstância em que, assim como os demais pais, poderia manifestar-se sobre o tema que estavam discutindo. Era uma abertura para os pais poderem se expressar para um público de 30 ou 40 pessoas que estavam lá presente, bem como um momento de expectativa, de alegria e também um privilégio para eles, já que a maioria nunca havia tido essa oportunidade.

Tudo envolvido por um clima de reflexão e incentivo naquele lugar especial: Chácara Recanto Anchieta, do Colégio São Francisco Xavier. Um lugar muito aprazível em Riacho Grande, às margens da represa Billings. Inúmeros encontros de formação cristã, encontros pedagógicos, de confraternização e de pais ocorriam ali. Para as atividades externas do Colégio, haviam encontrado um local ideal.

Durante o dia todo, aconteciam dinâmicas com temas previamente preparados pelas professoras. Entre essas dinâmicas uma era muito aguardada: a palestra.

E os pais, participantes ativos dessas iniciativas do Colégio, viam nesses encontros uma oportunidade de se manifestarem sobre as questões que estavam sendo colocadas.

Cada pai estava ali, aguardando sua vez, pronto para falar e pronto para ser ouvido.

MORAL DA HISTÓRIA

† Não importa se são afirmações ou incertezas, se racional ou emotiva, se concordante ou destoante, se fluente ou truncada – a sensação de falar é a de fazer parte, de tocar em uma das essências que une a todos: a possibilidade do diálogo.

PONTOS PARA MEDITAÇÃO

† Falar da mesma forma como gostaria de ouvir.

† Falar: uma insubstituível experiência de descobrir-se.

† Apresentar-se aos demais, através de seu modo de ver as coisas no contexto da pluralidade de pensamentos, estabelece promissores canais de conexão quando o objetivo é encontrar o caminho comum.

PADRE NOVELLI

Um sincero afeto - revelando o forte vínculo entre o Colégio e os Egressos Xaverianos - levou Xaverianos, umas tantas vezes, a agirem de uma forma um pouco incomum, mais lúdica, mais “solta” em relação aos integrantes da equipe do Colégio. Em certas ocasiões, chegaram a simular situações – testando, talvez sem saber, os limites daquilo que faziam. Ou será da “criatividade” que tinham?

Aconteceu também com a antiga aluna Sara Maria Abdala. Tendo estudado por quinze anos no Colégio, entre 1981 e 1996, desenvolveu um especial apreço pelo Padre José Vieira Novelli, SJ, com quem ela e suas amigas conversavam bastante.

Porém Sara – “sempre fui uma pessoa querida” – confessa: “Nunca gostei muito de assistir às aulas.”

Como lidar com isso dentro de uma escola? O que fez, em algumas oportunidades, para resolver essa questão?

“Eu cabulava aula na salinha do Padre José Vieira Novelli porque eu sempre tinha uma questão: ‘Padre eu queria saber sobre a catequização dos índios pelo José de Anchieta...’”

O Padre Novelli adorava as perguntas que a menina de oito anos fazia. Ele tinha uma compreensão e uma tolerância pedagógicas em relação ao interesse de Sara naquele momento... justamente na hora em que deveria estar na sala de aula...

Além de curiosa e criativa, Sara também gostava de chocolate.

Quando o Colégio realizava acampamentos, lá estava

ela com as colegas. No período da manhã, iam para a missa. Assim que acabava, não viam a hora de chegar na piscina. O motivo era simples: lá estava o Padre Novelli distribuindo o chocolate Batom para as meninas. Era muito bom. Mas o melhor vinha em seguida. Para conseguir um segundo chocolate, Sara e as amigas tinham uma estratégia:

“Sabe o que a gente fazia? Trocava de biquíni.” – e entrava novamente na fila, para pegar mais um Batom.

O Padre Novelli – provido da mesma compreensão e tolerância pedagógicas – fazia que não reconhecia, e entregava-lhe outro chocolate.

Muito querido por todos e muito presente no dia a dia do Colégio, acolhia a todos que o procuravam, quaisquer que fossem os motivos, mesmo que um inesperado interesse por José de Anchieta ou uma engenhosa solução para conseguir um segundo chocolate...

MORAL DA HISTÓRIA

† O rico e em permanente expansão universo da educação deve estar sempre atento aos detalhes e circunstâncias do ser humano, em suas mais variadas expressões, para dar respostas apropriadas em cada situação.

PONTOS PARA MEDITAÇÃO

† A postura compassiva e tolerante em relação às características e dificuldades de cada Xaveriano faz parte da construção de um olhar mais universal com vistas no bem maior e comum.

† As manifestações individuais no ambiente escolar são um permanente desafio para o aprimoramento individual e da própria sociedade.

† A história educativa vai se tecendo entre modos mais formais ou mais lúdicos de lidar com os conteúdos e experiências que a escola oferece.

PAI NOSSO, LENNON E DYLAN

Depois do minuto de silêncio, John Lennon. Estavam todos os Xaverianos ali, por uma iniciativa do Grêmio Estudantil.

Nessa época, 1995, o Egresso Xaveriano Maurício Lamano era o Diretor Espiritual do Grêmio.

Participante ativo da Pastoral, da Semana Santa e de ações relacionadas à espiritualidade inaciana, Maurício estava atento ao que poderia ser feito para proporcionar reflexões aos Xaverianos.

Certavez, no ENAC – Encontro de Alunos Colaboradores, realizado 1993, quando Maurício estava no 2º ano do Ensino Médio, foi discutido o tema “O jovem brasileiro e a cultura latino-americana”, sobre a questão “Ser x Ter”. Para trazer essa questão para seus amigos, ele e um amigo mudaram o modo de se vestir. Decidiram usar meia $\frac{3}{4}$ e sapato, como contraponto à moda vigente do tênis de marca.

Com esse perfil, e por sua atribuição no Grêmio, no ano seguinte, 1994, ele e os demais integrantes promoveram uma ação dentro do Colégio:

“Nós queríamos sensibilizar os Xaverianos. Então, fizemos uma confraternização. Era alguma coisa que tinha acontecido – não me lembro exatamente o quê –, e nós trouxemos todo mundo para refletir sobre a paz.”

As classes foram convidadas a participar. Algo bem simples: em volta da quadra, todos os Xaverianos iriam se

posicionar. Com o entorno da quadra tomado, foi pedido e todos fizeram um minuto de silêncio. Delicado tempo que serviu de preparação para ouvirem algumas músicas. Primeiro, John Lennon. Em seguida, Bob Dylan.

Depois desse som pop – intenso e oportuno em sua mensagem –, em conjunto rezaram o Pai Nosso.

Após a oração, encerraram a confraternização e retornaram para a sala de aula.

MORAL DA HISTÓRIA

† Quando uma luz se acende, todos que estão ali presentes se iluminam.

PONTOS PARA MEDITAÇÃO

† Ter um elevado objetivo e tornar-se útil para que ele ocorra é uma experiência motivadora para os demais.

† O sincero empenho em alcançar um determinado objetivo – especialmente quando acompanhado de significado e substância – encontra apoio quando sensibiliza aqueles que estão sendo convidados a participar de sua realização.

† Há propósitos exteriores a você que requerem simplesmente a sua sincera presença e seu sincero ouvir para serem serenamente realizados.

PEQUENOS, MAS GRANDES!

(Padre Eduardo Henriques, SJ)

sonho com um projeto de educação integral impulsionou a reforma de uma casa contígua ao Sanfra. As propostas de novos currículos e novas aprendizagens, com novas metodologias e rotinas acadêmicas empolgavam.

O Diretor-Geral, Professor Gilberto Covre, a quem devo tanto, e na pessoa de quem homenageio a todos os colaboradores do Sanfra na missão comum de servir à missão da Companhia de Jesus na Educação Básica, concluiu assim a sua exposição do projeto:

“Nos fundos, vai dar pra fazer um salãozinho meio grandinho.”

“Mas, Gilberto, isso é grande o bastante? É salão ou é “inho”? É grande ou pequeno?”

Rimos.

Impossível concluir. Era aquilo mesmo: um projeto-piloto, começando com muita competência, seriedade, dedicação e responsabilidade, pequeno em tamanho mas imenso em sua visão pedagógica! Saudades, Sanfra!

MORAL DA HISTÓRIA

† Em um projeto ao qual há uma vigorosa e comprometida dedicação, as escalas métricas ganham flexibilidade, criando um ambiente propício para se adequarem ao tamanho dos sonhos que se deseja alcançar.

PONTOS PARA MEDITAÇÃO

† O passo que se dá em confiança cria o chão de que se precisa.

† O espaço é uma semente. A vitalidade de seu fruto é que vai definir a extensão de suas medidas.

† Quando a comunicação é impulsionada por um forte desejo de cumprir uma missão, auspiciosos paradoxos entre o que vemos e o que a fé nos leva a ver podem surgir, nos levando a redimensionar o quanto seremos capazes de conseguir.

PERNA DE PAU

Faltava bem pouco para o término das aulas. Assim que tocava o sinal, todo o material era guardado nas malas. Não demorava muito e, com o consentimento dos professores, os Xaverianos iam se levantando para sair de suas classes.

Parte dos Xaverianos se dirigia à saída, tomando o rumo de suas casas. Outros, aguardavam seus pais ou responsáveis chegarem ao Colégio para buscá-los. Era um tempo de espera. Uma espera muito agradável e, pode-se dizer, “esperada”, pois alguns se reuniam em grupos, outros brincavam ou se entretinham de diversos modos.

Esse tempo de espera dos Xaverianos não passava despercebido pelo antigo funcionário Irmão Pedro Lima de Gouvêa. Tendo, em sua infância, brincado de perna de pau, uma de suas brincadeiras preferidas, e guardado dela boas lembranças, ele pensava em algo: queria oferecer uma atividade diferente para esses Xaverianos que esperavam.

Um dia, Irmão Gouvêa propôs a ideia ao marceneiro do Colégio e decidiram fazer algumas pernas de pau, de diferentes alturas, para que os Xaverianos tivessem mais uma opção de brincadeira no período pós-aula.

Assim, certo dia, uma agradável surpresa para todos na escola: lá estavam os meninos tentando se equilibrar naquele novo brinquedo – que mesclava equilíbrio e balanço, caminhada e queda, mas sempre com muita diversão e alegria e que trouxe mais vida à espera dos Xaverianos. E o

Irmão Gouvêa, tudo acompanhando, sempre incentivando os Xaverianos a andarem sobre as pernas de pau e feliz por ter resgatado uma brincadeira de sua infância para compartilhar com as crianças do Colégio. Para muitos Xaverianos, o tempo de espera passou a ser o tempo de espera para brincar de perna de pau. E torcendo para que os pais demorassem só mais um pouco a chegar...

A história de vida do Irmão Gouvêa entrou ali no Colégio, especialmente por aquele resgate generoso de um momento de sua vivência infantil: um brinquedo feito de madeira e coordenação dos movimentos corporais. E encantou Xaverianos por alguns anos com o lúdico desafio que exigia destreza, ocupando, de forma saudável e interativa, o tempo dos Xaverianos depois de encerradas as aulas.

MORAL DA HISTÓRIA

† O olhar e a mente atentos, num exercício contínuo de perceber o que pode ser feito, o que cabe ali, qual o acréscimo possível naquela situação – certamente propiciam a resposta certa.

PONTOS PARA MEDITAÇÃO

† Tempo de espera é também um tempo para si mesmo.

† A infância guarda muitos tesouros que, a seu tempo, sempre poderão ser resgatados e, de alguma forma, compartilhados.

† Nenhum prejuízo pode advir de a criança transformar o tempo de espera em momento lúdico.

PORTA-BANDEIRA

Capitão do time. Que equipe não precisa de um? E lá estava o Egresso Xaveriano Pier Patrick La Rosa no comando das equipes de handebol, voleibol e basquetebol no ano de 2002. Orientando, incentivando, atento ao desenrolar das atividades – fazendo o que era necessário para que todos jogassem unidos e tivessem um bom desempenho, realizando o melhor que poderiam fazer, instigando a autoconfiança.

Fruto de um trabalho espontâneo, mas consciente, de sua postura e de seu bom relacionamento com todos, Pier Patrick teria posteriormente novo reconhecimento. Foi escolhido pelos colegas como representante, a pessoa de confiança dos Xaverianos perante a direção do Colégio.

Tendo aprendido a ouvir, a trabalhar o senso coletivo e a ter consciência de que tudo que se faz tem um reflexo no grupo, era a pessoa certa no lugar certo de representante.

Sim, Pier Patrick tinha um histórico de representatividade no Colégio. As situações de liderança pelas quais havia passado o credenciavam para outras experiências similares.

E um dia ele chegaria lá: à frente de toda a delegação. Era o porta-bandeira. Para a abertura dos Jogos Jesuítas, de 28 a 30 de agosto de 2002, Pier Patrick foi o escolhido para ser o porta-bandeira da delegação do Colégio São Francisco Xavier.

Um momento muito especial para ele. Orgulhoso de representar os valores da escola com os valores dos esportes.

Parecia coroar uma trajetória de reconhecimento aos anos de dedicação e liderança em relação ao time, ao grupo, ao coletivo. O Colégio São Francisco Xavier estava, certamente, bem representado. Afinal, quantas partidas, quantas gestões junto à diretoria e quantas questões não haviam alcançado um bom resultado em função da equipe e sua liderança?

MORAL DA HISTÓRIA

† O bom líder faz com que as pessoas sintam que são o centro da organização e isso dá sentido e motivação ao que realizam.

PONTOS PARAMEDITAÇÃO

† Fazer com que as pessoas acreditem em si mesmas dá a elas a oportunidade de realizarem o que muitas vezes parecia impossível.

† A liderança eficaz é aquela que se coloca em uma posição de colocar-se a serviço dos demais.

† Liderança e aprendizagem se complementam, impulsionando-se mutuamente.

PRAZER EM FICAR NA ESCOLA

*A*o meio-dia as aulas acabavam. E aí, então, começava uma outra etapa.

Nesse dia – era a segunda metade da década de 1980 –, um grupo de pessoas ficava no Colégio. Sempre havia muitos Xaverianos que aí permaneciam.

Alguns iam para as atividades do teatro, onde realizavam ensaios. O resultado desses ensaios de teatro atingiu seu auge com a montagem da peça Tribobó City, de Maria Clara Machado, que não se resumiu a uma única apresentação escolar para a comunidade Xaveriana. A montagem foi apresentada no 1º Festival de Teatro Amador de São Paulo, no qual ganhou o prêmio de melhor peça infantil.

Outros – um grupo muito grande – iam praticar esportes, incessantemente: cansavam do futebol, corriam para jogar voleibol, handebol ou basquete. Onde tivesse uma bola, havia Xaverianos se divertindo. Não havia desentendimento. Se perdeu, nem por isso havia briga ou discussão. Era unicamente o divertir-se.

Tinha também o lado social – ficar batendo papo com os colegas. E não somente com aqueles que tinham a mesma idade. Havia, nessa época, um movimento de voluntários em que os mais velhos eram incentivados a se integrarem aos mais novos. Todos se conheciam.

Tudo intensamente até as 17h. Ensaios, treinos, jogos, brincadeiras, conversas, movimentação, convivência. O

horário acabava e alguns insistiam em ficar, nem que fosse apelando para um “Posso ajudar em alguma coisa”? Às vezes um gesto de vassourada... Só assim para os Xaverianos saírem da escola! Para a maioria, era a segunda casa. Havia, sim, uma sincera satisfação em ficar no Sanfra.

Era aí, nesse dia, que também tinham a oportunidade de programar o que fazer no fim de semana. Colegas de Colégio esticavam o estar juntos o quanto podiam. Às vezes, encerravam o dia no Sanfra, iam para casa tomar banho e voltavam a se encontrar: “Vamos comer uma pizza?”.

Mas ainda havia o domingo, e a possibilidade de marcar mais alguma coisa nesse dia.

Tudo isso porque era sábado – um longo dia, intensamente vivido nos espaços do Colégio São Francisco Xavier.

MORAL DA HISTÓRIA

† Colha o que a vida oferece agora e extraia daí as melhores sementes. Isso faz parte de nossa missão para cada dia.

PONTOS PARA MEDITAÇÃO

† A prática da amizade, por meio de uma sincera e solidária convivência, cria laços que se estendem para além das circunstâncias do momento, para além de um horário que diz que é preciso encerrar.

† Estar onde se quer estar e fazer o que se quer fazer, em um meio que incentiva o aprimoramento pessoal, é um exercício para a descoberta da importância das relações humanas.

† Viva intensamente as oportunidades de edificar relações saudáveis. As sinceras amizades sempre serão uma extensão de nossa família.

PRIMEIRA PROFESSORA DEFICIENTE FÍSICA

“Gente, anda todo mundo atrás de mim” (antigamente, os Xaverianos formavam uma fila nas aulas de Educação Física; era um atrás do outro) –, disse Maria Cristina Baptista Gabas, antiga professora do Colégio. Então, todo mundo andou para lá, para cá...

“Porque eu gingo o corpo para andar, para lá e para cá...”

Foi uma das primeiras experiências de Maria Cristina, primeira professora deficiente física do Colégio (1985 a 2013), em uma aula de Educação Física.

Quando chegou ao Colégio, há mais de 30 anos, o Padre Paulo Pedreira de Freitas, SJ, então Reitor do Colégio, acreditou naquilo que ela poderia fazer, e ela iria se tornar a primeira pessoa deficiente física a dar aulas. Foi criado um cargo especialmente para Maria Cristina.

O que ela iria fazer? Como iria conduzir as atividades? Muitas questões vieram. Por fim, chegaram à conclusão: seria uma “coringa”, como se fosse uma professora substituta. Durante um ano, fez estágio dando aulas de Educação Física e de Ensino Religioso, conforme solicitação ao Padre Pedreira:

“Eu não quero aquele estágio que eu vou ficar só olhando. Eu quero trabalhar.”

Foi um voto de confiança dado pelo Colégio. Isso foi essencial: acreditarem no seu potencial. Depois disso, foi galgando seu espaço, mostrando que ela não era a deficiência; a deficiência fazia parte dela.

“Nas atividades externas, eu saía com os Xaverianos”, lembra Maria Cristina. As professoras achavam graça e diziam:

“Como você consegue lidar com os Xaverianos (porque eu não os chamo: eu assobio e vêm todos). Então revela-se uma sintonia entre mim e as crianças, mostrando que não preciso das pernas... Eu nunca precisei das pernas para fazer nada. Nunca me impediram... Eu não era deficiente, eu era eficiente.”

Maria Cristina conclui:

“Nada me impediu de ir para frente, ir ao México, sair com as crianças para passear...”

MORAL DA HISTÓRIA

† Limitações podem fazer com que cada um se mobilize no sentido de inventar as próprias soluções para conseguir ir adiante.

PONTOS PARA MEDITAÇÃO

† Pode-se ir até ou além do limite quando não há uma autolimitação das próprias possibilidades.

† Passar a fazer parte de um ambiente de trabalho trazendo como singular característica aquilo que o torna diferente dos demais torna-se uma oportunidade de aprendizagem e crescimento recíprocos, de descobrir as formas de diálogo nas diferenças.

† Na reflexão sobre nossa condição, podemos vislumbrar soluções para que aquilo que não temos efetivamente não seja imprescindível no que temos a fazer.

QUADRA DE TERRA

Colégio, na década de 1960, já era um local de experiência integral: o estudo, a formação e os esportes. Esportes, não. Futebol! Muito futebol. Em um período em que só havia meninos, a maioria dedicava-se, com muito entusiasmo, às partidas tão recheadas de disputas pela pelota. Crianças e jovens reuniam-se no pátio do São Francisco Xavier, transformado por obra da criatividade dos Xaverianos em campo de futebol, espalhavam-se pelo campo de terra, e o tempo inteiro do recreio era ocupado por aquela movimentação entusiasmada e incansável, que não tinha fim.

Mas havia uma particularidade. O pátio-campo era de terra. Todo de terra. E, sobre ela, corriam sem parar os Xaverianos, no horário dos recreios, ávidos por mais um período de brincadeira com a bola. Imagine-se o estado que chegavam em casa esses entusiastas do esporte bretão! É a perplexidade das mães ao verem o estado do uniforme de seus filhos! Mas isso já é uma outra história... Chão batido, só terra, poeira que se erguia constantemente, ou barro nos períodos de chuva. De que era feito o campo, isso era só um detalhe.

Toda aquela energia infantil e juvenil mostrava que havia uma motivação sem fim na prática do esporte. E não havia o que pudesse interromper a vontade de jogar nem nas ocasiões de tempo muito seco.

Às vezes, ao contrário, com a chuva, o pátio se transformava

em um campo de lama, era um barro só. Mas isso não era impedimento – para os Xaverianos, era um motivo de diversão a mais. Com as inevitáveis quedas, trombadas e furadas na hora dos chutes, o futebol trazia outros encantos. Os meninos adoravam: aproveitavam o campo de qualquer jeito e de toda a forma.

E assim foi por longo tempo... Com crianças e jovens vivendo intensamente as experiências que as oportunidades trazem.

MORAL DA HISTÓRIA

† Precisamos estar atentos às oportunidades de expressar uma confiante postura diante das intercorrências do momento e da vida.

PONTOS PARA MEDITAÇÃO

† Por meio das múltiplas atividades da escola – estudo ou esporte, artes, música etc. – crianças e jovens podem descobrir o significado de motivação e da dedicação “de corpo e alma” aos seus propósitos.

† Um dia, a brincadeira na terra; em outro, na plataforma digital. Mudam-se os tempos, os modos de diversão, os riscos e os ganhos; mas não muda a alegria da diversão nem a necessidade da presença de um olhar adulto que proteja e oriente.

† A criatividade e um vibrante entusiasmo têm o poder de transformar o chão batido no melhor dos campos.

QUANDO AMANHECE

*P*ara os Xaverianos, os períodos de Semana Santa em Itaici eram certeza de vivenciar situações marcantes. Aí, os dias passavam, às vezes mais rapidamente, outras vezes se estendendo. Sempre intensamente.

Ao anoitecer, com as atividades encerradas, todos se recolhiam.

A manifesta tranquilidade do local era a medida certa para um novo dia. Em algumas ocasiões, esse novo dia começava antes do amanhecer.

Em uma idade em que jovem algum gosta de acordar cedo, os Xaverianos acordavam ainda escuro. Preparavam-se para uma pequena jornada. Saíam e caminhavam todos juntos.

Os monitores levavam o grupo até um determinado ponto. Aproximavam-se de um lugar estratégico onde todos iam se posicionando. E ficavam aguardando, olhando na mesma direção.

Depois de um breve tempo, revelava-se o motivo daquela discreta aventura: no horizonte, aparecia um fiozinho dourado, brilhando. Aos poucos, ia tomando sua forma.

Eles estavam ali para ver o sol nascer. Ou mais: era o momento de admirar o nascer do sol. Entre silêncio, contemplação e um certo alvoroço, deslumbravam-se com a cena. Toda a turma ficava emocionada.

Acordar cedo, especialmente para ver o sol, era algo

fascinante. Apesar de nem todos se darem conta, era uma oportunidade proporcionada para muitos jovens de, pela primeira vez, ver um nascer do sol.

Um gesto de valorização de coisas simples, muitas vezes julgadas como pequenas, mas que, para cada um, da forma como absorve a experiência, tem a sua grandeza.

Eram lições ao amanhecer que chegavam para os Xaverianos, que se admiravam mutuamente por estar assistindo àquele espetáculo. E o sol – centro das atenções – estava lá, como silenciosa e luminosa testemunha...

MORAL DA HISTÓRIA

† A capacidade de perceber e vivenciar coisas simples, inerentes ao nosso dia a dia, pode trazer benefícios ou até mesmo gerar um efeito transformador nas pessoas.

PONTOS PARA MEDITAÇÃO

† Reservar momentos para contemplação é fundamental no processo de busca do equilíbrio do ser humano.

† Agradecer por todas as coisas que estão aí, das mais simples às mais complexas, é um imprescindível exercício de reconhecimento de que pessoa e natureza só têm uma alternativa: conviver em sinergia, doando-se mutuamente.

† O brilho do sol se completa no brilho dos olhos de quem o vê.

RECONHECIMENTO

“Tenho talento para quê?” – questionamento recorrente, especialmente entre aqueles que estão em fase escolar.

A resposta nem sempre é imediata. E nem sempre vem da própria pessoa. Muitas vezes, um olhar de fora detecta uma qualidade latente para a qual é preciso dar uma oportunidade adequada, para que ela possa se manifestar plenamente.

Assim aconteceu com inúmeros Xaverianos. Aconteceu com Heloísa Garcia Claro Fernandes, antiga aluna do Colégio São Francisco Xavier entre 2002 e 2004.

No 1º ano do Ensino Médio, seu professor de Matemática era Osmar Aurichio.

“Ele era uma pessoa que percebia que eu tinha algumas questões, que eu tinha um pouco de dificuldade de me expressar. Eu era um pouco tímida.” – lembra-se Heloísa dessa sua característica.

E da mesma forma, cada um de seus colegas de classe tinha um perfil próprio. Osmar era um professor constantemente atento às diversas características daqueles para os quais dava aula. Heloísa observa:

“Ele sempre fazia isso com os Xaverianos: procurava detectar alguma coisa de positivo e trabalhar isso, inclusive naqueles que eram os mais demandantes da sala, os mais bagunceiros. Ele se aproximava bastante e tentava polir aquelas coisas mais legais do Xaveriano.”

Não foi diferente com ela que, aos poucos, ia se adaptando

ao novo Colégio, à nova turma. O professor observou que Heloísa gostava bastante de Matemática, tinha um grande interesse pela matéria.

Esse interesse foi o ponto de partida para que o professor Osmar decidisse lhe fazer uma proposta: convidá-la para ser monitora de Matemática dos Xaverianos mais novos e de outros de sua própria turma.

O convite foi extremamente importante para Heloísa. Foi um reconhecimento de que ela tinha qualidades pedagógicas a oferecer para aqueles com os quais convivia e dos quais estava tendo um grande apoio em sua adaptação ao Colégio São Francisco Xavier.

“Tenho até um certificado que eu guardo com muito carinho até hoje.” – completa Heloísa.

MORAL DA HISTÓRIA

† É imprescindível treinarmos nossa percepção para identificar qualidades nas pessoas que podem estar precisando somente de uma oportunidade para mostrar seus talentos e potenciais.

PONTOS PARA MEDITAÇÃO

† Um talento, quando chamado a se manifestar, pode mostrar qualidades e atributos acima do esperado, pelo simples fato de ter sido reconhecido e tido uma oportunidade.

† Precisamos estar atentos para que as eventuais dificuldades de uma pessoa não encubram nem depreciem seus méritos.

† As oportunidades que cada pessoa pode ter, para além de proporcionar um crescimento individual, podem fortalecer sua inserção no grupo e contribuir para a maior integração de todos.

RONDA NOTURNA

Andando pelas ruas do centro, o olhar voltava-se para aquele grupo de pessoas.

Estavam ali, instalados improvisadamente e de forma precária.

Ao observar a realidade dessas pessoas, alguns questionamentos surgiam. E, entre tantas questões: “O que se pode fazer por eles?”

Muitos não encontram resposta. Outros vêem possibilidades. E as soluções surgem no caminho. Soluções que, a partir de um determinado momento, passaram a estar no caminho do Xaveriano, de sua família.

O trabalho de formação do Xaveriano sempre envolveu a família: o Colégio torna-se uma extensão das famílias e estas, dos valores e da visão do Sanfra.

Atendendo a um chamado da Pastoral, pais de Xaverianos puseram mãos à obra.

Havia um grupo de trabalho denominado Ronda Noturna, formado por pais. Toda segunda-feira, um grupo vinha uma hora da tarde e preparava uma certa quantidade de leite achocolatado e pães com manteiga.

À noite, um outro grupo de pais dava continuidade à ação. Iam até o local onde tudo havia sido preparado e dali dirigiam-se até o centro da cidade: Pátio do Colégio, Mercado Municipal e outros locais.

Ao chegarem, faziam a distribuição entre os moradores

de rua. Trabalho voluntário, continuado e que resultava em um momento de acolhimento, de cuidado, de dignidade para com os moradores.

A certeza da importância dessa atitude mostrou efetivos resultados não só para aqueles que se beneficiaram do que fizeram estes grupos. Hoje, depois de muitos anos, a Ronda Noturna continua a ser feita com o dedicado trabalho de um grupo de Egressos Xaverianos.

MORAL DA HISTÓRIA

† A percepção de que existem pessoas e comunidades em condição precária ou de risco torna-se mais evidente quando se dá conta de que há algo ali, naquela situação, a ser resolvido. Há algo a ser feito e há alguma solução que pode ter algo a ver com cada um de nós.

PONTOS PARA MEDITAÇÃO

† A percepção das fragilidades sociais que nos rodeiam é um imprescindível exercício sobre a medida do quanto queremos nos comprometer com esses contextos.

† O comprometimento com a necessidade do outro tanto mais se efetivará quanto mais consistente for uma formação voltada ao propósito de desenvolver a consciência de que todos, cada um em sua circunstância, constituem instrumento de solução ou redução de desequilíbrios sociais.

† Quando pessoas fragilizadas socialmente se sentem beneficiadas por uma determinada ação dirigida a elas, ganha também a sociedade ao perceber o que é preciso continuar a ser feito.

SAQUINHOS DE PÃO

Quando chegou na padaria, foi até o balcão e pediu os pãezinhos. O balconista foi colocando os pães no saquinho que, de acréscimo, trazia uma mensagem impressa.

O que era isso? O que estava escrito? Frases compostas pelos Xaverianos, que tinham uma expectativa: a mensagem iria mudar alguma coisa em seu dia?

Questões que haviam começado quando o 1º ano passou, em 2010, a desenvolver inúmeros projetos: sociais, de leitura, de artes – em diversas áreas –, que integravam várias matérias. E um dos pontos fortes dos projetos era a elaboração de ideias que envolvessem escola, família e comunidade.

Entre as inúmeras possibilidades, pensaram no seguinte: “E se colocássemos frases em saquinhos de pão?”

Entraram em contato com uma padaria então existente, a Maria Loka, para participar de um projeto social do Sanfra. Os proprietários da padaria concordaram.

Os Xaverianos, com a orientação dos professores, passaram a desenvolver a proposta: criaram as frases e fizeram os desenhos para serem impressos de um lado do saquinho e, de outro, o logo da padaria. Foram impressos mil saquinhos, e confeccionado um banner sobre o projeto.

Era mais uma forma do Colégio de se fazer presente na comunidade, mostrar que estava dialogando com seu entorno e os Xaverianos, aprendendo a buscar soluções de diálogo, de elaboração e de divulgação de ideias.

Ideias que podem estar presentes em todo lugar e situações. E um dia, na forma de mensagens, elas foram parar no saquinho de pão.

MORAL DA HISTÓRIA

† Quanto mais a mensagem puder fazer parte das atividades e das situações simples do cotidiano tanto mais seu conteúdo se multiplicará e terá visibilidade, podendo ir se integrando ao repertório das pessoas, de modo a trazer novas referências sobre seu modo de ser, de pensar.

PONTOS PARA MEDITAÇÃO

† O empenho em fazer-se presente, com sua ação e sua mensagem, onde o outro está, revela uma forma de ser para os demais.

† Há várias formas de interagir com uma comunidade, de conectá-la. Mas é preciso uma permanente e atenta atualização de como se comunicar, de como estar lá para poder fazer-se presente, compreensível, aceito.

† Um convite à reflexão: é uma das mais duradouras e transformadoras mensagens que se pode levar aos outros.

SEMENTES DE GIRASSOL

Em o fim do ano letivo de 2016 e algumas pessoas visitavam o Museu do Ipiranga.

Inaugurado no dia 7 de setembro de 1895, o Museu possui um acervo muito precioso. Parte dele fica exposto nas áreas destinadas à visitação pública. Por esses locais circulam pessoas que buscam informação, realizam pesquisas ou simplesmente observam, curiosos.

Naquela ocasião, as pessoas viram – entremeando obras, mobiliário, escultura e documentos – um grupo de crianças. Mas algo chamava a atenção: parecia que as crianças estavam falando para os visitantes.

Jovens e adultos que passavam por perto, aproximavam-se, curiosos, para saber do que falavam. Vendo aquelas criancinhas de três anos com um envelope nas mãos, paravam. E se abaixavam para ouvir a explicação.

As crianças traziam sementinhas que mostravam a esses interessados. Explicavam tratar-se de sementes de girassol, acrescentando uma informação muito especial: ensinavam como plantar.

Nessa hora, o Museu acabou sendo um palco privilegiado para a apresentação dos pequenos Xaverianos. Aqueles que recebiam sementes e instrução de plantio valorizavam aquela performance do grupo. Já os Xaverianos treinavam ali, ao lado de uma ação concreta – doar sementes –, outras experiências essenciais para sua desenvoltura: expor-se a outras pessoas

em um ambiente fora da escola, falar, argumentar, incentivar o outro a levar a semente e plantá-la... Era muita coisa, em um gesto aparentemente tão simples.

Esses Xaverianos transformaram-se em pequenos agentes multiplicadores de uma ideia. Nessa nova situação que estavam vivendo, tornavam-se, ao mesmo tempo, aprendizes e mestres.

Para todos – equipe da escola, visitantes e demais envolvidos – foi um maravilhoso exercício conciliando relacionamento fora do ambiente escolar, doação e cuidado ambiental.

MORAL DA HISTÓRIA

† Em cada momento há sempre uma forma de preparação para a mais difícil e necessária lição: a demonstração de amor pelo próximo.

PONTO DE MEDITAÇÃO

† Em tudo, e especialmente através da educação, a preparação é o fator essencial para o aprimoramento pessoal.

† Aprendem adultos, aprendem crianças. Aprendemos todos, todos os dias, uns com os outros. Aprende quem ouve, aprende quem fala.

† Quando o início do treinamento das boas atitudes se dá desde cedo, maiores as chances de uma formação mais consistente e de novas e necessárias iniciativas se irradiarem mais.

SEU SEVERINO

Andando pelos corredores, atravessando a quadra, presente nas portas das salas de aula.

O tempo todo atento: na entrada, durante os intervalos, ao término das aulas. E durante as aulas. Estava onde fosse preciso, onde era importante estar.

Severino, o Inspetor de Alunos – mais conhecido como “seu Severino” – percorria diariamente as dependências do Colégio que tão bem conhecia. E tanto quanto “cada canto” do Sanfra, seu Severino conhecia também muito bem aqueles inúmeros Xaverianos.

Foram mais de 30 anos de imensa dedicação.

Onde quer que estivesse, ouvia-se um “seu Severino”! Muito solicitado, procurava atender cada um, independentemente da solicitação. Para além da disciplina, cuidava com muita atenção de cada pedido. Estava sempre pronto!

Inspetor de Alunos muito simples, de fácil acesso e extremamente carismático, seu Severino era muito próximo deles. Sabiam que era uma pessoa de total confiança, com quem podiam contar nas mais diversas situações do ambiente escolar. Nas dúvidas, dificuldades ou animosidades, sua presença trazia o conforto de quem procurava a solução mais apropriada. Ele resolvia tudo!

E, com esse perfil que despertava admiração, seu Severino, após anos de Sanfra, aposentou-se em 2000. Com tamanho vínculo, por tanto tempo, com tanta gente do Colégio, sua

saída não poderia ser apenas um último dia de trabalho. Ele havia plantado algo muito especial. Em sua despedida, queria deixar registrado o resultado do que plantou.

De sala em sala, foi deixando seu recado:
“Amem o Colégio como eu amei.”

MORAL DA HISTÓRIA

† Estar a serviço do outro é um componente essencial para a construção de uma consciência voltada a formar cidadãos melhores, que saibam interagir uns com os outros de forma sincera, amorosa e sinérgica.

PONTOS PARA MEDITAÇÃO

† Há uma apaixonada doação e civilidade na postura daquele que anseia pela convivência com os demais.

† Ser solidário muitas vezes é apenas exercitar a capacidade de ouvir a quem procura escuta.

† A quem o procurava, seu Severino retribuía, pondo-se disponível, sabendo de toda a importância que há na dimensão do ouvir.

SHIAI

Collegio Catholico Japonez São Francisco de Xavier – com esse nome, começaram as aulas no antigo Sanfra, em 1928.

Idealizado pelo Padre italiano Guido Del Toro, SJ, voltava-se integralmente para os filhos dos imigrantes japoneses. No Collegio aprendiam as disciplinas do ensino regular em Língua Portuguesa. Ao mesmo tempo, preservavam a cultura japonesa em aulas no período da manhã.

Assim ocorriam o Catecismo, nihongo – o ensino da língua japonesa (para os descendentes de imigrantes), judô (no Colégio havia uma espécie de academia de judô) e outras atividades destinadas predominantemente aos filhos e, depois, netos dos imigrantes. Poucos eram os Xaverianos que ali também estudavam mas não tinham olhos puxados: eram os chamados gaijins, que começaram a fazer o Colégio na década de 1940.

Por volta do início da década de 1950, conforme relato do Egresso Xaveriano Cláudio Schiesari, havia no São Francisco Xavier outra modalidade de arte marcial também introduzida pela colônia dos japoneses. Dessa, os gaijins também podiam participar.

Em certas ocasiões, o espaço do Colégio abrigava outras manifestações da comunidade dos japoneses que organizavam o Shiai (“competição”, em português). Além de competição tradicional, havia uma motivação adicional para os participantes: quem conquistasse o primeiro lugar, como

prêmio receberia uma caneta, uma borracha e um lápis; para o segundo, um caderno.

Em festa japonesa não poderiam faltar quitutes de sua culinária tradicional. Era também dia de saborear o anko – doce de feijão azuki – e outros preparados gastronômicos para aqueles que iam assistir ao Shiai e para os que o disputavam.

Para toda a comunidade do Colégio e do bairro tratava-se de um dia muito festivo. E, para o Colégio, mais um momento que contribuía para promover um aspecto cultural daqueles que formavam, então, a maioria dos Xaverianos: filhos e netos dos imigrantes japoneses – e razão de ser da fundação do Collegio Catholico Japonez São Francisco de Xavier.

MORAL DA HISTÓRIA

† A manutenção dos costumes de um povo, por meio de sua inserção em momentos de celebração do grupo, contribui não apenas para sua preservação como expressão viva de sua cultura mas também para o próprio fortalecimento dos laços dessa comunidade.

PONTOS PARA MEDITAÇÃO

† Uma escola que acolhe diferentes manifestações culturais revigora a reflexão e a circulação do conhecimento, imprescindíveis à sua atuação.

† A competição é uma oportunidade de conquistar uma vitória sobre si mesmo.

† A melhor vitória é vencer a si mesmo a cada dia, vencer suas próprias limitações e dificuldades em todas as áreas da vida.

SINGULARIDADES, IDIOSSINCRASIAS

É assim mesmo – cada pessoa tem sua singularidade, suas idiossincrasias. Xaverianos e professores também.

Ambos vão construindo – em sua comunicação, seus diálogos e atitudes – uma relação que faz com que cada um vá conhecendo melhor o outro. Afinal, isso faz parte do processo de aprendizagem.

Assim, a convivência dos professores com os Xaverianos é algo muito especial – e ambos sabem disso.

E, durante esse tempo que pode chegar a anos de convivência, alguns momentos são, sem dúvida, marcantes. Ou melhor: são desafiadores. Isso exige do professor uma atenta percepção de qual deve ser sua atitude diante desse desafio. E, inevitavelmente, a cada dia, os desafios se renovam.

Às vezes, uma troca de ideias sem chegar a um acordo, um modo um pouco mais intenso de expor uma opinião ou, no oposto disso, a irresistível tentação de o Xaveriano lidar em toda situação com humor... É um exercício constante de o professor, e também o Xaveriano, identificar a singularidade do outro e procurar o melhor caminho. Exercício sem fim... É assim que as oportunidades de crescimento mútuo acontecem.

A professora Rosana Galhardo lembra-se de um desses episódios:

“Em muitos momentos você se surpreende. Recentemente um Xaveriano... eu gosto muito dele, mas é muito agitado. Falei: ‘Hoje você vai falar com a Coordenadora’. Aí no outro

dia eu estava falando sobre reportagem, pichação, grafite – e ele, muito criativo e de forma fluente, começou a pichar uma folha, fez meu nome e escreveu ‘professora, desculpa’ e me entregou, me abraçou. Aí eu tive oportunidade de falar com ele.”

Em uma outra situação, em 2000, um Xaveriano imitava constantemente o Silvio Santos:

“Para esse Xaveriano, a solução que eu encontrei foi reservar alguns minutos para ele no final da aula e deixar que imitasse o Silvio Santos. Atualmente, ele é um brilhante professor de História no Colégio.”

E qual o aprendizado disso?

“Hoje eu percebo que eu tenho muito mais controle e jogo de cintura para essas situações, aprendendo a me relacionar melhor com as pessoas.”, afirma Rosana.

MORAL DA HISTÓRIA

† Perceber o outro e a si mesmo, dar-se conta de ambas as individualidades, pode constituir um excelente começo para um frutífero diálogo.

PONTOS PARA MEDITAÇÃO

† Você tem se colocado no lugar do outro?

† Os outros têm se colocado em seu lugar? O que tem aprendido com isso?

† Na dúvida, conte até 10 ou um pouco mais... Em um momento de incerteza em relação à atitude a tomar, pode-se usar uma palavra atenuadora, de trégua, de modo a ter um tempo para refletir melhor sobre o que e como irá falar ou agir sobre aquela circunstância.

SINTONIA PERFEITA

eram meses de treino!

A apresentação naqueles anos finais da década de 1950 e início da década de 1960 seria somente em outubro, mas até lá... muito treino.

Disciplinado, mas tolerante – conseguia ser amigo e chamar a atenção dos Xaverianos adequadamente –, carismático e cativante, o professor Ary Melega, de Educação Física, sabia que treino, preparação e disciplina eram palavras mágicas. Eram conceitos que, praticados, poderiam levar cada um a atingir todo potencial naquilo que estavam fazendo. E passava esse ensinamento aos Xaverianos. Especialmente treinando.

Ao longo dos meses, duas aulas por semana. Os ensaios da apresentação ocorriam com todos os Xaverianos. Mas havia uma particularidade: eles não treinavam juntos. Cada classe treinava separadamente, cada uma em um dia e em horários diferentes. Tudo era feito com muito cuidado para que, lá na frente, houvesse um grande entrosamento. Cada classe dedicava-se ao máximo.

Depois de muito preparo, vinha o ensaio geral, já bem perto do dia da apresentação.

E num domingo – sempre aos domingos –, finalmente, o grande dia: uma grande festa, a apoteose. Estavam lá, em torno do campo de futebol, pais de Xaverianos, familiares, amigos, comunidade e toda a equipe do Colégio. Alinhados,

uniformizados e vestidos de verde e azul, os Xaverianos iam chegando. Todas as classes iam se reunindo.

Iniciavam-se as apresentações de ginástica rítmica, durante as quais se destacava a total coordenação entre todos os participantes. Era um espetáculo, uma festa inesquecível para todos os que estavam ali. Acompanhavam e vibravam com aquela fantástica integração e harmonia de sequência de movimentos entre os participantes. Tudo muito bem sincronizado, com os exercícios no tempo exato da música.

Todo o trabalho ao qual haviam se dedicado por meses havia produzido excelente resultado.

Era uma enorme satisfação para eles mesmos e para os que assistiam à apresentação ver que daquela preparação feita disciplinadamente por longo tempo e separadamente entre as classes, haviam conquistado, de forma brilhante, uma sintonia perfeita!

MORAL DA HISTÓRIA

† Você não sabe como o outro está se saindo, mas sabe que ele está fazendo o mesmo que você – ambos, e todos, para uma união que ocorrerá só lá na frente, num tempo futuro, em que o ótimo resultado estará vinculado à total sintonia entre todos. Você não procurará fazer o melhor que pode agora?

PONTOS PARA MEDITAÇÃO

† No trabalho em equipe, é fundamental treinar tanto a coesão do coletivo quanto o melhor do individual.

† Treinar a capacidade de autonomia visando a um objetivo coletivo é fortalecer a ideia de liderança que há em cada um.

† A conquista é muito importante; a preparação, imprescindível.

SOLIDARIEDADE ALÉM-FRONTEIRAS

(Padre Eduardo Henriques, SJ)

A rede de colégios jesuítas da América Latina (FLACSI) possui mais de 90 unidades, espalhadas de Miami ao sul do Chile. Em 2011, ela assumiu o desafio de colaborar para reerguer a educação no Haiti.

Entre as diversas iniciativas para aquela primeira fase da *Campanha Inacianos pelo Haiti*, alguém teve a ideia de copiar uma tradição que vinha da competição saudável entre as chapas que concorriam todo ano ao Grêmio do Sanfra: surpreender a todos com um banner gigante que era solenemente revelado poucos dias antes da eleição. É claro que cada chapa buscava superar as outras na criatividade e na força da sua “marca”!

Mas, no dia do banner único pelo Haiti, no pátio lotado, a voz do Reitor fazendo a contagem regressiva, fomos um só Sanfra, fazendo valer toda a nossa proposta educativa: ali também, vi acontecer o sonho de formar homens e mulheres com e para os outros!

MORAL DA HISTÓRIA

† Quando distintas pessoas têm como horizonte uma missão comum, as diferentes procedências podem transformar as tendências num feixe de união.

PONTOS PARA MEDITAÇÃO

† Experiências que deram certo no passado têm o potencial

de ensejar soluções que, a qualquer momento e para diversos fins, podem ser resgatadas e gerar resultados que poderão contribuir para o aprimoramento do que ainda há por fazer.

† A competição é saudável quando não afasta uns dos outros nem chega a resultados às custas de qualquer tipo de depreciação alheia; mas, sim, quando é capaz de incentivar os participantes a conseguirem um desempenho acima do que imaginavam poder fazer.

† Realizar algo para surpreender a todos é dedicar-se, criativamente, a preparar o imprevisível aos outros, acreditando em novas possibilidades e novas ideias para obter o melhor possível do inesperado.

TORNARAM-SE BRASILEIROS

Assim que chegou a São Paulo, o Padre Guido Del Toro, SJ, anteviu uma escola para nipo-brasileiros. Fundado em 1928, na Liberdade, e transferido para o Ipiranga em 1931, o Collegio Catholico Japonês São Francisco Xavier cumpriu o desígnio do Padre Del Toro.

A começar pela distribuição das aulas: de manhã, japonês; à tarde, português. Não demoraria muito e os primeiros brasileiros começariam a se matricular desde a década de 1940. Todos com um interesse comum: futebol, muito futebol. Professores, até então japoneses, passam a conviver com professores brasileiros.

Xaverianos, descendentes de imigrantes japoneses, fazem a catequese, a primeira comunhão e assistem à missa – conforme a formação cristã – em língua portuguesa ou japonesa.

Festividades tradicionais japonesas, dentro do Colégio, convivem com as festas juninas locais. Famílias de japoneses e de brasileiros, através dos filhos no São Francisco Xavier, vão se aproximando durante os eventos e missas.

As apresentações de ginástica revelavam equipes cada vez mais mescladas.

Ao longo de décadas, foram inúmeras as ações e as mudanças para uma aproximação entre descendentes dos japoneses e brasileiros. E o resultado foi se estabelecendo.

Um empenho de reitores, diretores, coordenadores

e professores do Colégio São Francisco Xavier por uma educação especial para o nipo-brasileiro. Foi uma grande oportunidade – tanto para quem promoveu essa educação quanto para quem recebeu – para o crescimento na educação e na integração da sociedade japonesa.

Em função dessa educação especial, todos os descendentes de japoneses que participaram desse processo, de diferentes modos, se tornaram brasileiros.

MORAL DA HISTÓRIA

† O empenho de muitos para fazer com que culturas distintas pudessem dialogar, transformando em brasileiros os descendentes de japoneses que aqui estavam, sem perda da identidade e de suas tradições mais essenciais, vai moldando assim uma nova realidade cultural, mais plural que a geração anterior, mais aberta às mudanças que a própria sociedade vai formando, favorecendo uma convivência entre as diferentes comunidades.

PONTOS PARA MEDITAÇÃO

† Um processo intenso, longo, dinâmico e desafiador de promover o encontro de culturas diversas gera transformações mais consistentes.

† A mensagem é relativamente simples, sua prática às vezes exige centenas ou milhares de pessoas, algumas gerações para fazer frutificar uma ideia: aproximem-se uns dos outros.

† Determinação para o diálogo: daí nascem esperanças para que o resultado esperado possa acontecer.

TROCA DE BALINHAS

São gestos simples.

Às vezes, a delicada e espontânea oferta de um singelo artigo, um objeto. Um presente com uma característica singular: nem é preciso que seja desembulhado. O presente se mostra no próprio gesto, no valor das coisas simples.

Nos acampamentos realizados pelo Sanfra, muitas situações estiveram e estão envoltas nessa atmosfera. Viagens, passeios, atividades, brincadeiras – todos trazendo situações especiais.

Algumas experiências se destacavam. Em um acampamento realizado em dezembro de 1990, houve o momento da fogueira. O grupo ali reunido era composto por Xaverianos de diferentes idades, de séries diferentes. Todos em volta da fogueira.

Primeiro, havia uma peça teatral, com uma mensagem de motivação. Depois, uma agitação de crianças e jovens na troca de balinhas. Não era algo de valor: a balinha representava o fortalecimento de um vínculo de amizade, de lealdade, de apoio.

Mas a troca de balinhas não era somente para as amizades que já existiam. O ambiente do acampamento era muito favorável à integração e propício para novas amizades. Nem todos de um mesmo grupo que diariamente conviviam no Colégio iam ao acampamento. Xaverianos de outras séries ofereciam uma oportunidade de amizade entre pessoas que,

no ambiente escolar, se conheciam apenas de vista e nunca haviam conversado.

E a troca de balinhas – podia-se escolher qualquer pessoa, e eram várias as pessoas com as quais se fazia a troca – era um momento muito singelo que exprimia e fortalecia esse compartilhamento entre todos.

MORAL DA HISTÓRIA

† É fundamental estarmos atentos à simplicidade dos gestos e atitudes, pois neles podem se revelar questões fundamentais do relacionamento humano.

PONTOS DE MEDITAÇÃO

† Um dos anseios mais presentes em cada um de nós é fazermos aquilo que traduza nossa essência – dons, qualidades e atributos – e nos torne aceitos e úteis ao aprimoramento dos outros.

† O gesto de aceitação daquilo que exprime um bem comum é uma valiosa conquista para uma sociedade mais justa e solidária.

† Independentemente de haver aceitação ou não, precisamos reconhecer o quanto é fundamental nosso gesto de oferta – esse é o começo.

UM NOVO MUNDO

les estão sempre prontos para aprender – ainda que muitas vezes nem pareça ou mesmo não se deem conta disso – nas inúmeras experiências que o Colégio proporciona.

Juntamente com as outras escolas da vida, o Xaveriano vai formando uma bagagem e moldando seu modo de ver e vivenciar o mundo, os outros, a si mesmo, as coisas. É assim, de um determinado modo, as coisas vão sendo vivenciadas até que novas situações revelem para ele novas questões, novos horizontes.

Exatamente por isso – porque o novo sempre vem –, estão permanentemente prontos para aprender. Estão atentos às múltiplas formas de aprender, em quaisquer lugares que estejam: na sala, nos laboratórios, nos corredores, nos locais visitados e... no pátio do Sanfra. Ali se jogava muito – e só futebol no campo de terra, o “terrão” até 1978. Ah!... o futebol.

Paixão intensa, durante anos os Xaverianos tinham, no esporte, os pés e a cabeça somente para o futebol – nem parecia existir qualquer outra modalidade.

Até que surge um professor, em 1974: Orlando Morais, de Educação Física. Com um grande conhecimento, clareza, honestidade e uma enorme vontade de ampliar o horizonte dos Xaverianos, traz um “mundo novo”.

Os Xaverianos vão descobrindo que havia um tanto de possibilidades para além do futebol... Encantam-se com o que veem pela frente: basquete, vôlei, handebol e tantas

outras modalidades. E tudo acompanhado por projeções de slides. Era muito estimulante!

E as Olimpíadas. Olimpíadas? Sim, ficaram fascinados com os jogos olímpicos, com tudo aquilo que acontecia em 1976, em Montreal.

Era muita novidade. Todo o conteúdo que o professor tinha a oferecer era intensamente absorvido.

Cada Xaveriano, a seu modo, foi reformulando sua visão de Educação Física. E mais: de possibilidades que poderiam ser experimentadas – no esporte e na vida. Cada um descobrindo o quanto valeu aquela experiência:

“Tudo isso abriu minha cabeça, mostrando que o mundo é maior e existem outros caminhos em que podemos ter ou fazer escolhas na vida.”, relata a Egresso Xaveriano Jarbas Jorge Júnior

Tiveram a oportunidade de enxergar mais longe e não a perderam:

“Isso fez muita diferença para nós.”, completa Jarbas.

MORAL DA HISTÓRIA

† Abrir caminhos não imaginados antes, fazendo expandir horizontes de possibilidades, é uma atitude educativa que encoraja a superação dos condicionamentos que restringem o campo das escolhas e, por consequência, o crescimento pessoal.

PONTOS PARA MEDITAÇÃO

† A vida é uma oportunidade. Quanto mais ampla e consistente a visão dessa oportunidade, maior será a liberdade para se fazer as escolhas corretas.

† A vida é uma permanente manifestação de expansão do que podemos ser.

† As descobertas são fascinantes: elas nos levam cada vez mais próximo da realidade e dos sonhos possíveis.

UMA GRANDE TRANSFORMAÇÃO: A MINHA!

A Semana Santa Jovem, em Itaici, atraía muito os Xaverianos. Os eventos realizados em Itaici, bairro de Indaiatuba, eram muito especiais.

Mas Renato Brigati, Egresso Xaveriano e hoje professor do Sanfra, ainda não havia participado:

“Não ter ainda participado, tudo bem. Mas o fato de alguns amigos que participaram dizerem que eu deveria ir e que iria me fazer muito bem acendeu em mim um desejo imenso de participar.”

Resolveu então se inscrever para participar da Semana Santa Jovem. Mas, para sua surpresa, não foi selecionado.

Inconformado com essa “sentença”, questionou um professor que fazia parte da equipe que cuidava desse retiro sobre o porquê da sua não aceitação no encontro.

O professor foi sincero: o resultado era fruto da sua postura em sala de aula. Apesar das boas notas, Renato também levava broncas e advertências dos professores por certa indisciplina em sala de aula. As conversas fora de hora, as brincadeiras e a dificuldade para focar a atenção nas aulas eram características marcantes daquele jovem de 14 anos.

Mas o professor, que era pai de um colega de Renato, também disse:

“Se melhorar sua postura, poderá ir ao próximo encontro.”

E, como nada acontece por acaso, houve uma desistência de um dos Xaverianos selecionados.

“Acredito que essa desistência foi o início de uma grande transformação: a minha!” – enfatiza Renato.

Ele tinha pessoas à sua volta que acreditavam no seu potencial e que o incentivavam a ser uma pessoa melhor. Pessoas sempre dispostas a dar uma segunda chance! Assim, quando ocorreu a reavaliação do preenchimento da vaga para Itaici, deixada pela desistência de um Xaveriano, uma professora com muita sensibilidade colocou a questão: não seria interessante dar essa vaga para Xaverianos como Renato, que precisavam de ajuda? Essa seria uma maneira de resgatá-los e fazer com que se tornasse uma pessoa melhor.

E Renato conclui:

“Eu fui, e foi a melhor coisa que podia ter acontecido comigo. Esse retiro foi a minha transformação, desenvolvi minha autonomia, responsabilidade e pedi desculpas por todos os atos de indisciplina que cometi com a minha professora de religião. Sem dúvida foi um marco na minha vida escolar; depois disso, nunca mais fiquei em recuperação e melhorei a postura em aula!”

MORAL DA HISTÓRIA

† Oportunidades são importantes a todos e imprescindíveis aos que mais delas precisam.

PONTOS PARA MEDITAÇÃO

† O anseio pela transformação já é um importante agente transformador.

† É fundamental para o crescimento do indivíduo ter pessoas à sua volta que acreditem no seu potencial.

† Muitas vezes, a forma de incentivar uma pessoa a ser melhor é oferecer-lhe uma segunda chance.

UNIFORME COR DE TERRA

Short azul e camiseta com detalhes vermelhos.

Durante muitos anos, esse foi o uniforme do Sanfra. Bom, eram essas as cores até os meninos jogarem futebol...

O pátio onde ficavam antes e depois das aulas e, especialmente, que usavam nos recreios, era o lugar do futebol. O pátio era transformado em campo, em um imenso campo de futebol de terra.

Há anos era assim: muito futebol e muito uniforme, com o Xaveriano dentro, caindo e rolando na terra.

Depois de chutes, dribles, jogadas e trombadas – envoltos pela poeira que se levantava do chão –, era inevitável o uniforme ficar um tanto desfigurado em suas cores originais.

Encerradas as aulas, as mães ficavam um outro tanto desconsoladas ao verem o estado que seus filhos voltavam, ou melhor, que a camiseta e o short ficavam... marrom! E o futebol era todos os dias...

Quanto mais tempo de Colégio, mais uniformes que chegavam limpos e voltavam cor de terra. E assim continuaria não fosse a iniciativa de uma Comissão de Mães, no início da década de 1970.

Sendo as mães as que mais diretamente estavam comprometidas com os cuidados com o uniforme, algumas delas se organizaram em uma Comissão, discutiram a questão e tiveram uma ideia, que apresentaram para a diretoria do São Francisco Xavier. O bom senso da proposta prevaleceu:

o uniforme do Colégio mudaria de cor. A calça passaria a ser marrom, e a camisa, bege, ambas seguindo a cor do campo de terra.

E nessa cor permaneceu mesmo depois que o campão foi transformado em numa quadra muito moderna. Por cerca de quatro décadas, o uniforme assim se manteve, em função daquela mobilização das mães, que deixaram marcas na história – que iam além das cores do uniforme – do Colégio São Francisco Xavier.

Os Xaverianos, que anos depois entravam no Sanfra, não entendiam: “Por que marrom?”

MORAL DA HISTÓRIA

† Seja mudança ou permanência, para tudo há uma razão e um propósito de ser.

PONTOS PARA MEDITAÇÃO

† Na mobilização para gerar novas realidades, cada indivíduo é uma célula de transformação.

† Dar-se conta de que algo que representa um desafio é passível de solução transforma-se em um exercício fundamental no aprimoramento individual e coletivo.

† O problema e a necessidade são condições insubstituíveis da solução.

VOCÇÃO OU ALGUMA COISA VOCÊ APRONTOU?

Quando o Xaveriano precisava de uma advertência? No período de 1961 a 1965, o Reitor era o Ângelo Banki, SJ, e o Padre Fernando Maria Álvarez de Miranda, SJ, o Coordenador-Geral.

O Coordenador tinha um relacionamento amistoso com os Xaverianos – mas era bem severo na disciplina. Se o Xaveriano precisasse de uma advertência, ele ia até a sala do Padre Miranda e deveria retornar no período da tarde para estudar. Era o período de retenção.

Vida de estudante tinha dessas coisas, imprevisíveis ou anunciadas. Histórias comuns ou inusitadas que, como num descuido, levava crianças e jovens a terem uma “conversinha” sobre o fato ocorrido e a disciplina do Colégio.

Quando isso acontecia, o estudante precisava comunicar os pais que teria que voltar à tarde. Um deslize – seriam bagunceiros, falantes, engraçadinhos ou tudo não passava de um equívoco? – e... como fazer para dar a notícia em casa? A volta da escola, nessas ocasiões, parecia uma eternidade.

Uma única vez, o Egresso Xaveriano Valter Benegra, que estudou no Sanfra entre 1959 e 1963, precisou avisar sua mãe:

“Tenho que voltar para o Colégio à tarde.”

O Padre Miranda havia chamado o Valter pois queria conversar com ele e pediu que voltasse à tarde.

Nesse dia, chegando em casa, Valter avisou sua mãe e já foi antecipando:

“Mãe, eu não fiz nada...”

E ela, um tanto ressabiada disse:

“Mas alguma coisa você aprontou, senão o Padre não chamava você para voltar à tarde.”

Quando Valter retornou, um tanto receoso, para o Colégio, o Padre Miranda explicou o motivo da conversa: ele achava que o Valter tinha vocação religiosa e o convidou para que fizesse o colegial em Itaici.

Ufa...!

Surpreso e agradecido, Valter, por ser filho único, avaliou que seria inviável a possibilidade de ficar longe da família.

E, aliviado, Valter retornou para casa com duas boas notícias para dar à mãe: o convite para estudar em Itaici e que não tinha aprontado nada!

MORAL DA HISTÓRIA

† Saber esperar de modo confiante, perseverando diante das circunstâncias adversas da vida, é um dos mais difíceis, constantes e necessários desafios do ser humano.

PONTOS PARA MEDITAÇÃO

† Vocação: um delicado exercício de discernimento sobre quando seguir e quando abrir mão.

† A superação dos próprios pensamentos e modos de agir vem do deixar-se transformar pelas palavras de Cristo. (A partir de mensagem do Papa Francisco).

† É preciso cuidado e discernimento constantes para não se deixar levar pelas aparências.

VOCAÇÕES

Apelo ou a inclinação para a vida religiosa é um reconhecimento do chamado para descobrir seu próprio lugar no mundo, seu modo de ser para si e para os outros.

No Colégio São Francisco Xavier, essa questão adquiriu relevância no reitorado do Padre André Massao Ozaki, entre 1965 e 1971, que anteriormente havia sido professor de Matemática, Latim e Geografia, entre 1953 e 1956.

“Muito interessante que, nesse período [quando foi Reitor], houve o surgimento de vocações. Naquele tempo, muitas pessoas que desejavam ser religiosos tornaram-se padres.”

Oriundos de famílias simples, vários desses Xaverianos não teriam como dar continuidade aos seus estudos, já que sua formação religiosa implicava ter recursos para fazer o curso em Nova Friburgo, no Rio de Janeiro, na Escola Apostólica do Colégio Anchieta.

Para viabilizar a formação, a Missão Japonesa do Colégio São Francisco Xavier, fundada pelo Padre Guido Del Toro, SJ, fazia a indicação e o encaminhamento. E mais:

“O Colégio indicava e depois ajudava financeiramente essas pessoas. Assim, a família não precisaria arcar com despesas. Quem os sustentava era a Missão. Muita gente foi enviada para o Colégio Anchieta naquele tempo” – lembra o Padre André.

A escola, por ser jesuíta, estava sempre atenta àqueles

Xaverianos que demonstravam um despertar para a vocação. Apesar de nem todos terem seguido a formação religiosa, vários Xaverianos, para regozijo do Colégio São Francisco Xavier, tornaram-se padres.

MORAL DA HISTÓRIA

† A oportunidade de realizar uma experiência religiosa é tão importante para aquele que vai se formar quanto para aquele que pode tomar a decisão de escolher outros rumos. A experiência decorrente das decisões sempre se soma à vida, independente de novas escolhas que possam vir.

PONTOS PARA MEDITAÇÃO

† É fundamental estarmos atentos às necessidades daqueles que desejam e têm um perfil para passar por determinadas experiências de formação em suas vidas. Seu anseio pode ser, às vezes, resolvido com um simples estímulo; às vezes, é preciso que a isso se acrescente os recursos necessários para sua efetivação.

† As experiências são, em quaisquer circunstâncias, tempos de reflexão que nos chamam a treinar nosso discernimento sobre decisões a tomar.

† O servir aos demais é essencial na atividade religiosa. Mas estará sempre potencialmente presente na vida das pessoas como um gesto que dá sentido ao coletivo que vivemos.

VOCÊ ESTÁ BEM?

Muitos Xaverianos chegam de outros colégios. E de lá trazem uma experiência diversa. Algumas boas, outras nem tanto... Jesiane Nunes entrou no Sanfra em 2010. Vinha de um colégio público:

“Lá tinha muita bagunça”.

Era um outro contexto e de lá essa lembrança ficou muito presente para ela. Mas Jesiane e sua família tinham uma perspectiva diferente. Queriam algo mais consistente para sua formação escolar.

Naquele ano, começa a estudar no São Francisco Xavier. Uma grande e inesquecível surpresa. Em pouco tempo percebeu algo novo em relação ao lugar em que havia estudado:

“O mundo daqui do Sanfra é totalmente diferente do que estamos acostumados.”

Sentia algo muito bom que permeava o ambiente. Nos locais onde estava, com as pessoas com as quais convivia e nas atividades que realizava havia algo constante, o acolhimento:

“Fui acolhida por todos. Me senti abraçada.”

Sentia-se aceita, ou mais, respeitada e estimulada em sua preparação para os estudos, para a vida.

Naturalmente, a convivência com os Xaverianos ia fortalecendo a percepção de valores que norteavam a relação das pessoas:

“O lado humano aqui é gigantesco, permeado de educação

e gentilezas. Gentileza gerando gentileza: ‘Você está bem? Tudo bem com a sua família’” – ouvia frequentemente.

Apesar do pouco tempo no Colégio, durante esse processo de crescimento, Jesiane constatou:

“Você caminha com o Colégio te acompanhando. E isso é muito fortalecedor, pois estou sendo cuidada, não estou só.”

Seu crescimento pessoal no Colégio foi imenso e ela aprendeu muito. Como foi acolhida, aprendeu a acolher, tanto dentro do próprio São Francisco Xavier quanto lá fora – nos ambientes de trabalho, na comunidade, onde estiver.

Jesiane conclui:

“Você se predispõe e fica pronto para qualquer desafio.”

MORAL DA HISTÓRIA

† Aprender a retribuir o bem recebido tem um grande efeito multiplicador: quando se retribui, é uma atitude de gratidão que está sendo lançada que poderá inspirar o mesmo gesto em quem a recebe, formando uma grande corrente do bem.

PONTOS PARA MEDITAÇÃO

† Cultivar a prática da retribuição é uma forma de responder à pergunta do salmista “Que poderei retribuir ao Senhor, pelos imensos benefícios que me tem feito?” (Salmo 116, 12-13)

† A retribuição é uma forma de cultivar e expandir a manifestação de atitudes sinceras de doação.

† Desenvolver a capacidade de experimentar a gratidão pode nos tornar mais permeáveis a retribuir o que temos recebido.

VOCÊ ESTÁ DIFERENTE!

A professora entra na sala: “Bom dia!”. Os Xaverianos vão se acomodando em suas cadeiras. É o início de mais uma aula. É feita a chamada e, na sequência, a professora começa a expor o conteúdo da matéria.

Enquanto fala, os Xaverianos prestam atenção na expressão do seu rosto, como caminha pela sala, o tom de voz, os gestos. E essa rotina vai se firmando na memória dos Xaverianos. Aí ficam registradas as características de cada professor no contexto do dia a dia do Colégio.

Mas haveria de ser diferente em outro ambiente?

As saídas pedagógicas dos professores com os estudantes para atividades externas são uma continuidade do trabalho realizado internamente. Mas há um novo olhar para tudo porque o contato é também diferente, desde o começo da viagem até o destino, e tudo acaba se tornando objeto de estudo, inclusive o comportamento das pessoas nesse novo ambiente.

A professora Rosana Galhardo relata uma experiência muito significativa para ela. Em abril de 2017, após aplicação de um simulado, um Xaveriano comentou com ela:

“Nossa, prô, aqui você está diferente de como você é na sala de aula, está mais solta, mais leve. Na sala de aula você é mais séria.”

O comentário a fez ponderar: sim, “era séria, exigente” – reconhece Rosana. Havia um fundamento naquela observação. Depois desse episódio, lembra, foi aprendendo...

“...que as coisas não são bem assim. É preciso conhecer um pouco melhor o Xaveriano, entender como ele está aprendendo, como acontece esse processo.”

Aprendeu também que a experiência valia para perceber um outro lado do Xaveriano, era um outro momento, um outro espaço, um outro contexto. Sim, havia uma diferença de postura em função do ambiente:

“Na sala de aula, focava bastante o conteúdo, o acadêmico; e, fora da sala de aula, percebi que a interação Xaveriano-professor é muito maior.”

Hoje, Rosana ouve os Xaverianos de uma forma diferente porque é importante saber ouvir para, como ela afirma, “se reinventar”.

MORAL DA HISTÓRIA

† Saber ouvir, com prudência, o que os outros têm a dizer sobre nós é um treino de autoconfiança e de humildade, pois exige de nós reflexões sobre o outro e sobre nós mesmos que podem ajudar a ver quem realmente somos, para além do que pensamos ou queremos ser.

PONTOS PARA MEDITAÇÃO

† Nas mais diferentes formas de comunicação que existem entre as pessoas, a todo momento estamos sendo observados. No momento em que nos comunicamos, somos o destino da atenção do(s) outro(s).

† Da mesma forma que observamos, somos observados. E essa forma, silenciosa, de diálogo é inseparável da condição humana. O que pode nos ensinar esse “estado de observação” que nos une uns aos outros?

† São comuns recomendações de não se deixar levar pela opinião dos outros, da mesma forma que é comum as pessoas terem opiniões que podem ajudar. E essa duplicidade fará parte de nossa vida, tão permeada de relacionamentos.

XAVERIANOS

Padre Guido Del Toro, SJ, fundador, em 1928, do então Collegio Catholico Japonéz São Francisco Xavier, estava atento à continuidade dos estudos das crianças do Colégio.

Depois de sua formação escolar, no 4º ano primário, o que fariam?

Ao longo do período de estudos, o Padre Del Toro observava aqueles que poderiam vir a ter interesse em seguir uma vocação religiosa. Colégio jesuíta, o São Francisco Xavier estimulava e, mais, proporcionava condições para que os estudos pudessem ter continuidade.

Chegado o momento, ao término do curso primário, algumas das crianças que estavam ali no Colégio, em regime de internato, seriam escolhidas e convidadas para dar sequência aos estudos em outro local: Nova Friburgo, Estado do Rio de Janeiro. Aí, na Escola Apostólica do Colégio Anchieta, passariam os anos seguintes fazendo o ginásio e, posteriormente, o Noviciado. Todos os anos, a Escola Apostólica recebia inúmeros alunos que ingressavam em uma nova etapa de sua formação. Era um período em que cada um poderia pensar mais seriamente a própria vocação.

Entre aqueles que estavam na Escola, um grupo especial chamava atenção: eram os descendentes de japoneses do Colégio São Francisco Xavier – a maioria ali presente em função de ter conseguido uma gratuidade no internato, graças à Missão Japonesa, fundada pelo Padre Del Toro,

para auxiliar nos estudos dos que faziam o primário no São Francisco Xavier.

E para marcar esses escolhidos no São Francisco Xavier, que passariam esses anos no Seminário dos Jesuítas no Colégio Anchieta, o Padre Guido Del Toro, desde os primórdios do Colégio no Ipiranga, passou a chamá-los de um modo peculiar – e que se mantém até hoje:

Xaverianos.

MORAL DA HISTÓRIA

† O início de uma nova etapa é a oportunidade de renovação e de reflexão sobre os compromissos que pretendemos estabelecer conosco e com os demais.

PONTOS PARA MEDITAÇÃO

† Fazer parte de um grupo desperta a consciência do pertencimento que ativa em cada um a perspectiva de viver para o fortalecimento e a conquista de um objetivo que é comum a todos que estão ali.

† As denominações identificam grupos e contribuem para revigorar a sensação e os compromissos decorrentes do pertencimento.

† Pertencer é manifestação de vida e se expressa mais intensamente quando se tem o propósito de despertar no outro a essência de pertencimento que há nele.

Antigos reitores, diretores, coordenadores, professores, funcionários e Xaverianos bem como aqueles que integram o quadro do Sanfra gentilmente colaboraram com este resgate de aspectos da história do Colégio a partir de sua história pessoal no São Francisco Xavier.

Formou-se, assim, um diversificado mosaico de temas, olhares, personagens e questões que, abrangendo diferentes períodos e contextos, procuraram resgatar momentos marcantes.

O livro e suas histórias revelam, acima de tudo, o estreito vínculo, a viva relação de afeto, a consistente identidade com o Colégio São Francisco Xavier e com as pessoas com as quais conviveram. E mais: a permanência dos valores da educação jesuíta que receberam e vivenciaram e o quanto isso representou em sua formação como seres humanos, em suas famílias e comunidades às quais se integram.

Uma história-experiência em que ser mais para os demais constituiu – e constitui – o mais valioso aprendizado para o Xaveriano.

*Seja bem-vindo aos próximos
muitos anos de Sanfra*



COLÉGIO SÃO FRANCISCO XAVIER

Rede Jesuíta de Educação



ISBN 978-85-15-04507-5



cód. 15570

